

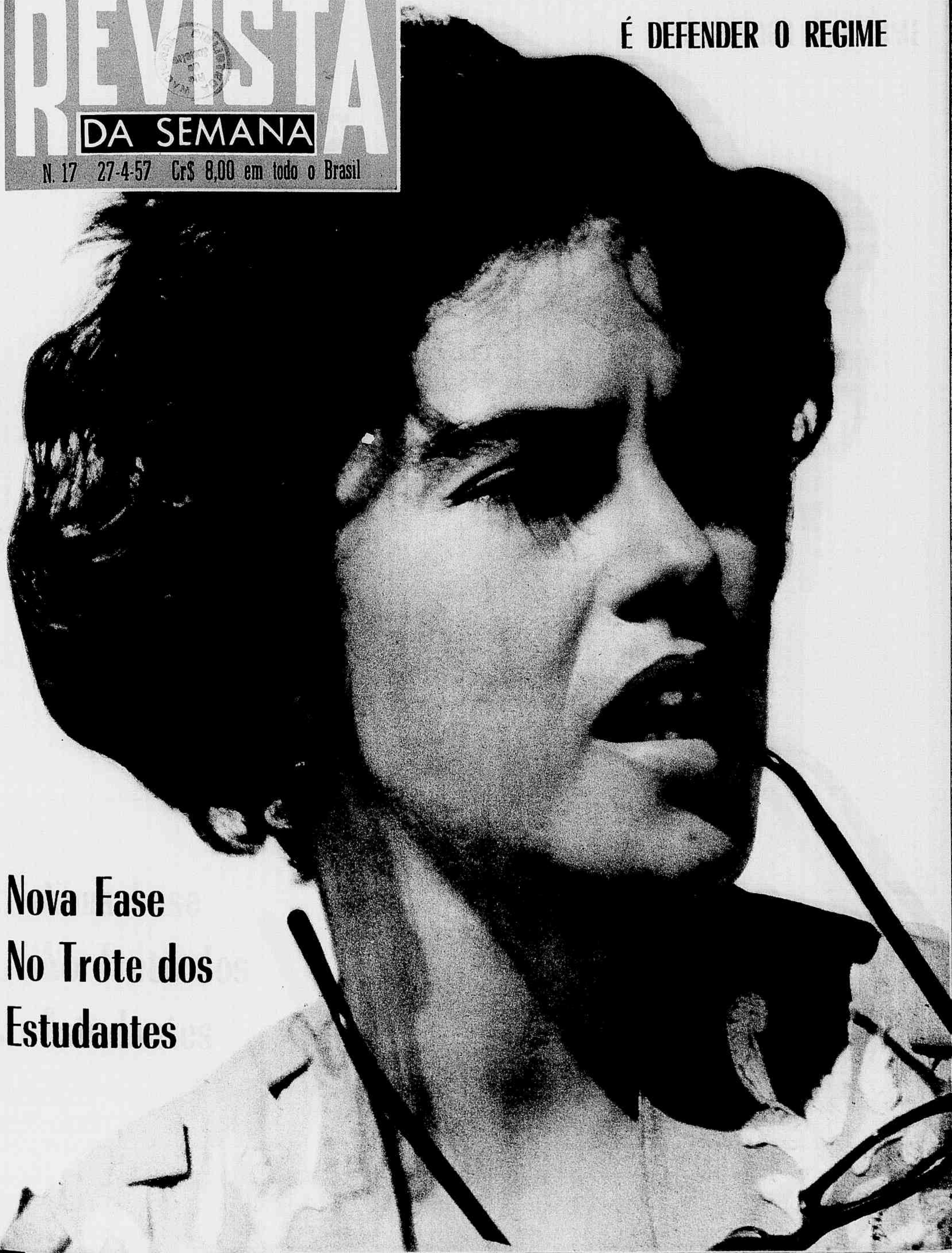
# REVISTA

DA SEMANA

N. 17 27-4-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil

DEFENDER O MANDATO DE LACERDA  
É DEFENDER O REGIME

Nova Fase  
No Trote dos  
Estudantes







♦ Seu nome? Lúcia Maciel e nasceu «no pernambquinho imortal» de que Antônio Maria fala tanto. Tem 18 anos, é filha do deputado José Maciel e de D. Carmem Maciel. Agora desponta, começa a aparecer. Foi convidada para disputar o título de «Miss Pernambuco» e concorrer ao título de «Miss Brasil», e para ser debutante no Rio, no desfile que terá o patrocínio de Ibrahim Sued. Está em dúvida, não sabe se diz sim ou se diz não, se aceita ou se recusa. Mas aceitará. A beleza e a glória vivem indissolúvelmente ligadas, são companheiras eternas e inseparáveis.

Ano 5

DIRETOR  
Helio F.

COLABORADORES  
Augusto  
Carlos  
tuna, F.  
Alves, I.  
Thomas.

♦ REP  
Os «casos»  
Leonor  
Stáble  
Maria H.  
Rod Stei  
Trote na  
direito

♦ HUM  
Fortuna

ASS  
Porte si  
Seis mes  
Registra  
Seis mes

Registra  
Seis mes  
O núm

Tôda cor  
O corpo  
está orga  
pela red  
não pub

Diretor-P  
Diretor-C  
Diretor-G  
Chefe de  
Paginação  
Fotografi  
Desenho  
Laborató  
Redatora

Redação:  
22-5602 -

Na África  
434, Lou  
avenida  
No Urug  
Montevide  
telefone  
em t

A. 2

♦ NOSSA  
sociedade  
tudo para  
agora na



Ano 57 — N° 17 — Rio de Janeiro — 27-4-1957

## DIRETOR

Helio Fernandes

## COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

## SUMÁRIO

## ◆ REPORTAGENS

|                                                        |       |
|--------------------------------------------------------|-------|
| Os «cassadores» de mandatos                            | 4/9   |
| Leonor de Mendonça                                     | 14/19 |
| Stábilis ressuscita e redime Zezé Moreira              | 24/27 |
| Maria Helena gosta da boemia                           | 30/35 |
| Rod Steiger fala sobre a escola                        | 46/49 |
| Trote nacionalista: bossa nova dos calouros de direito | 56/61 |

## ◆ HUMORISMO

|         |       |
|---------|-------|
| Fortuna | 52/53 |
|---------|-------|

Este número consta de 64 páginas.

## ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

|                        |             |
|------------------------|-------------|
| Porte simples — Um ano | Cr\$ 400,00 |
| Seis meses             | Cr\$ 200,00 |
| Registrada — Um ano    | Cr\$ 650,00 |
| Seis meses             | Cr\$ 325,00 |

## ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

|                     |             |
|---------------------|-------------|
| Registrada — Um ano | Cr\$ 800,00 |
| Seis meses          | Cr\$ 400,00 |

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da  
Companhia Editora Americana

|                        |                                           |
|------------------------|-------------------------------------------|
| Diretor-Presidente     | Gratuliano Brito                          |
| Diretor-Comercial      | Ivan Guimarães                            |
| Diretor-Gerente        | Wenceslau Quintais                        |
| Chefe de Publicidade   | J. M. Costa Júnior                        |
| Paginação              | Victor Tapajós                            |
| Fotografia             | A. Vieira e A. Ferreira                   |
| Desenho                | Alberto Lima                              |
| Laboratório            | V. M. Vasconcelos                         |
| Redatores e corretores | S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna |

## ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

## REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

## EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69  
Fone: 34-1569



Maciel e  
de «Miss  
se aceita

◆ NOSSA CAPA — Maria Helena Dias, menina de sociedade que se apaixonou pelo teatro e abandonou tudo para se entregar a ele. Revelação de 56, aparece agora na reportagem de pág. 20, de Carlos Lemos, com ektachrome exclusivo de Yllen Kerr.

## COPACABANA

● Falar mal dela já se tornou hábito na vida do carioca. Anda espalhada na cidade a degradação? O vício tomou conta de jovens e velhos? Sôto caminha o crime? Aberrações degradam homens e mulheres? Então é porque Copacabana existe; a culpada de tudo isso é Copacabana; só em Copacabana nascem aberrações, vícios, crimes e degradações. Grande, enorme, imensa injustiça contra a qual devemos todos protestar, principalmente aqueles que à sombra dela vivem, tão bela, tão digna, tão formosa na sucessão de suas paisagens, sem nenhuma culpa de abrigar maldades e erros que dela não são, mas dos homens, da época, da sociedade.

● Copacabana: que poeta ou escritor cantou-a já com palavras que a apresentem como realmente é, tão bela no seu cenário que ao fundo ostenta, solenes e impávidos, morros nus ou os tristes morros vestidos de favelas? A acariciá-la, com o mais doce dos amôres ou a mais violenta das paixões, o mar, êsse Atlântico que, como um "gentleman" saúda e acaricia a mais bela das praias do mundo ou a mais formosa das cidades. Sim, cidade, porque Copacabana é hoje não apenas um bairro carioca, mas uma cidade, uma bela e grande cidade onde existem Bancos e grandes armazéns, casas de modas e de flores, "boites" e igrejas de vários credos e escolas, praças, ruas de linhas finas ou gordas ruas movimentadas. Há arranha-céus em profusão e, entre eles, palacetes que lembram o passado, aquela época, tão distante em que morar significava ter casa, jardim, pomar e até mesmo um repuxo para o toque necessário da poesia. Li outro dia num cronista que Copacabana foi outrora "um bairro de grande pureza, sem maldade. E hoje..." Tolice: sem pureza e sem maldades fomos todos nós na infância, na adolescência, quando o mundo ainda não sofrera duas guerras atrozes (afora as pequeninas, "guerrinhas" das quais muita gente nem toma conhecimento), quando não se processara a evolução natural que atingiu agora um tão alto ponto, evolução tão comum às pessoas, às cidades, ao mundo. Copacabana foi ingênua quando menina; hoje cresceu, progrediu, avançou, envelheceu, evoluiu, deixou naturalmente seu ar de candura e tomou consciência de seu valor de adulta, de bairro para o qual convergem olhares de inveja ou de simpatia de todos os outros bairros, ela que é sonho e desejo de moradia dos habitantes de pontos mais distantes da cidade. Que culpa tem Copacabana se para ela correm os marginais (odeio esta palavra agora tão na moda), se os desgraçados buscam-na como cenário para seus desregramentos? Por que culpar Copacabana de anormalidades, de vícios se ela nada tem a ver com a desagregação da família brasileira, se nenhuma culpa tem da falta de educação e de preparo da mocidade, se ela nada pode fazer contra a onda de crimes que invade a cidade?

● Copacabana é hoje uma grande cidade; nas grandes cidades o chamado progresso pode se vangloriar de descobertas científicas, de realizações ou criações artísticas, mas também nas grandes cidades é mais fácil o crime crescer, as mazelas sociais se tornarem mais evidentes. Defendamos Copacabana contra essa onda de insultos jogados contra ela. Degenerados, marginais existem em todos os grandes centros, o que não impede que nêles vivam e trabalhem homens bons, uma juventude alegre e sadia, uma mocidade tostada de sol de físico tão são quanto sã é sua inteligência. Defendamos Copacabana que tem para dar a todos, apenas a sua beleza, a alegria constante de sua paisagem sempre renovada.

Por que insultá-la?

ENEIDA



## CARLOS LACERDA

♦ Vem mantendo uma posição exemplar. Tem se defendido apenas com argumentos, procurando fazer compreender a uma maioria desvairada e cega pelos interesses pessoais, que a cassação de seu mandato destruirá também o regime. Tem a seu lado a maioria (esta sim, verdadeira) da opinião pública, e o apoio dos homens que raciocinam com seriedade e dignidade. Pelo menos no momento, o mandato parlamentar do sr. Carlos Lacerda e a segurança das instituições se completam, se fundem, se constituem num bloco sólido e inseparável.



La  
um  
co  
ro  
gr

qu  
ao

sr.  
nu  
da  
igu

de  
con  
era  
a c  
do  
Lee  
à c  
cut

no  
o c  
ger  
o q  
ção

D  
óbv  
e fa



# OS "CASSADORES" DE MANDATO AMEAÇAM A SEGURANÇA DO REGIME

A MAIORIA DECIDIU: CARLOS LACERDA TEM QUE SER PUNIDO ★ A MINORIA FIRME: TÓDAS AS MEDIDAS ESTUDADAS (E PROPOSTAS) SÃO INCONSTITUCIONAIS E PORTANTO INACEITAVEIS ★ O PRIMEIRO TIME DOS "CASSADORES": VÍTOR NUNES LEAL, NEREU RAMOS, ALKMIM E VIEIRA DE MELO ★ OS "COBERTORES" MILITARES: ZENÓBIO, DENYS E BRAINER ★ POSIÇÃO EXEMPLAR DO GENERAL LOTT ★ O MELÍFLUO, SUBSERVIENTE E PRIMÁRIO IVO D'AQUINO ★ E O SR. JUSCELINO KUBITSCHK? TERÁ COMPREENDIDO QUE NESSA BATALHA SE JOGA TAMBÉM O SEU MANDATO?

Reportagem de MAURO BRAGA

Tôda essa agitação começou com a revelação pelo sr. Carlos Lacerda, da tribuna da Câmara (êsse detalhe é importante), de um telegrama cifrado, de número 295, que o Itamarati havia considerado secreto. Logo os inimigos do líder da UDN se alvo- roçaram, e vislumbraram no episódio a possibilidade sempre grata de destruí-lo.

Alguns outros (no ostracismo ou quase) aproveitaram a questão para prestar serviços ao govêrno, e se engrandecer aos seus olhos sempre bem agradecidos.

A primeira idéia de punição ao sr. Carlos Lacerda partiu do sr. Nereu Ramos. E foi logo comunicada ao sr. Vítor Nunes Leal, numa conversa reservada em que os vários aspectos "jurídicos" da questão foram abordados. "Juristas" ambos, e de tradição igual, era natural que se entendessem.

Ficou estabelecido, nesse primeiro encontro, a órbita de ação de cada um. Nereu agiria junto ao sr. Macedo Soares (para convencê-lo de encarecer à Câmara e à nação que a questão era gravíssima), e junto a alguns generais, para despertar-lhes a consciência cívica e mostrar-lhes o perigo que a revelação do telegrama traria para a segurança do país. Ao sr. Nunes Leal coube o papel de montar o dispositivo jurídico necessário à ação, e coordenar a maioria parlamentar para a ação executiva.

O sr. Macedo Soares relutou um pouco mas acabou entrando no jogo. Já a cobertura militar foi facilmente conseguida, pois o general Zenóbio (em vésperas de cair na compulsória) e o general Denys, se prestaram gostosamente à manobra. Também o gen. Brainer foi mobilizado e ficou sendo o elemento de ligação com Nereu Ramos, de quem foi Chefe da Casa Militar.

Durante alguns dias a imprensa situacionista (que por razões óbvias não tolera o sr. Lacerda), martelou na tese da traição, e fez côra com o pedido de cassação.

Aí então, por ordem de entrada em cena, aparece o sr. Vieira de Melo. Já suficientemente "fustigado" pelos generais citados, e depois de "estimulado" pelos srs. Nereu Ramos e Vítor Nunes Leal, faz um discurso de acusação ao líder da UDN, que envergonharia um promotor estreado numa comarca das mais humildes.

Equacionada a questão nesses termos, só então ela foi levada ao sr. Juscelino Kubitschek. O Presidente havia tomado conhecimento rápido do assunto, pois Nereu, Vítor e outros lhe disseram que a questão não tinha importância. E como o Presidente da República estava furioso com a capa da revista "Maquis" (que evidentemente se excedeu e ultrapassou o que deve ser o limite do jornalismo), procuraram explorar a sua raiva e o seu descontentamento. Mas homem de sensibilidade política, nunca poderia passar pela cabeça do sr. Juscelino a idéia de reabrir a crise político-militar, tão presente durante a campanha eleitoral e mesmo depois de empossado.

Ao constatar a grita da oposição, dos jornais independentes e da opinião pública, o sr. Kubitschek se assustou e viu que tinha sido grosseiramente enganado. O caso poderia quando muito, ser de licença para processo. O deputado era inviolável, e falando na Câmara o sr. Carlos Lacerda era inatingível. O Presidente convoca então uma reunião no Catete, o assunto foi amplamente debatido, mas não se chegou a nenhuma conclusão.

Começou então a procura febril de uma solução. Cassar o mandato, pura e simplesmente não era possível. Jamais seriam conseguidos os dois terços exigidos pela Constituição. O sr. Nereu Ramos sugeriu que se cassasse o mandato de Carlos Lacerda, por maioria simples, como se fêz no caso dos comunistas em 1948. Mas mesmo Vieira de Melo e Vítor Nunes se espantaram com a levandade do Ministro da Justiça e não se atreveram a encampar a sugestão. Pensou-se então em outras soluções, tôdas igualmente abandonadas. Até que, a um relam-





## Victor Nunes Leal

◆ Nessa questão está movido pelo ódio terrível que tem ao sr. Carlos Lacerda. Dos ataques que recebeu do líder da UDN, um deixou marcas profundas: o apelido de «pequeno polegar», divulgado pelo sr. Carlos Lacerda. O Chefe da Casa Civil do sr. Juscelino tem acessos incontroláveis de raiva, quando alguém menciona esse apelido que relembra a sua pequena estatura (física). Ele e Nereu Ramos, são (entre os civis), os mais acirrados «cassadores». Vieira e Alkmim «evoluem» para outras soluções. Mas Vitor Nunes Leal e Nereu Ramos só admitem a cassação, de qualquer maneira, por dois terços, por maioria simples ou mesmo por um terço. Até o nome do Presidente da República o sr. Vitor Nunes Leal tem usado indevidamente. O «político» Vitor Nunes Leal compromete a carreira do «jurista» Vitor Nunes Leal. E ambos podem levar o «pequeno Polegar» (perdão, chefe da Casa Militar) à desgraça e ao ostracismo. Já o «Marquês de Maricá» (leitura predileta do doutor Vitor), afirmava «que o ódio não é bom conselheiro».

## Gen. Teixeira Lott

◆ Corretíssima a posição do Ministro da Guerra. Contra a cassação e até o processo do líder da UDN. Foi também contra o fechamento da revista «Maquis». Chegou a brigar com seu amigo (e aliado no 11 de novembro) Denys, mas não modificou sua posição. Merece os aplausos e a admiração do país. E estes aplausos e esta admiração ainda seriam maiores se tivesse punido Mollinaro, Canabarro e os outros notórios agitadores, que foram à Câmara ameaçar o seu funcionamento e afrontá-la visivelmente. Nos dias mais graves da presente crise (11, 12 e madrugada de 13) se o regime ficou de pé, deve-se ao General Lott. Quando os acontecimentos forem contados detalhadamente, esse mérito ninguém lhe roubará.

◆ Lid  
antigo  
acaso,  
elas se  
do sr.  
primei  
vamen  
manda  
do-se c  
com o  
Segura  
estreit  
(chefe  
medida

pague  
do sr.

A i  
em su  
sação  
sob a  
prio p  
dato  
depois  
cesso  
dada  
do lida



# SÃO MAIS TRAIDORES QUE LACERDA: TRÁÍRAM A CONSTITUIÇÃO



**Nereu Ramos**

◆ Líder da maioria por acaso, Presidente da República por acaso, o antigo interventor da ditadura veio a ser Ministro da Justiça também por acaso, ou melhor, por razões que só 6 pessoas conhecem no Brasil. E entre elas se coloca este repórter. No episódio Carlos Lacerda a participação do sr. Nereu Ramos tem sido ativa e violenta. Foi ele que presidiu a primeira reunião, e tem sido ele, até agora, o único a preconizar, ostensivamente, medidas inconstitucionais e radicais. Chegou a sugerir que o mandato do líder udenista fosse cassado por maioria simples, desprezando-se os dois terços exigidos pela Constituição. Garantiu também (jogando com o nome da Justiça) que impediria o julgamento de Mandatos de Segurança ou Habeas-Corpus, caso fossem interpostos. Tem estado em estreito contacto com os meios militares por intermédio do gen. Brainer (chefe da Casa Militar do seu «governo»), e com eles tem concertado medidas contra o líder da UDN.

paguear mais forte ao gênio baiano, surgiu a solução no bico do sr. Vieira de Melo: suspensão do mandato.

A idéia (que repugnaria aos mais impudentes chicanistas) é em suma o seguinte: a Câmara dá início ao processo de cassação do mandato do sr. Carlos Lacerda. Na mesma ocasião, sob a alegação de que o sr. Lacerda pode tumultuar o seu próprio processo, e por simples maioria resolve suspender o mandato do líder udenista, pelo tempo que durar o processo. E depois, de prorrogação em prorrogação, faz esse mesmo processo durar até às próximas eleições. Quer dizer: de uma cajadada matariam dois coelhos. Eliminaríamos o resto do mandato do líder carioca e impediríamos que ele conquistasse outro nas



**José Maria Alkmim**

◆ Amigo íntimo do Presidente da República, o sr. Alkmim não se jogaria nessa batalha, se não tivesse recebido impulso e estímulo «lá do alto». Sua ida à Câmara obedeceu a um plano e procurou criar um clima emocional e popular para a cassação. Fracassou. Continua acirrado e achando «que para as instituições e para o regime, a única saída é a liquidação política do sr. Carlos Lacerda». Esqueceu (ou nunca soube) que a sociedade tem bases jurídicas e que quando estas são violentadas todo o edifício desmorona. Tem a mesma formação moral e as mesmas convicções do sr. Vieira de Melo. O que positivamente não é um elogio. Acha que enquanto durar a agitação do chamado caso Carlos Lacerda, não haverá reforma ministerial e portanto sua situação não será afetada. Como se vê, os «motivos cívicos» e «as explicações patrióticas», dos srs. Vieira de Melo e Alkmim são impressionantemente iguais.

próximas eleições. Mas será que essa gente pensa que uma monstruosidade dessas pode ser aplicada impunemente? Estarão loucos? Ou isso terá outro nome?

Há uma semana a situação era considerada insustentável, e com a ida (acintosa) à Câmara, de alguns coronéis liderados pelos notórios Molinaro e Nemo Canabarro, a crise militar chegou ao auge. Na madrugada de quinta para sexta, quase foi imposta uma ditadura militar, que seria chefiada por Zenóbio, Denys e Mendes. A ação resoluta (e providencial!) do general Lott esfriou os ânimos.

Firme na sua disposição de punir o líder udenista a maioria não sabe no entanto a quantas anda. Todas as soluções estuda-





## Vieira de Melo

◆ Quase derrubado da liderança (a que jamais deveria ter chegado), o deputado baiano resolveu se apegar a essa oportunidade, numa tentativa desesperada de salvar a posição. Comprometido por muitos erros, pilhado em flagrante omissão na questão dos automóveis, o sr. Vieira de Melo sentiu seus dias contados como líder da maioria. A «traição» do sr. Carlos Lacerda pareceu-lhe assim uma questão providencial. E se apegou a ela com unhas e dentes. Pretende em torno dela travar uma batalha longa e cansativa, pois sabe que em plena luta, o sr. Juscelino não pode substituí-lo. Já há muitos anos, o sr. Geraldo Rocha descobriu que «na hora da borrasca não se muda o timoneiro». A preocupação do sr. Vieira de Melo é o governo da Bahia. E para conquistá-lo fará qualquer negócio, descobrirá tantas fórmulas «jurídicas» quantas forem necessárias para imolar o sr. Carlos Lacerda. Cassação, suspensão, licença para processo, tudo serve. O importante é prestar serviços ao governo, e na base deles, obter apoio para sua aventura na Bahia. Não importa que o regime corra perigo, que as atividades normais do país entrem em colapso. É preciso cassar o mandato do sr. Carlos Lacerda, violentar a Constituição, infringir as normas jurídicas para que o sr. Vieira de Melo se mantenha em primeiro plano? Então, não hesitemos. Pois o futuro do sr. Vieira de Melo é mais precioso para o Brasil do que a própria segurança do regime. Salvemos a candidatura Vieira de Melo, e estaremos prestando um grande serviço à república dos sem escrúpulos da qual ele é um dos elementos mais representativos. E quando os homens honestos e decentes nos vierem pedir contas, não hesitemos: repitamos a frase famosa do sr. Nereu Ramos, «maioria é maioria», e estará tudo explicado. Pois é possível esperar outra coisa de uma maioria comandada por Vieira de Melo?

## OS "CASSADORES" DE MANDATO

das foram consideradas ineptas e intempestivas. O que fazer? Recuar? Mas como?

A minoria continua firme e coesa: o sr. Carlos Lacerda não pode ser punido. A incipiente cisão verificada na eleição do Presidente do Partido, foi debelada pela própria ação de seus adversários. Hoje, o partido é um bloco sólido, agindo e trabalhando com um só objetivo.

O sr. Viera de Melo anuncia que descobriu a chave da questão, mas que tem que ser mantida em segredo. Diz ele a amigos



## Ivo D'Aquino

◆ O antigo senador nunca foi homem de muitos princípios ou escrúpulos. Sua subserviência, sua fidelidade ao poder seja ele qual for, é conhecida e reconhecida. É homem de fazer (dôcilmente), tudo «que seu mestre mandar». E nesse caso a ordem foi denunciar o sr. Carlos Lacerda como traidor. E ele não hesitou. Se o Procurador da Justiça Militar fôsse homem de personalidade e agisse pela própria cabeça, toda essa questão não teria surgido. Pois mesmo primário e jurista entre aspas, o sr. D'Aquino deve saber que existe diferença entre imunidade e inviolabilidade. Lembra a frase famosa de Rachel de Queiroz: «os canalhas também envelhecem».



TO

azer?

a não  
ão do  
e seus  
traba-ques-  
migos

## General Denys

◆ O comandante do primeiro Exército é um homem forte no Exército. Dizem que o 11 de novembro foi obra sua. Outro exemplo da sua força está na votação da chamada «Lei Denys». Chegou à idade da reforma, não quis o ir para a casa, e obrigou o Executivo e o Legislativo a promulgar uma lei que o beneficiasse. Agora, está usando todo seu prestígio e toda sua força contra o sr. Carlos Lacerda. Mas os mais bem informados dizem que o «caso Lacerda» é apenas uma pedra no caminho do sr. Denys. O que ele visa realmente (desde já), é prorrogar de qualquer maneira a sua permanência no Exército, permanência que terminará (inapelavelmente) em fevereiro próximo. Aliou-se a Zenóbio (de quem estava afastado) e atritou-se com Lott (até há pouco seu grande amigo) e não é segredo que nessa questão estão em campos opostos. Não temos nenhuma dúvida em afirmar: enquanto o sr. Denys não for reformado o Exército brasileiro não será pacificado. Pois ele é um dos mais notórios e mais assíduos agitadores. Em toda a sua vida, aliás, não tem feito outra coisa. E todo o Exército sabe disso.

Intimos que será uma bomba. Mas logo depois se sabia que essa bomba é apenas o andamento dos vários pedidos existentes na Câmara (e de outros que vão ser providenciados) para processar o sr. Carlos Lacerda. Então, por ter desvendado um código dito secreto o sr. Carlos Lacerda seria punido pela falsificação da Carta Brandi e pelo contrabando de armas. Só mesmo "o cérebro jurídico" do sr. Vieira de Melo seria capaz de inventar uma coisa dessas.

Os jornais da oposição e a opinião pública, têm reagido violentamente: o mandato do sr. Carlos Lacerda está hoje perfei-



## General Zenóbio

◆ Forma no primeiro time dos «cassadores». Mas suas razões são conhecidas: cai na compulsória no dia 9 de maio (às portas), e só quem pode salvá-lo é o presidente da República, com a aplicação da «Lei Denys». E como não estivesse nas boas graças do sr. Juscelino ou do sr. Lott, resolveu prestar serviço ao governo. Achou que para isso nada melhor do que liquidar o sr. Carlos Lacerda. E meteu mãos a obras. Juntou-se ao gen. Denys (com quem estava rompido) e ambos resolveram garantir ao sr. Juscelino (ou aos seus porta-vozes), que mesmo com a cassação do mandato do sr. Carlos Lacerda, o regime não correria perigo, pois eles falavam em nome do Exército. Com o passar dos dias cada vez se desespera mais, pois nenhum passo ainda foi dado para a sua convocação. E enquanto ela não vem o general agita, intriga, fica nervoso, conspira, e passa as noites em claro. Pois todas as suas convicções democráticas se restringem a isso: ser beneficiado pela Lei Denys.

tamente identificado com a segurança do regime. Impossível destruir um e salvar o outro.

O sr. Juscelino Kubitschek terá compreendido que nessa batalha, ao lado do mandato do sr. Carlos Lacerda, se joga também o seu? O Presidente da República estará lúcido e bem esclarecido nessa questão? Não parece. Pois se o estivesse, não procuraria reabrir uma crise militar e política que tantos aborrecimentos já lhe proporcionou. E não se iluda o Presidente: a castração do Legislativo (que a tanto equivale a punição absurda de um deputado), não pode ser efetuada impunemente. Pense nisso Presidente, e desencoraje os seus incipientes e afoitos juristas.



# Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

## UM LIVRO

### A OBRA-PRIMA DE CURTIUS EM PORTUGUÊS

◆ GRAÇAS AOS esforços, e à inteligência de Augusto Meyer, à época diretor do Instituto Nacional do Livro, pôde a referida repartição do Ministério da Educação e Cultura entrar em contacto directo com o grande escritor alemão, ensaísta de fama universal «Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter», a fim de apresentar uma tradução portuguesa de seu livro mais importante. Um prefácio especial chegou, mesmo, a ser solicitado ao ensaísta, que infelizmente não chegou a fazê-lo, de vez que já então lhe faltavam forças para tanto, combatido que estava seu organismo pela doença que alguns meses depois, afinal, leva-lo-ia ao túmulo. Autorizada foi porém a tradução, e dela incumbiu-se o senhor Teodoro Cabral, assessorado pelo escritor Paulo Rónai, e supervisionados, ambos, por Augusto Meyer, que em sucessivas conversas com o colunista nunca escondeu o carinho e a dedicação que a obra lhe estava a merecer. Circunstâncias diversas, que não convém comentar, fizeram com que Augusto Meyer deixasse de dirigir o Instituto Nacional do Livro, o que fazia desde sua fun-

dação, substituído pelo senhor José Renato Santos Pereira. Agora, afinal, aparece esse grosso «Literatura Européia e Idade Média Latina», aparecimento cujo mérito, quer-nos parecer, cabe por inteiro ao senhor Augusto Meyer, seu idealizador (1).

Tecer elogios à obra-prima de Ernst Robert Curtius seria vão: esse é livro que pertence a um pequeno lote de volumes sobre os quais já nada mais se pode dizer, a não ser palavras de irrestrita admiração e louvor, e por isso, também inúteis seriam quaisquer tentativas no sentido de restringir-lhe o valor. No entanto, quando o livro, na tradução portuguesa, estava para ser lançado, sabemos que o senhor Eurialo Canabrava estranhou que se fizessem tão grandes esforços numa edição que, a seu entender, não os merecia. Questão de opinião, talvez. Na nossa, por exemplo, essa iniciativa vem mais uma vez provar que, em meio a muita imbecilidade e a muita irresponsabilidade, de quando em quando surge um sinal inequívoco de que já existe, no Brasil, ambiente para os grandes empreendimentos culturais, já possuímos, felizmente, meio para que uma edição como a presente possa vir a ser publicada — se bem que às custas do Governo — menos de dez anos após a primeira edição alemã (de 1948), publicada em Berna por A. Francke AG Verlag, e somente dois anos após a edição castelhana, editada pelo Fondo de Cultura Económica (México, Buenos Aires). Ao que saibamos, a edição brasileira é a quarta a ser feita, a primeira sendo a original, a segunda, a inglesa, a terceira, a espanhola. Falam-nos dados concretos sobre a existência de uma tradução francesa, que certamente existirá.

Quanto ao valor da presente edição, podemos sem sombra de dúvida afirmar que é grande, que é mesmo muito grande, cotejadas como foram as várias traduções já existentes, com o original alemão, para a elaboração da tradução brasileira, cuidadosamente estudados, em suas minúcias, os textos citados por Curtius, em número incalculável. Botamos, sem medo a mão no fogo (perdoem-nos a expressão os leitores) pela presente edição: organizou-a, tratou-a com carinho, policiou-a, o intelectual sério e competente que é Augusto Meyer.

(1) «Literatura Européia e Idade Média Latina», de Ernst Robert Curtius. Tradução de Teodoro Cabral, com a colaboração de Paulo Rónai. Biblioteca Científica Brasileira, Série B — V. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957. 667 páginas.

## POESIA

### POEMA DE NOIVADO

*Em mim procuraste um sol, mas estarias  
seguro de teu rumo? Em mim constróis com serenidade  
teu desejo de eterno. Plantas suavemente  
a palavra de teu filho e preparas um túmulo.  
Noivo, dói-me sentir a condição de única  
e não me encontro em resplendores de esperada.  
Tua escolha feriu a minha solidão. Teu chamado  
feriu meu corpo. Já não sei de outro rumo  
que o teu aceno. Já não sei de outro sonho.*

*Como quiseste escolher-me, não percebo,  
se jovens alegres crescem ao redor de ti.  
Noivo, por que me chamaste agora  
que meus olhos são dois abismos de medo?  
Por que praticarmos o sonho  
quando minha alma suplica apenas silêncio?*

*Recolho o que me resta e te ofereço:  
gigantes fanados na roxa infância sem matizes,  
um sempre desamparo, o sofrimento fácil  
e as marcas do desterro na minha alma.  
Que farás da paisagem neutra que te entrego,  
calendário sem cor, marcando imponderáveis datas?*

CELINA FERREIRA

## ARTE

### O SALÃO MODERNO AS PORTAS!

◆ DENTRO DE mais alguns dias, será inaugurado, como sempre no salão de exposições do Ministério da Educação e Cultura, o Sexto Salão Nacional de Arte Moderna, como sempre com a participação, já garantida, de alguns dos melhores artistas plásticos de todo o Brasil. As inscrições estão encerradas desde o dia 22, tendo começado a 8. Fazem parte da subcomissão organizadora do Salão os senhores Geza Heller e Rui Alves Campelo. O júri que julgará as obras está composto dos senhores Lourival Gomes Machado, Frank Schaefer e

◆ OS PRÊMIOS serão conferidos, no final do Salão: um prêmio de 10 mil cruzeiros e dois de 5 mil, e mais «certificados de isenção», até um limite máximo de 8, sendo que os artistas contemplados com prêmios de aquisição também receberão certificados de isenção de júri para os salões futuros. Os grandes prêmios, ambicionados pela totalidade dos expositores, são todavia os de Viagem ao Estrangeiro, e os de Viagem ao País. Um prêmio de viagem ao estrangeiro será concedido a pintor, outro a escultor, arquiteto, gravador, desenhista ou decorador; um de viagem ao país será atribuído a pintor já vencedor do prêmio de viagem ao estrangeiro em salão anterior, outro, também de viagem ao Brasil, a escultor, arquiteto, desenhista, gravador ou decorador nas mesmas condições.

◆ OBRIGAÇÕES — A entrega dos prêmios acima será feita em cerimônia solene, a ser realizada antes do encerramento do Salão, com a presença do Ministro da Educação, dos membros da Comissão Nacional de Belas Artes, das subcomissões e dos júris. Os artistas premiados com viagem são obrigados a partir até 90 dias após o recebimento das respectivas importâncias, e quando de sua volta, devem, dentro de 120 dias, expor os resultados da sua viagem, em mostra patrocinada pela Comissão Nacional de Belas Artes. Os prêmios são atribuídos unicamente a artistas, nascidos no Brasil, que no país tenham feito os seus estudos. Estará extinto, tão logo tenha sido realizada a entrega dos prêmios, o júri de premiação.



## LIVROS EM DESFILE

Cotação: \* ruim; \*\* medíocre; \*\*\* regular; \*\*\*\* bom; \*\*\*\*\* muito bom.

◆ **AS MEDITAÇÕES**, de Marco Aurélio, filósofo e imperador romano (121-180), acabam de ser vertidas para o português, pela senhora Lúcia Miguel Pereira — um de nossos mais sérios intelectuais. Não sabemos, contudo, se a tradução foi feita do original grego, já que nenhuma indicação a respeito nos é dada, no livro. Cremos, porém, que a tradução para o português foi efetuada a partir de alguma edição inglesa, ou francesa (José Olympio, Rio, 1957. Col. Rubáiyát. 190 páginas).

◆ **SOBRE OUTRA** tradução desejamos falar: sobre a de Oswaldino Marques, de «The Marriage of Heaven and Hell», de William Blake. Acreditamos tenha sido essa a primeira versão portuguesa da obra-prima do grande metafísico inglês, e só nos podemos congratular com o seu realizador, e com os editores, pelo magnífico trabalho apresentado. Pois em verdade, a tradução de Oswaldino Marques é excelente, nela demonstrando o poeta de «Usina do Sonho» conhecer a fundo não só o idioma britânico, como o seu próprio. Por isso, a linguagem solene, misteriosamente simbólica, arcaica e ao mesmo tempo profética de William Blake encontrou em nosso idioma seu equivalente perfeito — o que, todos sabemos, não acontece todos os dias. Quanto à parte gráfica do volume, é ótima, e ainda o texto original e algumas gravuras de autoria do próprio Blake — grande gravador, igualmente — acompanham a edição, que só um defeito possui: a tiragem limitada a apenas 300 exemplares (Civilização Brasileira. Col. Maldoror. Rio, 1956. 55 páginas, texto original e gravuras).

◆ **CELINA FERREIRA**, com o livro «Nave Incorpórea», mereceu o prêmio do concurso feminino de poesia patrocinado pela «A Gazeta», de São Paulo. Tivemos, só agora, a oportunidade de ler o livro, e acreditamos, sinceramente, na justiça daquela outorga. Pois «Nave Incorpórea» pareceu-nos livro de legítima, de sentida e profunda poesia, de grande poesia, por vezes. Toda a primeira parte do volume («Poemas do Destêrro») composta de seis poemas, é de uma beleza comovente, e, a nosso ver, bastaria para garantir, a Celina Ferreira, um lugar de destaque entre nossos poetas moços, que agora se iniciam nos caminhos da poesia. Já a segunda parte, «Poesia Cúmplice», não nos tocou tanto, embora aqui e ali — como nesse «Poema de Noivado», aqui reproduzido — reconheçêssemos a presença de um poeta verdadeiro, em meio a tantos falsos poetas (Edição patrocinada pela «A Gazeta», de São Paulo, 1955 (terminou-se a impressão em fins de 1956). 97 páginas. Cotação: \*\*\*\*).

◆ **RODRIGUES MARQUES** é um jovem ficcionista maranhense, muito apreciado pela crítica quando, em 1954, publicou seu livro de contos «Noite sem Limite». Agora, tenta ele o romance, com «Chão do Inferno». Começamos com entusiasmo sua leitura, mas logo às primeiras páginas a decepção nos assaltou. Fechamos pelo meio o romance de Rodrigues Marques, na certeza de que esse jovem escritor, cujos principais defeitos são o permanente desviar do fio da meada, dê-se para aquele assunto, a exploração de efeitos fáceis, como sexo, palavras, etc., e a imaturidade em tratar, analisando-o, o comportamento psicológico dos vários figurantes de «Chão do Inferno», sem contar a presença irritante de inúmeros lugares comuns, no texto, e mesmo erros primários de gramática (logo à primeira página: «...por onde poderiam mergulhar, logo escurecesse, e assistirem a tragédia...»), muito tem ainda que aprender e praticar, antes de escrever o romance que dele se espera (Edição particular, Rio, 1957. Capa de Edson Guedes de Moraes. 205 páginas. Cotação: \*\*\*).

## REPORTAGEM-MIRIM

### FICÇÃO, ARMA SECRETA DE MINAS

◆ **DO PONTO** de vista literário, e para só penetrar no campo da ficção, 1956 foi um ano mineiro: não só no seu decorrer o fabuloso João Guimarães Rosa publicou dois grossos volumes de novela e mais seu primeiro romance, enquanto o veterano Ciro dos Anjos abalava o país — em seus meios literários e políticos — graças ao romance «Montanha», como também três estréias de grande mérito ocorreram: a de Rui Mourão («As Raízes»), Mário Palmério («Vila dos Confins») e Campos de Carvalho («A Lua Vem da Ásia»). E 1957 começou com a edição de outro livro de autor mineiro, «Bôca do Inferno», contos de Oto Lara Rezende — o que nos permite supor que também ele nos venha a apresentar, em seus meses sucessivos, mais alguns poucos romances, novelas e livros de contos mineiros. Ainda não existe uma «Escola Mineira» de Ficção, tal como existiu, no passado, uma Escola Mineira de Poesia: mas que caminhamos para uma, parece não haver dúvidas. Os escritores mineiros possuem muitas características em comum: o gosto pelo introspectivo, o apuro gramatical, certo pudor e recato em tratar temas delicados, o amor à política, etc. São eles, na atualidade, a força mais poderosa e ativa de nossa prosa de ficção, a despeito de um ou outro romance nordestino que ainda cisma em aparecer, de vez em quando, na praça.

### CIRO DOS ANJOS

— É, o veterano romancista de «Amanuense Belmiro», um dos corifeus da moderna prosa de ficção mineira. A publicação de «Montanha» («Montanha» é Minas Gerais, em termos de ficção) em maio de 1956 foi acontecimento que ocupou as primeiras páginas de jornais e revistas, transformou-se em assunto obrigatório em rodas de escritores, políticos e jornalistas. Bem verdade que, para tal, contribuíram bem mais fatores extra-literários. Assim é que Pedro Gabriel, personagem central do livro, foi identificado por certo jornalista como uma «mistura em doses ideais dos senhores Capanema, Francisco Campos e Benedito Valadares». E uma lista de pessoas reais que figurariam no romance, sob disfarces literários, abrangeia nomes como os de Pedro Aleixo, Milton Campos, Getúlio Vargas, Artur Bernardes Filho, Olegário Maciel, Juarez Távora, Alkmim, Estilac Leal, Schmidt, Chateaubriand, etc. O próprio Ciro estaria disfarçado sob as roupas de Policarpo... Dizem as más línguas que o livro esgotou-se em pouco, de vez que cada personagem fez questão de adquiri-lo, a fim de ver se o próprio retrato estava ou não fiel...

### GUIMARÃES ROSA

— Guimarães Rosa é um fenômeno estranho em nossa Literatura de Ficção. Em 1946, publicou «Sagarana», série de contos regionais, que logo chamou a atenção. Dez anos se passaram, ao fim dos quais o autor, que é diplomata de carreira, sapou logo sobre o público as novelas que constituem os dois volumes de «Corpo de Baile», e o grosso, difícil e lindo romance «Grande Sertão: Veredas», que já foi comparado às sagas nórdicas, às sinfonias de Brahms, etc. etc. O estilo de Guimarães Rosa é precioso, e o escritor, não satisfeito com seu português nativo, fez questão de criar sua própria linguagem. Resultado: a muita gente parecem ilegíveis longas páginas de «Grande Sertão: Veredas», frases inteiras postas na boca dos personagens soam como balbúcius sem nexo de irresponsáveis. Mas a beleza poética dessa mesma linguagem, a autenticidade literária do estilo, não escaparam a muitos observadores. Guimarães Rosa, há pouco contemplado com o Prêmio Carmen Dolores Barbosa, talvez seja, no momento, o romancista brasileiro cuja obra obtém mais repercussão.

— É o mais moço de todo o grupo, mas sua literatura nada fica a dever à de nenhum dos escritores citados. Sério ficcionista, cujo primeiro romance, «As Raízes», prêmio Cidade de Belo Horizonte de 1955, traduz uma legítima vocação de romancista dotado com os instrumentos mais sutis e raros. Faz parte dos que exploram os caminhos in-

### MÁRIO PALMÉRIO

— Com Mário Palmério deu-se caso interessante e inédito: esse deputado pelo PTB (quarentão, advogado, professor) um dia resolveu botar em livro, em termos de romance, as peripécias ocorridas quando de passadas eleições em Minas Gerais. Reuniu as suas experiências nesse campo, inventou alguma coisa, fez um romance e foi levá-lo, desconfiado e ansioso, tímido como todos os estreitantes, a Rachel de Queiroz, que então ainda morava na Ilha que depois abandonou: desejava uma opinião sincera. A opinião sincera veio — e favorável. Mais uns poucos meses, e o livro saía pela José Olympio, com prefácio de Rachel de Queiroz, capa (berrante) de Poti, e vasta publicidade garantida. Palmério virou lugar-comum nos suplementos literários. A nosso ver endeusaram-no em demasia, embora seja escritor de talento, sabendo manejar o idioma, dotado de imaginação e de força poética. «Vila dos Confins», aliás, parece uma mistura de «Montanha» com «Grande Sertão: Veredas» — o que não quer dizer que Palmério tenha copiado nem o senhor Ciro dos Anjos, nem Guimarães Rosa.

### CAMPOS DE CARVALHO

— Também quarentão, também advogado, amigo de Mário Palmério, de quem foi mesmo companheiro de quarto, na mocidade, Campos de Carvalho não é propriamente um estreante, pois já publicara, «Tribos», série de ensaios que de ensaios nada possuem. «Era necessário, porém, dar um nome àqueles escritos, e como eles não fôssem, como averigui, poemas, nem contos, nem crônicas, nem nada, dei-lhes o nome de ensaios». Foi com «A Lua vem da Ásia» — novela incongruente, a narrativa de um louco trançafiado no hospício e realizando, em devaneios, as mais incríveis aventuras — que Campos de Carvalho abalou nosso meio literário. Críticas favoráveis e desfavoráveis aparecem e continuam aparecendo nos suplementos, a seu respeito. E a pergunta obrigatória, nos meios competentes, é se Campos de Carvalho é louco, ou não. O próprio escritor confessa suas simpatias pela loucura, lamentando ser ainda demasiadamente lúcido. De qualquer forma, advogado do IAPC e com bom apartamento em Copacabana, é um dos loucos mais bem remunerados do país.

### RUI MOURÃO

sólitos do inconsciente, tentando o romance psicológico com êxito surpreendente. Há, em «As Raízes», momentos de rara força literária, e seu autor pode ser filiado ao grupo de jovens escritores que continuam a tradição de um Ciro dos Anjos — o romance introspectivo — na atualidade. Tem 26 ou 27 anos, e grande futuro pela frente.



CRÔNICA

# UM RECORTE

◆ Encontro ao acaso um recorte do ano passado que fala sobre o Rio Antigo e vem assinado por J. C. Dunlop. Desta cidade tão bela e tão falada sabemos muito dos seus dias de ontem, mas quase nada sabemos do invento do rádio, desembarcando aqui por quem e onde. É nesse magnífico tópico que sabemos de tanto e que se aqui faço repetir é para aqueles que se interessando nesses tempos de agora pelo rádio gostarão sem dúvida de saber do seu gatinhar neste Rio de outros tempos. Diz ele:

«Uma das notas curiosas da Exposição do Centenário da Independência foi, sem dúvida, a apresentação entre nós, da grande invenção da radiotelegrafia. Tratava-se da última descoberta da ciência elétrica, constituindo o passatempo preferido das populações de Nova Iorque, Londres, Paris e outras capitais importantes. Os grandes concertos, os espetáculos de ópera, a voz dos cantores, discursos e conferências podiam ser ouvidos por toda a parte, simultaneamente, graças a essa prodigiosa invenção que permite transmitir a voz, a palavra, o som, por meio das ondas hertzianas.

Na noite da abertura da Exposição, a 7 de Setembro de 1922, os que transpunham o portão principal sentiam-se imediatamente atraídos por um grupo que parecia procurar qualquer coisa no ar. A aglomeração aumentava e todos instintivamente como que fascinados por uma força misteriosa e irresistível, erguiam a cabeça. Súbito houve um silêncio. As atenções voltaram-se para um ponto onde estava colocada uma enorme corneta. E as notas da canção do Aventureiro do «Guarani» encheram o ambiente da sua melodia. Os acordes vinham um tanto imprecisos lembrando às vezes a sonoridade dos fonógrafos primitivos. Mas permitiam que se distinguisse nitidamente a ópera que, naquele mesmo instante, em espetáculo de gala, estava sendo cantada no Teatro Municipal. Soube-se então do que se tratava: era um aparelho de rádio telefonia cuja estação transmissora de 1 kw. fôra montada no alto do Corcovado pela Westinghouse Electric Co., em colaboração com a «Light» e a Cia. Telefônica Brasileira, em homenagem ao nosso país. Essa estação de rádio — a primeira em todo o Brasil — representou uma soma considerável de esforços, dignos, realmente de louvor. Instalaram-na o engenheiro N. H. Slaughter e seus dois assistentes, srs. Black e Bair, especialmente vindos dos Estados Unidos para esse fim. Os aparelhos receptores em número de dois estavam colocados em pontos diferentes no recinto da Exposição e, durante muitos dias, despertaram viva curiosidade no espírito dos numerosos visitantes. Assim que os alto-falantes funcionavam a multidão maravilhada se apinhava para ouvi-los, constituindo essa novidade um dos grandes atrativos do certame. Além desses, outros receptores haviam sido instalados no Palácio Monroe, no Palácio do Catete, nos ministérios, no gabinete do Prefeito, em algumas residências nesta Capital e na Prefeitura de Petrópolis. Os aparelhos na Exposição, no Monroe, e no Palácio do Catete eram do tipo alto-falante isto é, podiam ser ouvidos por muitas pessoas; os demais eram de fones para uma pessoa somente, com válvulas, ou baseados no cristal de galena. Quanto aos programas eram renovados todos os dias ouvindo-se concertos, óperas cantadas nos teatros Municipal e Lírico, discursos, etc., entremeados de anúncios do locutor improvisado Mário Liberalli, aconselhando a aquisição de Bônus da Independência, «de que nenhum bom brasileiro podia prescindir». No dia 15 de Setembro, a convite dos diretores das companhias «Light» e Telefônica, realizou-se no Pavilhão das Indústrias uma demonstração desse maravilhoso invento, a que compareceram várias pessoas de destaque social, membros da Comissão Organizadora da Exposição e a imprensa. Ouviram-se nesta ocasião, diversas peças musicais. Depois da audição dirigiram-se os convidados ao Monroe, onde foi feita outra experiência de radiotelegrafia em idênticas condições, numa ligação direta com o alto do Corcovado, após o que foi servida uma lauta mesa de doces e champagne. Notava-se entre os presentes, além dos técnicos da Westinghouse, os srs. A. W. Bunen, J. C. Stroebe, C. A. Sylvester, C. M. Mauseau, João do Rêgo Barros, Alfredo Maia e muitas outras pessoas.

## EM MATÉRIA DE DISCOS

PARA QUEM GOSTA DE XAVIER CUGAT

- ★ RUMBA: OYE NEGRA
- ★ TANGO: EL CHOCLO
- ★ CONGA: CUBA LIBRE
- ★ BEGUINE: BEGIN THE BEGUINE
- ★ MAMBO: EL MAIJUANO
- ★ PASO DOBLE: TORADAS EM MADRID.

CINCO BONS ITALIANOS (CANTA: MICHELANGELO VERSO)

- ★ MAMMA
- ★ CANTO AL AMOR
- ★ TI VOGLIO TANTO BENE
- ★ ITALIA MIA.

OS DEZ MAIS VENDIDOS DA SEMANA

- ★ BALLADS OF THE DAY (Nat Cole Capitol)
- ★ PRIMAVERA EM PARIS — Jacqueline François (Columbia)
- ★ FEITO PARA DANÇAR N. 6 Waldir Calmon (Radio)
- ★ GO — Percy Faith (Columbia)
- ★ MELODIAS PARAGUAIS — Samuel Aguayo (RCA)
- ★ MÚSICA A MEIA NOITE — Carmen Cavallaro (Decca)
- ★ AMOR E MÚSICA — Frank Purcel (Odeon)
- ★ SÓ PARA DANÇAR — Les Elgart (Columbia)
- ★ DANCE COMO SONORO MATANCERA (Mocambo)
- ★ FÉRIAS EM CUBA — Don Marino Barreto Junior (Mocambo)



## UM FLASH

### IVON CURI, OU O CANTOR MAIS CARO

◆ Mês e meio passou Ivon Curi em terras portuguesas e volta agora não para descansar, mas para seguir trabalho na Rádio Nacional. Contou-nos de sua temporada, do seu beijo prolongado com a estrela Pampanini, do êxito que obteve durante toda a temporada em Portugal. Depois seguiu para a Espanha onde deixou um L. P., sem dúvida estranho, pois nas suas faces ficaram gravadas melodias em inglês, francês, espanhol, português (de Portugal) e português da casa. Ivon Curi cumpria um contrato onde embolsava em nossa moeda cerca de 20 mil cruzeiros mensais! Volta agora trazendo cinco propostas, sendo que nenhuma delas é insignificante quanto esta última.





## DOIS CÔMICOS E DUAS ESTRELAS SÃO NOTÍCIAS

♦ **BADARÓ** surgiu em São Paulo, que é seu chão. Seu nome todo é: Mancio edair Badaró, mas num instante como Badaró somente começou a ser aplaudido. Veio para o Rio e já pisou em vários palcos com companhias variadas e é também dos programas da Rádio Nacional.

♦ **LINDA RODRIGUES**, uma cantora que caminha com segurança. Já atuou em quase todas as emissoras cariocas e nos deu sucessos enormes em discos. Quando houve a epidemia dos sambas terríveis como «Vingança» Linda marcou sucesso enorme com um que tinha o nome de «Lama». (Mayrink)

♦ **PITUCA**, outro novo que já ganhou um cartaz altíssimo não só dentro do rádio (Nacional) bem como no teatro e no cinema. O seu mais recente êxito foi na TV, naquele «Caboclo Aponta O Sucesso», como Don Pituca, o boneco. Agora sabe-se que ele não aparece mais ali, o que é uma pena.

♦ **DALVA DE ANDRADE**, mais uma voz nova que surgiu no rádio com o nome de Dalva Baraúna. Tem gravado vários sambas bonitos, mas, como dizem os compositores «não abriu ainda uma flor». Mas isso não tardará, pois a moça canta bonito, escolhe bem seu repertório e a sorte vai chegar.

### UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

## ESTA MOÇA QUE FAZ RIR

♦ Há por esse mundo agora um punhado de artistas empenhados na arte de fazer rir. Agora mesmo a gente lê a tragédia de Red Skelton, que tem como certo o diagnóstico de seu filho, um diagnóstico que quer dizer, morte inevitável. Ele parou, se perdeu dentre as injustiças do mundo, mas agora volta com a sua dor enorme, empurrando essa mágoa com a cara limpa, de palhaço moderno, para cumprir o seu mandato eterno. A vida rola do jeito que ela quer, e mal sabemos o que há de ser de caminho para cada um de nós, quando ainda carregamos aqueles verdíssimos e inocentes anos.

♦ **EMA D'AVILA** — Dizer em três traços a moça artista que todo mundo sabe, é mais certo, em linhas tão pequenas. Veio ela da terra gaúcha e num tempo de rádio mirim, foi fazer teatro, num tempo em que também teatro era coisa pequena. Lutou e aí está. Ema D'Avila, sangue e coragem de uma raça de artistas foi eleita a melhor atriz cômica de 1956. Fêz justiça a comissão quando lhe entregou esse título e o troféu da «Revista do Rádio». A moça que é a dona Isaura, dos programas de Haroldo Barbosa na Mayrink, é outra Ema também, em casa com dois brotos lustrosos que com o correr dos dias vão querendo se chegar para os microfones. E pai e mãe dentro de casa não dão breque na vocação de ninguém, tanto assim que o mais velho Joaquim Antônio — que já tem nome artístico de Joaquim D'Avila — já está no ar trabalhando na Mayrink de segunda a sexta-feira na novela de Amaral Gurgel, «Hotel do Luar» (14:30) e na Mundial em «Eleitos de Deus» (17:40). O outro é Carlos Antônio, que mais dia menos dia há de ser Carlos D'Avila, quem sabe, mais um D'Avila famoso com a «velha» ou com o titio Walter D'Avila. E assim vivem os do rádio, vivendo, trabalhando, ganhando, no rádio... para quando chegar em casa ouvir rádio e história do rádio na boca das crianças.



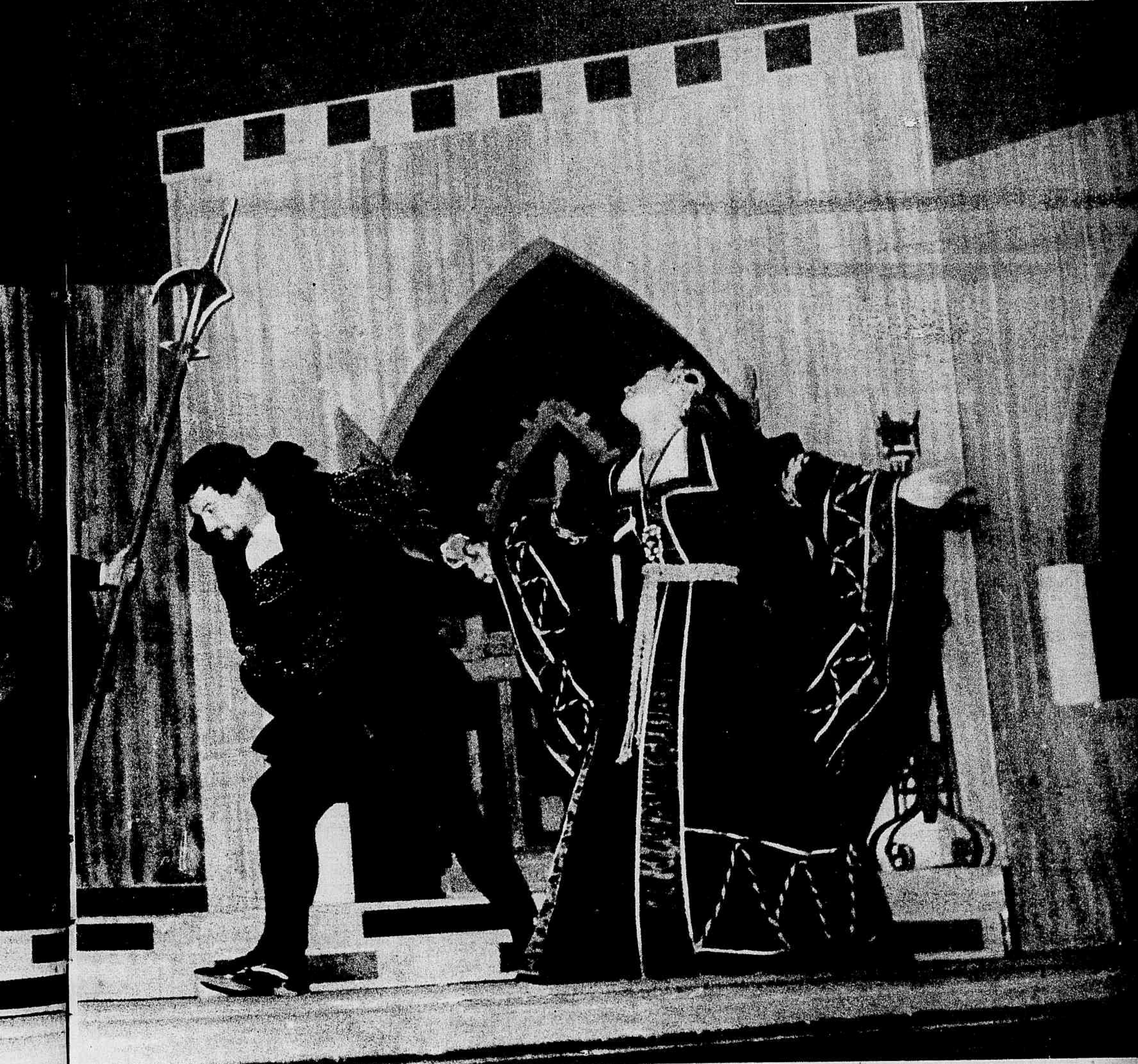




LEONOR DE



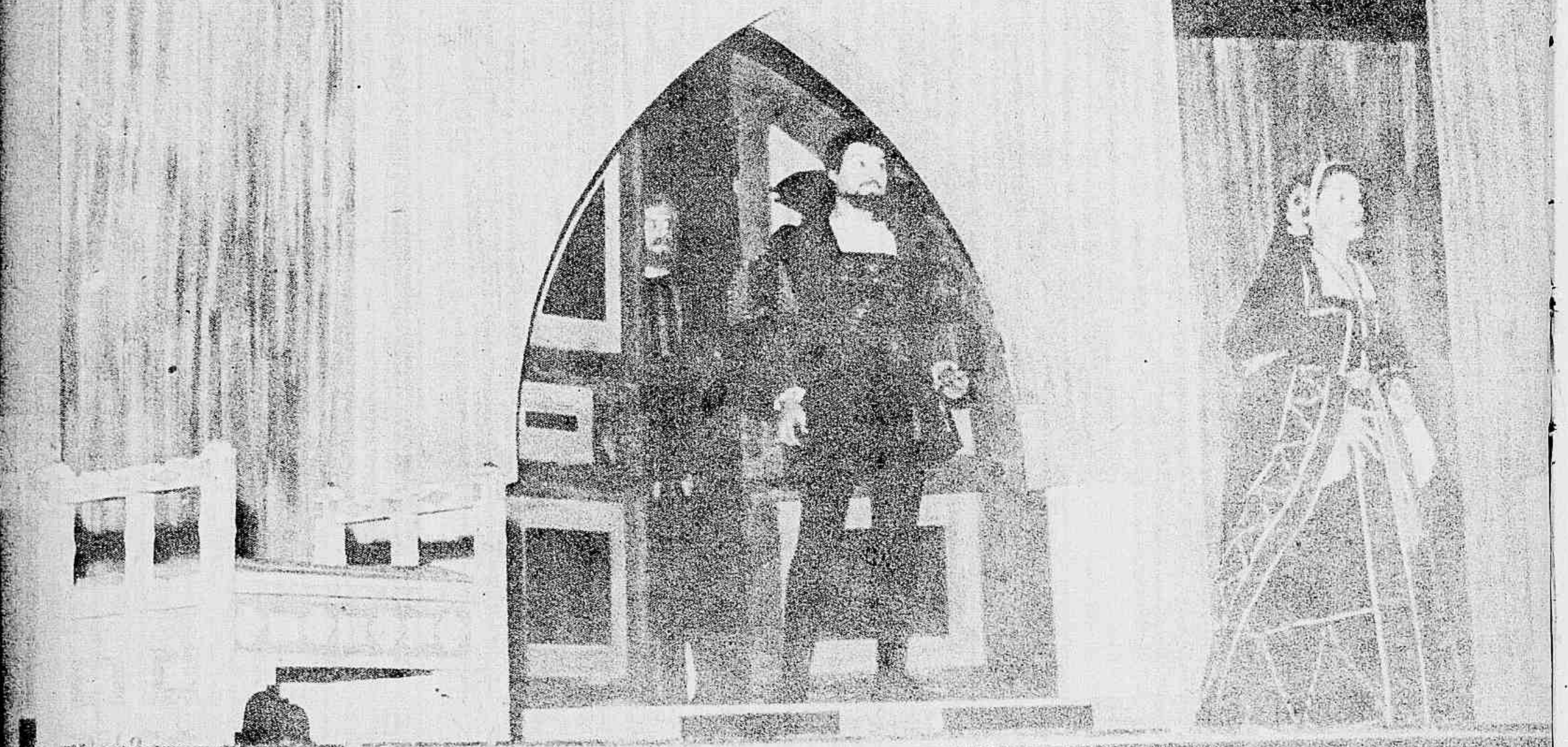
O Duque de Bragança (Leo Villar) arrasta Leonor de Mendonça (Cleyde Iaconis) para sua morte. O público injuriu o bom nome do teatro brasileiro, se não prestigiar o espetáculo do TBC.



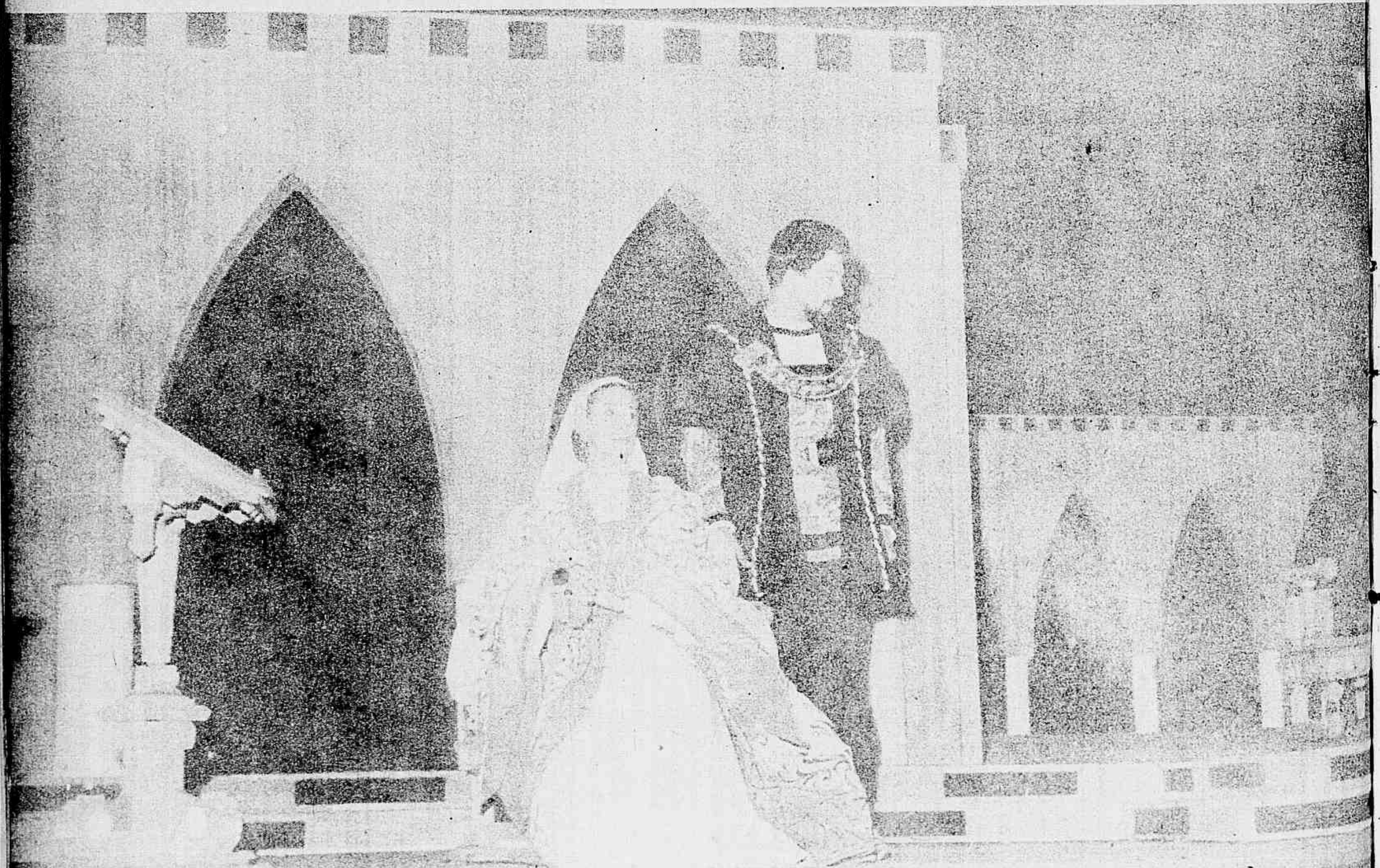
# E MENDONÇA



## LEONOR DE MENDONÇA



O Duque surpreende a esposa em companhia de Alcoforado. — Leonor de Mendonça e o esposo (em baixo) jamais traem a intimidade dos amantes realizados. Seu casamento teve por base conveniências políticas. Leo Villar e Cleyde Iaconis projetam suas relações tensas à perfeição.





ORGULHO E PRECONCEITO EM 1846 — O POETA E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER — LEONOR DE MENDONÇA: INOCENTE OU CULPADA? GONÇALVES DIAS  
PRECURSOR DO TEATRO MODERNO

Por PAULO FRANCIS

NÃO há muito que possa interessar em **Leonor de Mendonça**, de Gonçalves Dias, se a examinarmos à luz de certas idéias atuais sobre teatro. As idéias do poeta são poucas e foram gastas por movimentos posteriores ao romantismo. Ele advogava, por exemplo, a emancipação da mulher. Leonor, sua heroína, é vítima do abjeto condicionamento social das mulheres de sua época. O tema interessava tanto a Gonçalves Dias, que construiu a peça em torno dele. Baseou-se, para esse fim, num fato histórico, sucedido em 1512: a morte de Leonor de Mendonça, primeira duquesa de Portugal e Espanha, pela mão do marido, que a tinha na conta de adúltera. Eis a sua tomada de posição, no prefácio da obra: «... Dizem os escritores do tempo que D. Jaime (o espôso de Leonor, P.F.), induzido por falsas aparências matou sua mulher; dizem-no, porém, de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram tão falsas as aparências como eles não-las indicam. O autor podia então escolher a verdade moral ou a verdade histórica — Leonor de Mendonça culpada e condenada, ou Leonor de Mendonça inocente e assassinada. Certo que a primeira oferecia mais interesse para a cena e mais moral para o drama... Por que então segui o pior? É porque tenho para mim que toda obra artística e literária deve conter um pensamento severo: debaixo das flores da poesia deve esconder-se uma verdade incisiva e áspera, como diz Vitor Hugo — em cada mulher formosa há sempre um esqueleto.»

«Foi este pensamento — a fatalidade. Não aquela fatalidade implacável que perseguiu a família do Atridas (nas tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, P.F.)... É a fatalidade cá da terra que eu quis descrever, aquela fatalidade que nada tem de Deus e tudo dos homens, que é filha das circunstâncias e que dimana de nossos hábitos e de nossa civilização; aquela fatalidade, enfim, que faz com que um homem pratique tal crime porque vive em tal tempo nestas ou naquelas circunstâncias... Se a mulher não fôsse escrava, como é de fato, D. Jaime não mataria sua mulher.»

\*\*\*

Em 1846, o texto de Gonçalves Dias assanhou o mulherio contra seus opressores, e provocou o escândalo dos reacionários. Hoje, as mesmas partes o lêem (se o lêem) com indiferença e resignação, respectivamente. Nossas mulheres estão emancipadas: também nos assassinam quando nos suspeitam de adultério. Nossos reacionários reagem contra forças menos tremendas do que suas companheiras. De Leonor de Mendonça à Araci Abelha, eis um tema para sociólogos. A idéia da emancipação da mulher, esboçada pelos românticos, foi conduzida por Ibsen e sucessores às suas conseqüências lógicas. Quando a sociedade aceitou-a, finalmente, o que parecia inovação audaciosa converteu-se em lugar-comum. Em virtude disso Ibsen, entre outros, teve o destino clássico do propagandista de idéias. A maioria ignorante assim que assimilou seus pontos de vista, passou a considerá-lo intelectualmente superado. Seus precursores românticos entre os quais está Gonçalves Dias — o que muito honra nossa literatura — tiveram sorte semelhante.

As idéias de Ibsen e de Gonçalves Dias servem ao contexto dramático de suas obras, e não vice-versa. Esta é a sua função real, e a única que nos deve preocupar no julgamento dos textos. Ninguém deixa de admirar Shakespeare porque Macbeth acreditava em feiticeiras. Da mesma forma, não se pode negar Leonor de Mendonça, pelo fato de haver-mos resolvido seus problemas no âmbito social. Este é um dos vícios críticos de nosso tempo. Assim, se o tolhimento da personagem de Gonçalves Dias, diante da vida, nos fôsse apresentado como produto de neuroses — a idéia fixa com que Tennessee Williams exaure nossa paciência — todos a considerariam «atual e palpitante». Já é tempo de alguns críticos cessarem de confundir **romantismo** com teatro.

Repetimos: as idéias de Gonçalves Dias meramente veiculam o contexto dramático de «Leonor de Mendonça». A personagem não se realiza como mulher, devido ao condicionamento social de sua época; Nora, de Ibsen, porque o marido não quis passar por estelionatário em seu lugar; as heroínas de Tennessee Williams, porque o autor não tomou chá em criança. As causas passam, a criatura humana e seus problemas permanecem.

As premissas do conflito que destruirá Leonor de Mendonça, são apresentadas por Gonçalves Dias em uma curta cena no início da peça, que transcreveremos. O cenário é a vivenda campestre do Duque de Bragança. Leonor e sua serviçal, Paula, dialogam: Paula — Jesus, sois vós, sra. Duquesa — Leonor (sorrindo-se) — De que te admiras? — Paula — Tão cedo! apenas o sol acaba de nascer; acaso estais doente? — Leonor — Não pude dormir; assim me acontece sempre em terras pequenas. Não tenho em que empregar os serões, deito-me cedo, e passo a noite a revolver-me no leito — Paula — Como estais pálida! realmente é-nos preciso ir para a corte quanto antes; que se passais muitas noites



O Duque de Bragança (Leo Villar) e seu criado.



Fernão Velho (Freda Kleeman), decidem o destino de Leonor de Mendonça.



CONTINUA



# LEONOR DE MENDONÇA



◆  
de  
da  
Dis  
ép  
tim  
ins  
int  
clo

◆  
m  
de  
da  
er  
Br  
A  
di  
q  
n  
c  
d  
e

o  
o  
P  
o  
o  
o

n  
t  
n



## CLEYDE IACONIS

♦ A chave da interpretação de Leonor de Mendonça está no contraste de conduta e de temperamento da personagem de Gonçalves Dias. Casada com um homem que não a deseja, Leonor é irrealizada como mulher. Disso não tem consciência devido ao código de ética feminino de sua época, que a impede de admitir para si própria a natureza de seus sentimentos por um jovem fidalgo, Antônio Alcoforado. Este conflito entre instintos e dever é o drama de Leonor de Mendonça e o drama de sua intérprete no palco. O trabalho de Cleyde Iaconis deixa perfeitamente claras as intenções de Gonçalves Dias.

## ZIEMBINSKI

♦ «Casa de Chá do Luar de Agosto» e «Nossa Vida com Papai», as últimas apresentações do Teatro Brasileiro de Comédia, foram espetáculos de boa qualidade desperdiçados em textos medíocres. Encenando «Leonor de Mendonça», de Gonçalves Dias, Ziembinski restabeleceu o equilíbrio entre texto e espetáculo. Originário da Polônia, Ziembinski chegou ao Brasil durante a segunda guerra mundial, fixando residência entre nós. Ator e diretor, participou de maneira decisiva na evolução de «Os Comediantes» e do TBC, os dois movimentos de arte cênica menos inautênticos que já produzimos. Aliás, foi Ziembinski o primeiro diretor que tivemos no Brasil. Por esse motivo, sofreu (e ainda sofre sob forma atenuada) uma campanha movida pelos Procópios e Jaymes Costas, pelos exploradores do «teatro é nosso», e por ignorantes em geral, cuja existência é o maior entrave à maturidade do teatro brasileiro.

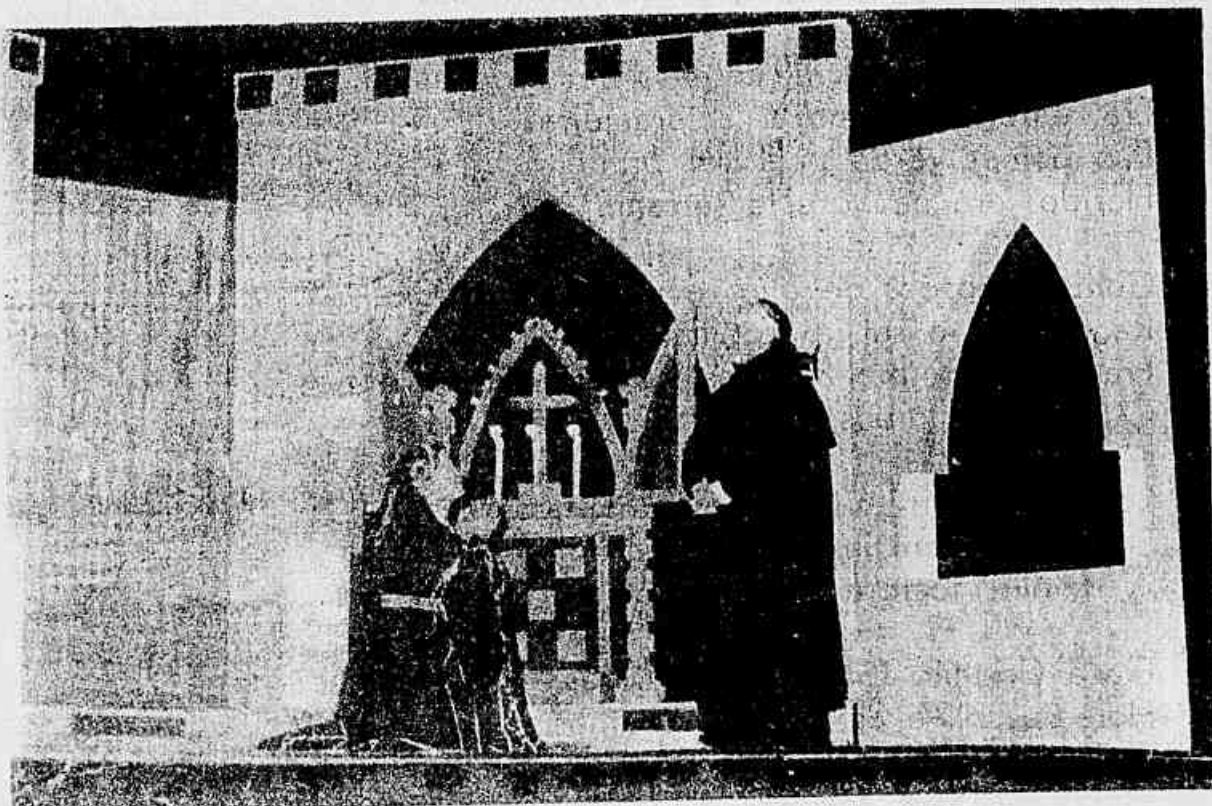
como esta, não vos asseguro a vida por um ceitil. — Em seguida, Leonor, instada por Paula, discorre sobre o terror e o respeito que lhe inspiram o marido, deixando bem claro que tais sentimentos constituem a base de suas relações com ele.

Dai se depreende a personalidade de Leonor. Divertia-se nos serões da corte. Sua estada no campo exclui esse derivativo. Definha sob a indiferença do espôso. Dêle teve

filhos, mas, estes não lhe bastam. Raramente os menciona. Seu temperamento exige algo mais, a «joie de vivre» que Ibsen converteria em doutrina. Leonor é inocente de sexo. Seus filhos parecem nascidos por polinização sintética. Ela e o marido jamais traem a intimidade dos amantes realizados. Quando Antônio Alcoforado, jovem fidalgo, desperta seu interesse, Leonor comenta num aparte: — Não gosto de ouvir falar nêle,

e não posso pensar em outra coisa. Por quê? ...»

Ela morre na ignorância de seu desejo por Alcoforado. Ele, em parte, é responsável por isso. Alcoforado sintetiza todas as idéias de Gonçalves Dias sobre o amor assexuado dos românticos. Mas, em última análise, é o condicionamento social de Leonor de Mendonça, que a impede de admitir para si própria sua irrealização como mulher.



Leonor de Mendonça, confessando-se a seu capelão (Jorge Chaia), declara-se inocente do crime de adultério que lhe atribui o marido.



O confessor Lopo Coelho (Jorge Chaia) ameaça excomungar o Duque e seus servidores, se levarem a cabo a execução de Leonor de Mendonça.



# PÁGINAS DO GALO BRANCO

## CENTENÁRIO DE ALBERTO DE OLIVEIRA

★ Centenário de Alberto de Oliveira no dia 28 de abril. Era uma figura majestosa, um homem alto, de aspecto sereno, uma espécie de árvore ambulante, de árvore humana. Há seres minerais de alto ou baixo teor, mas minerais; e há os que são vegetais, úmidos, porosos, ou não, ricos ou pobres de seiva. Alberto de Oliveira era uma palmeira, uma alta palmeira que as brisas da poesia beijavam. Já o conheci veterano, mestre consagrado, mas com os ramos que deram tantas flôres inclinados para os novos. O quanto é possível entre homens separados por várias gerações, fomos amigos, Alberto de Oliveira e eu. Não íntimos, mas amigos em poesia, o que é uma forma dignificante de amizade, a maior depois da comunhão em Deus. Não o ataquei quando era moda modernista negar os poetas realizados e no crepúsculo. Sempre fui, aliás, um **modernista** suspeito, porque disposto a admirar as coisas não ligadas aos preconceitos do **movimento**. A amizade e a confiança de Alberto de Oliveira me honraram. Algumas vezes o acompanhei a um hotel, (onde costumava pousar, quando estagiava no Rio situado numa rua transversal do Flamengo. Convidava-me o mestre para jantar nesse hotel familiar, onde encontrei hospedado também Luís Guimarães Filho, e então o ouvia evocar figuras do passado, os seus companheiros de geração, notadamente Bilac e Raimundo; e contava Alberto fatos e anedotas delicadas em que entravam Silvio Romero e Melo Moraes Filho.

Já conheci o autor de **Alma em Flor** quase no fim de sua vida. Deveria ter sido um homem bem acolhido pelas mulheres, um belo tipo de homem, cheio de majestade e ardor. Mantve até o fim os bigodes negros, mas os cabelos deixara-os Alberto de Oliveira embranquecer à vontade. Foi ele poeta a vida inteira. Poeta nos gestos, nas aventuras, que as teve naturalmente quando moço, algumas galantes e outras terrivelmente sentimentais; poeta no modo de andar, na elegância, e poeta nos versos também, o que é sempre mais difícil. Era o poeta da natureza. Sabia falar das árvores, dos rios, das florestas, dos caminhos, da lua:

«O poeta! o bosque é largo e  
que o homem não cura,  
A natureza, às paixões, à máguia, à desventura  
A natureza tem um alívio: por certo».

Com a natureza as suas máguas, as suas apreensões, as saudades de um peito amante. A **natureza** penetrava-lhe pelos poros, além de entrar-lhe pelos olhos e se punha a cantar dentro d'ele. Não havia tormento de alma, dor, inquietação, que o não fizesse apelar para o consolo das paisagens, das auroras, dos seres vegetais, tão relacionados com o poeta:

«... e estas velhas árvores alento  
... me a viver,  
... a viver sem o tormento  
... movimento...»

... marmóreo, insensível, escravo da forma, diziam d'ele  
... a sua poesia, os que pertenciam ao outro sistema, os do rio poético, os simbolistas. É espantoso como essa árvore opaca, agitada, tantas vezes desgrenhada pelos ventos possa

ter merecido êsses epítetos, possa ter sido vista, compreendida, sentida de maneira tão diferente de sua realidade...

★ ★ ★

Em lembrança do centenário de Alberto de Oliveira, meu amigo, estive a reler a sua «Alma em flor», sozinho, em voz alta. Ouvira eu do próprio Alberto êsse poema, que considero dos mais belos do nosso lirismo. Procuro neste instante reencontrar a voz do velho Poeta na minha já pouco fiel memória. Era uma voz grave e ainda bela, mas uma voz que estava, na ocasião em que me recitou os versos de Alma em Flor, já cansada, já no ocaso, já trêmula e um tanto trôpega.

Reanimo agora essa voz de novo, neste momento em que escrevo, no ato mágico de através da poesia que não passa ressuscitar o seu primeiro amor fugitivo, o seu amor de quinze anos:

«Apareceu. Que sobressalto ao vê-la!  
Leve saia de cassa  
à trança escura  
Uma flor.»

Qual o ser humano, de todos os seres que passaram por êste mundo, que na adolescência não conheceu tal como o nosso poeta, a perturbação, o sofrimento do amor primeiro? No entanto, tôdas as histórias dessa iniciação fatal da alma no mistério do encontro amoroso, passam e são esquecidas, esmaecem e se descoloram mesmo para os que foram as vítimas da dolorosa experiência. No entanto, aqui está em «Alma em Flor», para sempre fixado o amor de Laura e de Alberto; o amor dos primos, e a inquieta e efêmera primavera se tornou prisioneira, para sempre, nos versos mais simples e menos parnasianos que já foram escritos em nossa língua.

A poesia defendeu o amor da mocidade para sempre; ainda hoje o menino Alberto, com os seus quinze anos, conta-nos a sua aventura na fazenda paterna, a ânsia de amar, o aparecimento da musa, o beijo roubado, as lágrimas da despedida... Milagre e mistério, Alberto de Oliveira — hoje centenário e que viveu dilatadamente nos transmite perene a sua alma em flor. Aqui está êle, ao meu lado, e tão liberto da morte, que está cantando:

«Sei que um perfume intenso em tudo havia.  
Era, enfeitada e nova, a laranjeira,  
E o pomar verde pela vez primeira  
Florido; era na agreste serraia,

Com os botões de ouro e a espata luzidia  
Rachando ao sol, a tropical palmeira;  
Era o sertão, era a floresta inteira  
Que em corimbos, festões e luz se abria

Sei que um frêmito de asas multicores  
Se ouvia. Eram insetos aos cardumes  
A revolir, fosforecendo no ar.

Era a Criação tôda, aves e flores,  
Flores e sol, e astros e vagalumes,  
A amar... a amar... e Que ânsia em mim de amar!

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



n-  
o,  
ra  
os  
no  
da  
er-  
to  
o,  
eu

n-  
a  
as  
o-  
no  
to,  
ira  
ira  
os  
je  
en-  
sa,  
io,  
te  
lo,





# EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE  
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



## A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706  
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº .....  
NOME .....  
RUA ..... Nº .....  
CIDADE .....  
ESTADO .....

Preço no varejo Cr\$ 100,00  
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50  
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



**Calçado  
SOUTO**

UMA  
TRADIÇÃO  
DE  
ELEGÂNCIA  
E  
QUALIDADE

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

**YAKUITAMIN**

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

**YAKUITAMIN**

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.  
CAIXA POSTAL Nº 1.202



REVISTA DA SEMANA

8 Cruzeiros

Em todo o Brasil

## FALANDO AO LEITOR

★ Continuamos recebendo cartas e mais cartas sobre o desafio que fizemos aos leitores, com a pergunta: «De quem são estes poemas?»

Cartas desta semana: Zilda Vendramel: o autor dos poemas é o poeta paulista Paulo Assunção; Rogério Libonato acha que os poemas são de Carlos Drummond ou de Manoel Bandeira (prejudicado, pois não podemos escolher entre os dois indicados); Augusto Marinho acha que o autor é Léo Ivo; Nádia Maria: Emílio Moura; Nilza Garcez: acho que os poemas são do grande Paulo Mendes Campos; Matilde Caminha Ribeiro: os poemas são do poeta bissexto Pedro Nava; Mercês Braem: são da autoria de Augusto Frederico Schmidt; Marco Aurélio de Almeida: os poemas são de Paulo Assunção, também um dos maiores oradores de São Paulo; Margarida Lopes Cardoso: os poemas são visivelmente de Manoel Bandeira e já foram publicados em livro; Isolda Garcia: acho que os poemas são de Carlos Drummond de Andrade; Sônia Gonçalves Moura: são do poeta Schmidt; Ana Maria de Souza e Castro Floripes: as 5 poesias publicadas são de Paulo Assunção; Roberto Barbosa Mirim: os poemas são de Manoel Bandeira; Nair Maffei: o autor dos poemas é o poeta Paulo Assunção; Dajalma: são de Cassiano Ricardo e foram publicados há mais de 18 anos; Carmem Rosinha Moraes: são de Manoel Bandeira; Terezinha Militão: são de Carlos Drummond de Andrade; Heloisa Bentes: são de Austregésilo de Ataíde; Lígia Fagundes: são de Carlos Drummond de Andrade; Dalila Freitas de Albuquerque: os poemas são inconfundivelmente do sr. Paulo Assunção; René Thiollier: os poemas publicados pela REVISTA DA SEMANA, são de um homem único no gênero, um fidalgo autêntico: Paulo Assunção. Esse homem utiliza na vida o ideal de Baudelaire: «être riche et aimer le travail». Jorge Lacerda Aires: os poemas são de Emílio Moura; Rute Almeida Magalhães: o autor é Saldanha Coelho; Marize Guiomar da Silva: o autor é Saldanha Coelho; Margarida Silvestre: os poemas são de Carlos Drummond de Andrade; Carmem Gimenes: são de Paulo Assunção; Olga Moraes Barros: são de Manoel Bandeira; Lauro Cardoso de Almeida: felicito o diretor da REVISTA DA SEMANA pela publicação desses versos excelentes que são de Paulo Assunção.

★ O sr. Gilberto Ribeiro Couto pergunta em que vai dar toda essa confusão chamada de traição do sr. Carlos Lacerda. O sr. não sabe, nós não sabemos e duvidamos que alguém saiba. A nação vai ficar em suspenso durante muito tempo, até que os interesses pessoais dos srs. Vieira de Melo, Nereu Ramos e outros, sejam satisfeitos. Também se o general Zenóbio (que cai na compulsória a 9 de maio), for atendido nas suas pretensões (continuar no Exército), é possível que consigamos a paz necessária ao trabalho construtivo e ao progresso do país. Como vê o sr., estamos diante de líderes de opereta. E de líderes dessa marca não poderemos esperar muito.

★ O sr. Adalberto Rocha elogia «a extraordinária reportagem sobre Fernando de Noronha» e gostaria que a imprensa fosse sempre assim: denunciando as coisas e chamando a atenção da opinião pública.» Gratos.



# PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

**Esta é uma verdade documentada :**



- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta :

**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.  
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- **10 MILHÕES** de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

**RÁDIO RECORD** - Emissora de cobertura nacional  
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



\* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.





# STÁBILE RESSUSCITA E REDIME ZEZÉ MOREIRA

Reportagem de LUIZ AMARAL

**O FAMOSO TÉCNICO ARGENTINO VENCEU O SUL-AMERICANO DO PERU, DENTRO DO "SISTEMA" ★ PELA PRIMEIRA VEZ O TÉCNICO BRASILEIRO ESMIÚÇA O SEGREDO DE SUAS VITÓRIAS E A CAUSA DO SEU OSTRACISMO ★ A MAIOR NECESSIDADE DO FUTEBOL BRASILEIRO NÃO SE ENCONTRA DENTRO DO FUTEBOL, MAS NA IMPRENSA ★ O ELOGIO DO "DRIBLING", NOS PÉS DO ADVERSÁRIO ★ ENTREVISTA EXCLUSIVA E SENSACIONAL DO TÉCNICO ZEZÉ MOREIRA**

**D**AS novas lições colhidas em mais um certame internacional de que participa a representação brasileira, uma, neste último continental, teve sabor diferente, porque inesperado. Leônidas da Silva, o famoso «Diamante Negro» da Copa do Mundo de 38, hoje transformado, publicamente, em conhecedor profundo de futebol (o melhor comentarista de rádio de São Paulo) descobriu, em Lima, que a Argentina, para a conquista do título máximo do campeonato, enquadrou a seleção da A. F. A. dentro da «marcação por zona», do nosso Zezé Moreira. Como tinha que acontecer, muitos ficaram, aqui, de olhos arregalados, ao mesmo tempo que, colados os ouvidos ao receptor, aguardavam, incertos, o desfecho da série normal de jogos. Mas, para surpresa maior da platéia brasileira, o «sistema» empregado por Guillermo Stábile deu resultado e o «scratch» platino levantou o campeonato de forma brilhante e altamente consagrada.

## 3 STÁBILE RESSUSCITA UM NOME

Ninguém põe em dúvida os conhecimentos e a longa experiência de Stábile à frente (18 anos) da seleção argentina. Antes de embarcar para o Peru, os jornais de todo o mundo divulgavam declarações do «coach» portenho, de que a equipe sob sua direção não aspirava título, não pensava em vitórias, não queria sucesso imediato. A viagem era apenas de estudo. Aquêlê tinha que ser visto como dos primeiros degraus, da imensa escadaria de recuperação técnica almejada pelos atuais dirigentes do futebol argentino. Estudos. Somente estudos. A realidade, no entanto, nos mostrou que a aplicação argentina merece grau 10, pela rapidez demonstrada na assimilação das lições ministradas. Stábile, na sua modéstia, foi surpreendido pelos seus pupilos. Não esperava tanto... Há quem afirme que o segredo das conquistas argentinas reside no técnico. Outros, no jogador. E muitos ainda — no sistema. E Zezé voltou a ser comentado, depois de um ostracismo de meses.

## 6 NÃO MUDOU EM NADA

Diante dos fatos, o ex-técnico do Botafogo haveria de ser encontrado para falar de Stábile, já que, sendo o sistema o traço de união entre os dois, estaria falando de si e, também, da mais discutida marcação até hoje vista no Brasil. Fomos encontrá-lo em seu apartamento em Copacabana, metido num «robe-de-chambre», com jornais do lado e dois livros pouco mais a frente: «Recordação da Casa dos Mortos», de Dostoievsky, e «93», de Victor Hugo. Mal acabávamos de cumprimentá-lo e já vinha um esclarecimento:

— Gosto mais do Victor Hugo. Estou lendo o outro, por influência do meu filho, o Wilson, que não deixa passar uma obra sequer do renomado escritor russo, sem atenta leitura.

A conversa logo tomou o rumo do futebol e surgiu a primeira pergunta:

— Se você for chamado amanhã para dirigir um quadro de futebol, qual o sistema preferido?

— O mesmo de sempre — concluiu sorrindo. O futebol não mudou. Não mudaram os jogadores. E muito menos eu.

## 3 NINGUÉM É MILAGROSO

— De antemão, contudo, previno. Ninguém é milagroso. Não há gênios metidos a técnico. Cada qual tem seu caminho predileto para alcançar o objetivo comum. Nem este é melhor, nem aquele é pior. Uns encontram mais facilidade, trabalhando assim. Outros, assado. Comparado o material de um e de outro, mais alguns fatores do momento e, afinal, os números conseguidos, conclui-se quem anda melhor, ou, quem chegou mais depressa.

— Eu, sinceramente, não tenho por que lamentar o que fiz. A reclamação (que é de alguns influenciando muitos), e que não encontra eco em minha concepção, de jeito algum, é que tirei a beleza do futebol brasileiro, acabando com os gols. Com franqueza, me situo no lado oposto. Nós só tínhamos a lucrar em espetaculosidade com o sistema empregado. Além da emoção provocada no público, individualmente, pelo jogador, existem os resultados. Em 16 «matches» de selecionado, só perdi para a Hungria. E em circunstâncias excepcionais, já que não produzimos nada daquilo que podíamos e sabíamos...

## 6 DISTÂNCIA, NÃO ZONA

— Até hoje não sei porque apelidaram essa «marcação a distância» de «marcação por zona». Viram o Botafogo, campeão de 48, viram o Fluminense e depois algumas seleções e zés — «marcação por zona». O que há é liberdade dos jogadores de defesa para colocarem em prática toda sua gama interminável de recursos técnicos, diante de um adversário que já dominou a bola. Claro está que não se pode exigir de um profissional medíocre, mau atleta, «mentiroso», que deixe o «inimigo» se aposar da bola para depois reconquistá-la. Ele tem é que grudar no seu homem, servir de sombra até o fim do jogo e fazer o que lhe mandam os contrários. Meio único — porque seguro — de desarticulação, dispensando a excelência de qualidades pessoais que se tornou característica do praticante brasileiro e sul-americano. A marcação «homem a homem», sim, é que rouba o que de mais belo possui um espetáculo de futebol. Não a «marcação à distância», que abre amplos caminhos à iniciativa do jogador, ampliando-lhe os passos, ao mesmo tempo que assegurando a retaguarda a eficiência exigida por qualquer equipe de categoria.

## 3 A DEFESA JOGA SEM BOLA

— O que é preciso ficar bem claro é que a defesa joga sem a bola, enquanto que o ataque trabalha é com ela, continua Zezé Moreira. A tarefa da retaguarda se torna, assim, mais difícil. Daí ter eu cuidado



A

AL

al  
ão

os  
car  
um  
ial  
os  
de-

ca-  
em  
si-  
lós  
do.  
or,  
ara  
da

de  
mi-  
que  
oda  
tric  
lis-  
os-  
eu  
os  
an-  
do  
im,  
a a  
ga-  
eta-

elo.  
A  
ade

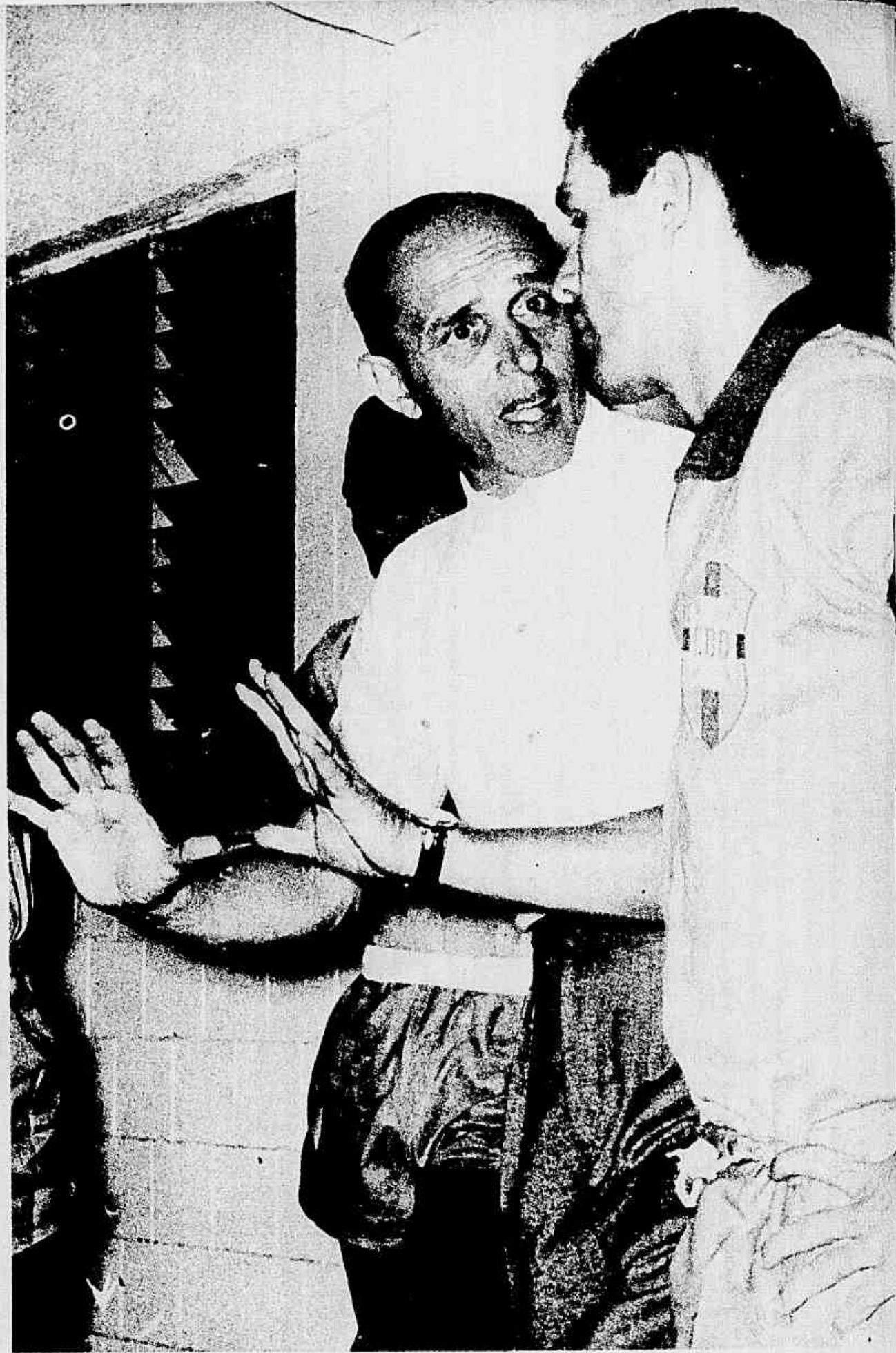




## STÁBILE RESSUSCITA...



Para os cartolas Zezé Moreira nunca foi uma indicação muito simpática. Não gostava de receber ordens e sempre impunha a sua vontade. Na foto, discutindo (quase brigando) com Rivadavia Correa, sob as vistas (miópes) de Alfredo Curvelo.



Já os jogadores sempre tiveram muita simpatia e mesmo amizade por Zezé. Camarada, compreensivo, enérgico quando necessário mas sem exibicionismos e sem arrogância. Na foto ele dá instruções a Evaristo, hoje vedete do futebol mas que sempre se deu bem com Zezé.

# NÃO MORREU A MARCAÇÃO

também com mais carinho do sistema de defesa, antes que do ataque. Mesmo porque vejo no futebolista brasileiro virtudes que o recomendam como o mais perfeito artista e o mais completo atleta do mundo, apesar de dispersivo, às vezes, por razões que não lhe dizem respeito. Pode, deste modo, contra-atacar com rara eficiência, pela agilidade de ações, ligeireza de raciocínio, mobilidade via de regra empregada nas cargas mais fulminantes. Observamos os times atuais do Rio de Janeiro e veremos, de imediato, que todos, ou quase todos jogam à base de contra-ofensiva. Havendo bons atacantes, o êxito é absoluto, embora lento em sua consecução.

### 1 NÃO PERTENCE SÓ À EUROPA

— O sistema de marcação chamado «por zona», até há bem pouco diziam ser de uso exclusivo dos quadros europeus. Os húngaros marcavam, de fato à distância, no mundial da Suíça. Em determinados momentos, porém, recorriam à «pessoal». Os ingleses, idem. Assim como, de um modo geral, todo o futebol do Velho Mundo. Desconhecia-se, entretanto, que por aqui, momentos havia também, em que se misturavam «sistemas», e a de «setor» aparecia com muita frequência. O argumento geral era de que aquilo não passava de arcaísmo em matéria de organização futebolística, que o que eu fazia era cópia do que há muito já não mais fazia o europeu, e daí para fora. Agora, ao que se afirma, Stábile resolveu adotar a fórmula antiga. Loas são cantadas ao simpático treinador argentino. Não é o sistema, é o nome de Stábile, é o jogador argentino, é a disposição, a coragem. Aqui não se deu o mesmo, porque, agora o combate sistemático ao sistema de jogo (defensivo, diziam), não se guardava respeito a ninguém — principalmente ao técnico. E a luta se fazia contra o «sistema» para atingir o técnico. Diferente da Argentina...

### 2 DRIBLING, UM CASO SÉRIO

— Se algo me preocupou no preparo de uma equipe, em todo o tempo de atividade neste ou naquele clube, nesta ou naquela seleção, isso foi o excesso de «dribling». Sempre julgo interessante discorrer sobre essa

forma de jogar futebol, com frenéticos e certos aplausos do público assistente. Nossos jogadores têm um medo tremendo de ser enganados. Achem que é essa a maior humilhação que pode sofrer um craque. Dequinha dribla Válter e o estádio quase vem abaixo. Válter dribla, em seguida, Dequinha e os mesmos urros se fazem ouvir. Que acontece com o «player»? Evita o combate, para não ser finto. E diz-se, depois, que nossos jogadores são covardes. Nada disso! Têm é medo do ridículo, das vaias da torcida. Sempre tentei convencer meus jogadores de que o «dribling» não é feio, não é desmoralizante, é «handicap» a favor da defesa. Quando o avanço para driblar, deu já tempo a que os defensores se armem atrás, para fechar o cerco. Daí meu empenho de quase todos os dias, para convencer meus jogadores que não tinha importância o fato do adversário fintar à valer. A vantagem tem que ser nossa. No Peru, em 53, aconteceu isso. A cada finta dos avanços peruanos, a torcida se levantava, agitava o lenço e gritava: «Olé!». Os nossos passaram a não enfrentar mais os oponentes e acabamos empatando o jogo, quando podíamos ganhar facilmente.

### 3 A IMPRENSA TEM SUA CULPA

— Os órgãos de divulgação, por sua vez, tendo diante dos olhos o delírio popular ao menor jogo de corpo, passam a abordar, também. Querem ir ao encontro do gosto do povo. Estimulam a finta. Criam ídolos de barro. Colocam nas mãos do técnico um problema de solução impossível, eis que o orientador, sabendo do mal que faz um «cobra» à equipe quando estimulado na sua vaidade, procura destruir o vício das filigranas. Ele, de um modo geral, reage contra o preparador. Faz «onda» até, junto a diretores, a companheiros, à imprensa. À sua volta, forma-se, então, a roda dos apreciadores do espetáculo completo. E o espetáculo completo exige a firula, o colorido que apontam nos outros sistemas que não o meu. Vem daí um diretor, amigo do técnico e, com as mãos entre os cabelos, pede desesperado que mude seu modo de proceder. Porque tal jogador não pode ser combatido. Porque tal jogador tem fôixa moral sobre os compa-



nheiros. Porque tal jogador não se esforça mais e o quadro, por seu turno, está caindo de produção. Quando menos se espera, com muita habilidade, o técnico é chutado em grande estilo, em favor do craque amigo das fintas e motivo das rendas superiores. Não se examina o problema pelo lado real, mas pelo fantasioso. Aí é que aparecem os jornais da Europa a botar em manchete que o circo brasileiro só serve mesmo é para divertir as massas, sem atingir o máximo de produção em matéria de bom futebol.

### 1 TEIMOSIA QUE VALE OURO

— Tão convicto estou de que não dei passo atrás rumo à meta que minha consciência manda que eu atinja — que me chamam ainda hoje de teimoso. Teimoso é eufemismo — daí para baixo. Não me abalo, todavia, com os epítetos maldosos. Sei onde tenho o nariz. Quando me ridicularizam e não dou resposta, por dentro procuro me fortalecer, à espera de que o tempo — o melhor de todos os mestres — aponte um dia a razão de minha intransigência. Falam tanto, que aprendi até a não ouvir mais nada. Na Suíça, em 54, no momento em que soubemos que nosso jogo seria com a seleção húngara, rebentou não sei de onde um gaiato, muito nosso conhecido, e em plena concentração soltou a novidade do dia: o chefe da delegação já havia feito as reservas de passagens para a viagem de volta de toda a delegação. Num caso desse o que restaria fazer, senão resolver a «parada» na violência? Não foi assim que agi. A violência eu a empreguei em outras ocasiões, não nego. Mas não me arrependo do que fiz. Alguns elementos da imprensa se têm na conta de senhores do mundo. E não é numa concentração que eu poderia permitir que dessem vazão à sua arrogância. Essa, uma das causas de meus inúmeros inimigos. Mas não interessa hoje tocar em assuntos que o passado já enterrou. Apenas quero frisar que o sistema por mim defendido no Brasil é bom. Para mim, é o melhor. Embora não seja pior o de um outro companheiro qualquer. Ele se sente mais à vontade no seu. Questão, somente, de colocação e ponto de vista. Todos podem ganhar ou perder. É preciso saber empregá-lo. Nada mais.

### 2 NECESSIDADE? NÃO HÁ PARA O FUTEBOL BRASILEIRO

— De que mais necessita o Brasil, atualmente, para sair do círculo dos vice-campeonatos?

— O Brasil, futebol, não necessita de muita coisa. A grande necessidade está fora dele. É a imprensa que precisa ser mais sincera, informar com mais exatidão, pendendo mais para o benefício do próprio esporte, ao invés de estabelecer um regime de publicidade partida das próprias massas. O público quer espetáculo, não resta dúvida. Mas o espetáculo também deve ter um restinho de pretensão. Para se tornar mais simples, mais eficiente, mais objetivo o meio de confeccioná-lo. Cabe só aos jornais, emissoras e televisão, satisfazendo o público que os impulsiona, fazer ver a esse mesmo público que ele, não raras vezes, pede o que mais nos prejudica na busca da evolução cujo ritmo acelerado procuramos atingir. O momento é de olhar mais para o futuro, menos para a fonte de aplausos que erroneamente estamos alimentando através de um futebol bonito, agradável, mas nunca à altura de competir com os maiores do mundo, como ainda recentemente acabamos de observar. Se apontar erros assim, fôr pecado, eu pecador me confesso, para glória daqueles que me combatem. Não descreio, contudo, que o véu, um dia haverá de cair...

## POR ZONA



Nilton Santos, super craque e super «dono de time», nunca teve desavença séria com Zezé Moreira.

## POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,  
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,  
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.  
**NUNCA EXISTIU IGUAL**

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE  
DE SEU FILHO



## COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias de Rio e São Paulo.





**NO CONSELHO NACIONAL DO SESI** — Por ter completado um ano na presidência do Conselho Nacional do Sesi, o prof. Pedro Paulo Penido foi homenageado pela Confederação Nacional da Indústria e funcionários das entidades superiores da indústria nacional. O flagrante registra o momento em que o homenageado era cumprimentado pelo presidente da CNI, sr. Lúcio Lunardi, vendo-se também o sr. Renato Sampaio, diretor do Departamento Econômico da Confederação.

**LEIAM**

# EU SEI TUDO

**DE MAIO**

A NECESSÁRIA TRANSPIRAÇÃO

★

A SILENCIOSA RENOVAÇÃO DOS RIOS INTERIORES

★

A VERDADE... SOBRE O SÓRO DA VERDADE

★

PLANOS PARA UMA IGREJA

★

PREVENÇÃO E COMBATE AOS GAFANHOTOS

★

UM GIGANTE COM PÉS DE ARGILA

★

NO MUNDO EXISTEM MILHÕES DE «TERRAS» COMO A NOSSA

★

Redação: Maranguape 15 Rio — Lapa

## SEM COMPROMISSO

FERNANDO PAULO

Fátima Pahlevi chegou a Roma com o marido Vincent Hillyer e o filho. A perfeita harmonia que reinava, pelo menos visivelmente, entre os dois, desmentiu os boatos, segundo os quais a irmã do Xá da Pérsia estaria na iminência de se divorciar do marido.



Peter Ustinov mandou traduzir para o italiano a sua nova comédia «A Mensagem», que espera seja representada simultaneamente em Londres, Paris e Roma.



Isa Miranda e Alfredo Guarini encontram-se atualmente em Cettigne definindo as bases de um acôrdo para um filme de coprodução italo-iugoslava. Os protagonistas do filme, cuja produção e direção estarão a cargo de Guarini, serão Isa Miranda e Jean Gabin.

Jennifer Jones encontra-se em Roma, a fim de rodar o filme «Adeus às Armas». O filme, que é baseado no romance de Ernest Hemingway, será produzido pelo seu marido, e contará com a participação de Vittorio de Sica.

Mario Lanza estará em Roma ainda este mês, onde deverá cantar no filme «I Setet Colli», cuja rodagem será imediatamente iniciada.

Anthony Quinn e Richard Basehart estão vertendo para o inglês, adotando uma gíria tipicamente americana, «A Estrada» de Frederico Fellini. A película será exibida nos Estados Unidos após a chegada na América, de Frederico Fellini e de Giulietta Masina, que assistirão à sessão de gala de Nova Iorque, e depois a de Hollywood.

Eis o que disse Minout Drouet: «Será que esta velha ainda vai publicar mais romances?» A menina precoce referia-se, evidentemente, a Françoise Sagan.

Alberto Sordi denunciou um agente de publicidade que vendeu, na Itália e no estrangeiro, milhares de fotografias suas, com um autógrafo falsificado, ao preço de 300 liras (40 cruzeiros), cada uma.



Disseram a Sacha Guitry: «Mas se Santo Antônio tivesse sucumbido à tentação, ninguém mais teria falado nele». A resposta de Guitry: «Claro! As pessoas felizes nunca possuem história.»

Dawn Addams, que veio a Milão para assistir a «avant-première» do seu último filme, devia aterrissar de helicóptero na praça de «Duomo». Mas as autoridades municipais não deram permissão para que fosse feita a manobra e a atriz contentou-se em saudar os milaneses que a esperavam na praça, suspensa a uma centena de metros de altura.



(Continua na pág. 36)



PAULO

no melhor da festa...



...pode faltar luz!

A precaução evita contratempos!  
Um defeito na instalação da sua  
casa pode ocasionar a falta  
de energia elétrica: examine os  
fusíveis e substitua o que  
estiver queimado.

Como os demais reparos nas  
instalações elétricas internas, a  
troca de fusíveis é atribuição  
do próprio consumidor.

Use fusíveis aprovados pelo D.N.I.G.

TENHA SEMPRE EM SUA CASA FUSÍVEIS DE RESERVA







# MARIA HELENA GOSTA DE BOEMIA MOZART, CHOPIN E ELVIS PRESLEY

A menina que deixou os salões grã-finos de S. Paulo  
pelo palco - "Não me considero garôta Coca-cola"  
- Não quer casar para não perder a independência

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotos de YLLEN KERR

**M**ARIA HELENA DIAS é a moça revolucionária que, apesar dos contras da família, preferiu o palco aos salões da sociedade paulista. Mas não se considera uma revolucionária:

— Eu gosto de teatro. Vivo em função dele. Na opinião de minha família, eu seria revolucionária. Na minha não. Agora, eles já se conformaram e não há mais resistência.

É ela quem afirma:

— Eu tenho alma de boêmio. Adoro dormir tarde, sair do teatro ir a uma "boite", chegar em casa de madrugada e acordar tarde. Detesto ficar em casa. Só não saio em dia de chuva, quando fico tomando chá e ouvindo música.

## ● "GARÔTA COCA-COLA"

Maria Helena gosta de qualquer música, excessão à de

câmara. Tem preferência por Chopin, Mozart e Elvis Presley. Dança o "Rock 'n Roll", apesar de viver "num meio intelectualizado, como é o TBC". Não se considera uma "garôta coca-cola", "a não ser que gostar de dançar e de sair seja pecado".

## ● INDEPENDÊNCIA

A "Mary", de "Nossa Vida com Papai" gosta mesmo é de independência. Seu sonho é comprar um apartamento no Rio e morar aqui, com independência econômica. Já o considera quase realizado. Se pudesse, sairia do Brasil, iria morar nos Estados Unidos porque, lá, "teria o tipo de vida de que gosto". Nos Estados Unidos a vida é melhor (diz Maria Helena) porque a mulher já está emancipada, com mais liberdade. É por isso que, apesar de conhecer a Europa e os Estados Unidos, prefere este país para viver.



A  
Y

ERR

esley.  
ctuq-  
coca-  
ado".

é de  
o Rio  
dera  
nos  
sto".  
rque  
isso  
efere



Maria Helena: descobriu o teatro e apaixonou-se por ele, e fêz tudo para não abandoná-lo. Inclusive lutando contra as determinações da família.

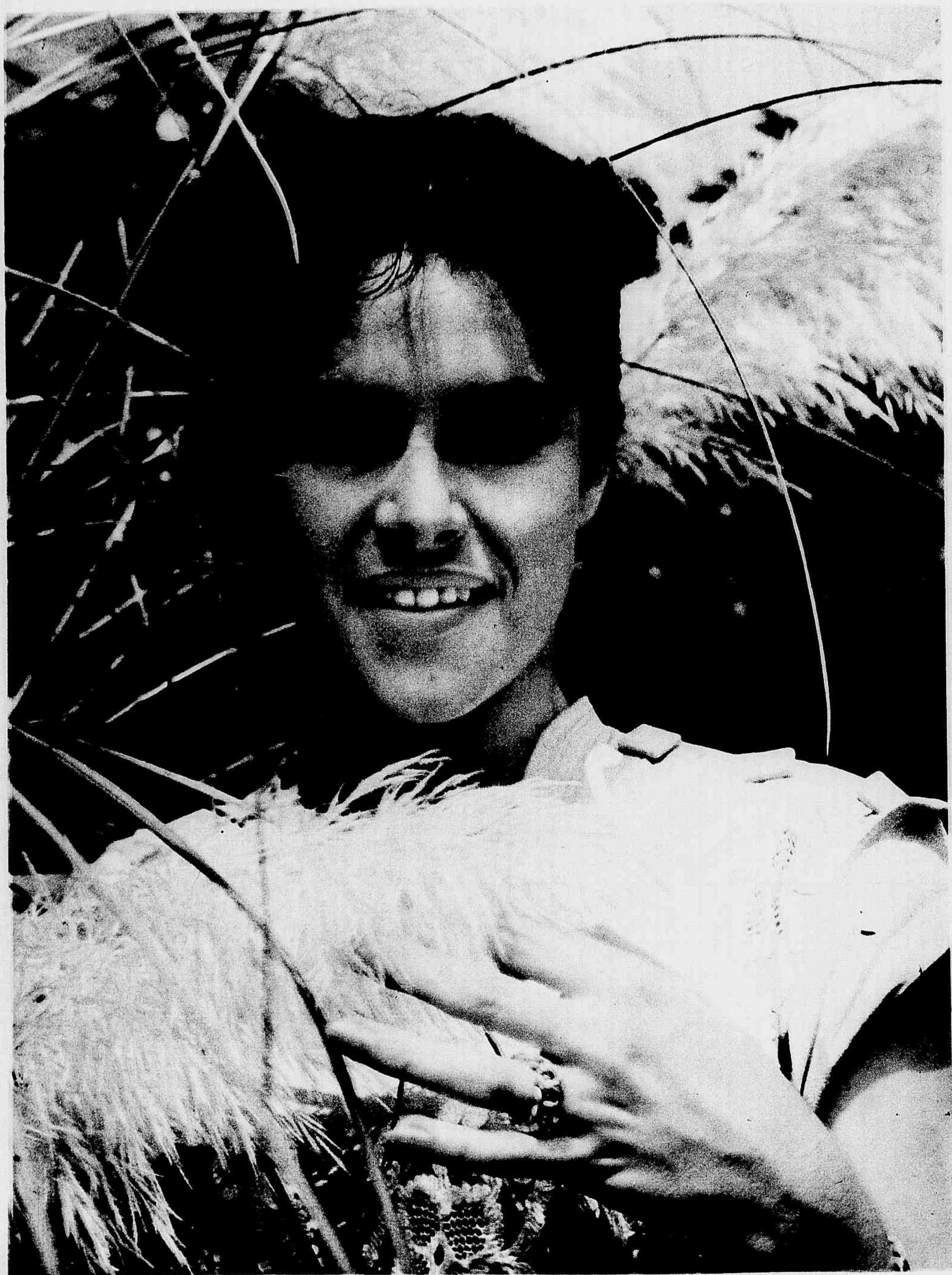


REVISTA  
DA SEMANA



Maria Helena Dias, considerada a revelação teatral de 1956. Bonita, inteligente e solteira, dizendo ao repórter que vai continuar solteira.





Veio de S. Paulo, passou uma temporada no Rio, estudou nos EE. UU. andou pela televisão, mas depois se fixou (parece que definitivamente) no teatro.

MA

A

QU

PE

M  
de  
ga  
co  
Go  
gã  
co  
su

m  
di  
24

o  
lin  
Re  
ce  
as



**MARIA HELENA:**

**A MOÇA DE SOCIEDADE  
QUE SE APAIXONOU  
PELO TEATRO**



A «gheisa» de «Casa de Chá», lhe valeu o prêmio de revelação de 1956. Mas Maria Helena tem outras ambições, que espera realizar.

**❶ BRASILEIRO FALA DEMAIS**

Maria Helena diz que o maior defeito dos brasileiros é falar demais. Estão sempre falando o que não devem. Fazendo intrigas e dando conselhos. Ela não gosta disso, como não gosta de convenções de qualquer espécie e de palpites (recebe muitos). Gosta de estar de calças compridas, sem preocupação de elegância, de conversar com pessoas que mesmo não pensando como ela, pelo menos não a importunem com desaprovações sucessivas.

**❷ TEATRO É DIVERSÃO**

Maria Helena diz que se diverte 24 horas por dia. E explica:

— Acho o teatro divertido e diferente. Com ele, me distraio muito. Ora, eu vivo em função do teatro. Ocupo 24 horas por dia falando, pensando e sonhando com teatro. Logo, me divirto 24 horas por dia.

Maria Helena estudava "ballet" e línguas. Para saber melhor o inglês e o francês, passou a ler peças de teatro naquelas línguas, pois o diálogo facilita o estudo. Começou a gostar. Resolveu tentar o palco. Brigou muito com a família, mas venceu. Deixou o "ballet", apesar de gostar, como gosta de todas as artes, menos de pintura moderna, "que não tem nexos".

Já trabalhou em "A Casa de Chá do Luar de Agosto" e em

"Nossa Vida com Papai". Foi "Gheiza" e "Mary" considerada a "revelação feminina de 1956". E continua lendo muito. Quando não tem um "script" para decorar, lê qualquer coisa. Prefere Graham Greene, James Hilton, Charles Morgan e Françoise Sagan. Esta última não só pela idade que tem, como também pelos livros em si.

Lê pouco os brasileiros, mas destaca Érico Veríssimo e Jorge Amado.

**❸ CASAMENTO É PÉSSIMO**

Maria Helena não tem medo de ficar solteirona. Não encontrou nenhum homem que a motivasse em seus termos, no sentido em que entende a motivação necessária para o casamento.

— A posição da mulher casada é péssima. Não tem direito a nada. Com as leis brasileiras, não pretendo me casar. Se o divórcio for aprovado, quem sabe. Talvez.

Enquanto isso, prefere os gatos.

Diz que gosta de mexer nos cabelos e, por isso, eles estão sempre despenteados. Acha que precisa de mais nome e experiência para, depois, fazer teatro no estrangeiro. No próximo ano pretende ir à Europa, passar algum tempo na Suíça e estudar em Roma, Paris e Londres (apesar do "fog"). Agora, com toda malcriação que diz possuir, está em São Paulo, onde ficará quatro meses.



# O CARÁTER

(Continuação do número anterior)

Se a ação dos professores no aperfeiçoamento do caráter dos discentes é altamente meritória, ainda maior relevo toca a ação dos pais. É possível, mesmo quando pequeninos, descobrir-lhes as linhas gerais do caráter. E é preciso notar que, em nenhuma outra fase da existência, os resultados sobre a remodelação de traços do caráter são mais satisfatórios. Os conselhos paternos e maternos precisam ser constantes, à medida que se façam oportunos. A vigilância permanente feita com o objetivo de descobrir as falhas de caráter que se forem manifestando, dará essa oportunidade.

Tendências vaidosas, impontualidade, desleixo, desmazelo, mexericos, mentiras, descortesia, falta de respeito, impolidez, delação, pusilanimidade, malvadez, farsa, fingimento, são índices denunciadores de falhas no caráter. Devem, pois, as crianças tomar conhecimento dessas falhas ouvindo as admoestações doutrinais de seus pais, ministradas com amizade e interesse, em considerações incisivas e objetivas. Na educação dos filhos deve imperar a sinceridade, a lealdade, a justiça e a verdade. A curiosidade natural dos pequenos seres deve ser satisfeita, nunca por meio de uma mentira convencional, que desabonará quem a emitir, mas com explicações racionais, ao alcance do intelecto infantil.

Na obra da natureza nada há de feio ou de vergonhoso, uma vez que as leis naturais e imutáveis se impõem. Vergonhoso é o vício, a ofensa aos bons costumes estabelecidos, a falta de caráter.

Os que quiserem raciocinar e fazer bom uso da inteligência, encontrarão recursos morais com que possam expressar-se para dar aos filhos a idéia sã relacionada às delicadas funções da existência terrena.

Os filhos precisam ter inteira confiança em seus pais, para que estes possam ser-lhes úteis, como convém, na orientação, no esclarecimento e na solução dos seus problemas. Para que essa confiança se faça sentir é preciso haver moralidade, comedimento, decência, sensatez, brio, coerência e conduta retilínea.

Façam os pais por dar o exemplo daquilo que precisam exigir dos seus filhos.

Contrôle e vigilância discreta são duas práticas que devem estar sempre presentes na ação educadora dos pais. «Dize-me com quem andas e eu te direi quem és», eis o que um velho adágio previne. As más companhias são sempre prejudiciais. A tendência para o mal é uma realidade, tanto mais que para ela concorre, além da eventual inclinação pessoal, a influência do astral inferior. Muitos desvios verificados em consequência de más companhias, de liberdades excessivas, de facilidades e concessões aparentemente inofensivas.

Meninos e meninas, moços e moças, devem procurar no lar o aconchego conselheiro, o ambiente americano e confortador, o refúgio das tentações e dos perigos.

Como transformações radicais não sejam possíveis no próprio convívio do lar, no entanto grandes conquistas para o aperfeiçoamento do caráter podem ser asseguradas nesse meio sadio; mas mesmo quando elas não possam ser grandes, devido à rebeldia de temperamento de certos espíritos encarnados, qualquer benefício que for alcançado, para melhoria ao caráter, será motivo de regozijo e os esforços para tal fim deverão ser considerados parcial ou totalmente compensados, porque o valor da conquista, por diminuto que pareça, é fato inestimável.

Na definição das linhas do caráter há de considerar-se o meio termo, a posição equidistante dos extremos, em que o equilíbrio se estabelece. O critério, a equidade, o bom-senso comum a pontualidade, a lealdade, a harmonia, a coragem, a hombridade, o bom-humor, a dignidade, a gratidão, a idoneidade, a polidez, a fidelidade, o comedimento, a veracidade, o respeito, a amizade e o zelo são atributos que, cultivados, constituem virtudes para os quais se dirige o espírito no dever de os conquistar para a moldagem do seu complexo espiritual perfeito.

O medo e a temeridade são os dois extremos em cujo ponto médio está a coragem, — virtude que compõe a fisionomia do caráter.

Assim, equidistantes de dois extremos, estão todos os atributos morais.

Cumpra a toda criatura verificar constantemente se se encontra, no cultivo dos seus atributos morais, fora dessa centro geométrico, fora dessa posição ideal, fora do ponto por onde passa um dos traços do seu caráter.

O perdulário e o avaro colocaram-se em posições opostas e extremas; o comedido está no centro, em posição equidistante.

Nos extremos estão as qualidades negativas, prejudiciais, que inferiorizam o espírito; no centro, ao contrário, estão as qualidades positivas, construtivas, ideais, que elevam o espírito e lhe proporcionam crescimento na escala ascendente da evolução.

A malquerença e a adoração se distanciam como pontos extremos; a amizade está no meio, em posição equilibrada e serena; é ela uma virtude, e como tal se impõe sobre os seus sentimentos extremos. Importa que o mundo reconheça esta verdade. A humanidade despenca-se, por vezes, pelos flancos de perigosos abismos, por não querer compreender que entre duas forças iguais e opostas, há um ponto central em equilíbrio. Forçoso é manter-se nesse ponto para poder destrutir as vantagens que ele oferece. Tanto a malquerença como a adoração criam situações condenáveis; enquanto a malquerença desperta o sentimento de aversão, de ódio e de vingança, com os seus efeitos reconhecidamente perniciosos para o agente, a adoração conduz ao temor, à humildade aniquiladora, à subordinação espiritual, à subjugação das iniciativas, à submissão da vontade, à falsa confiança, em completo desprestígio para o espírito e em flagrante anulação dos seus poderes. Em ambos estes casos extremos, citados como exemplo, a evolução ou se retarda ou não se produz, o mesmo acontecendo ao aperfeiçoamento do caráter, como redundância.

Os que se dispuserem a trabalhar para conseguir melhor caráter sabem que estão acumulando riqueza que se não pode avaliar. Esta não se perde, nem fica na Terra como aquelas que são materiais.

O homem ou a mulher valem pelo seu caráter e na desencarnação é que essa riqueza apresenta todo o seu real valor.

É o caráter que confere o grau da evolução porque ele é a soma das qualidades morais do indivíduo, é a reunião das suas virtudes, é o conjunto dos seus valores espirituais.

(Transcrito do Livro «RACIONALISMO CRISTÃO».)

## "GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado ..... Cr\$ 160,00

PEDIDOS A  
LIVRARIA TEIXEIRA  
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258  
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

# SEM COMPROMISSO

(Continuação da pág. 28)

Anna Magnani e Marisa Merini estão entre as atrizes que receberam a «Medalha de Prata de 1956». Vemos aqui as duas atrizes sendo introduzidas no Gabinete do Presidente Gronchi, no Quirinal, onde foram recebidos todos os atores, diretores e cenaristas recentemente premiados.



Roberto Capucci, o «menino prodígio» da moda italiana, partirá brevemente para Paris, a fim de conhecer Christian Dior. O encontro será provocado por um convite que Dior fez ao jovem modista italiano por intermédio de um jornalista. Dior é um grande admirador de Capucci: considera-o o mais genial desenhista da Itália, além de um perigosíssimo rival. Capucci é romano, conta apenas vinte e quatro anos, e começou a se preocupar com modas aos dezito. Na foto vemos Capucci ao lado de Loredana, o ex-manequim que dirige o seu atelier.



Marcel Acharr, cuja peça «Patate» está sendo representada no teatro São Jorge, em Paris, se gaba de ter uma curiosa genealogia, pelo fato de que sua mãe era sobrinha de seu tio, e este era casado com a filha de sua irmã. «Acontece que meu avô era também meu bisavô, enquanto meu pai era meu tio, e minha mãe minha prima.»

Alexandre Dumas, Pai, está na moda. Antes do aparecimento da obra de André Maurois, as Edições Del Duca publicaram a vida romanceada do autor dos «Três Mosqueteiros», da autoria do escritor norte-americano Guy Endore, sob o título de «O Rei de Paris». Este livro, que há bastante tempo figura na lista dos «best-sellers», contém numerosas anedotas sobre o extraordinário personagem que foi Dumas. Como esta, por exemplo: «Quando tinha a idade de quatro anos, sua mãe o surpreendeu com as enormes pistolas de seu pai, o General Dumas, que havia falecido há pouco. — Que fazes com essas armas? — perguntou a mãe, assombrada. — Vou matar Deus — respondeu gravemente o pequeno Dumas. — Vou castigá-lo porque Ele matou meu pai.»

Jane Mansfield se transformou numa «vendedora de cigarros» durante uma festa de beneficência organizada por um «clube» de Hollywood. No clube encontravam-se quase todas as celebridades da capital mundial do cinema.

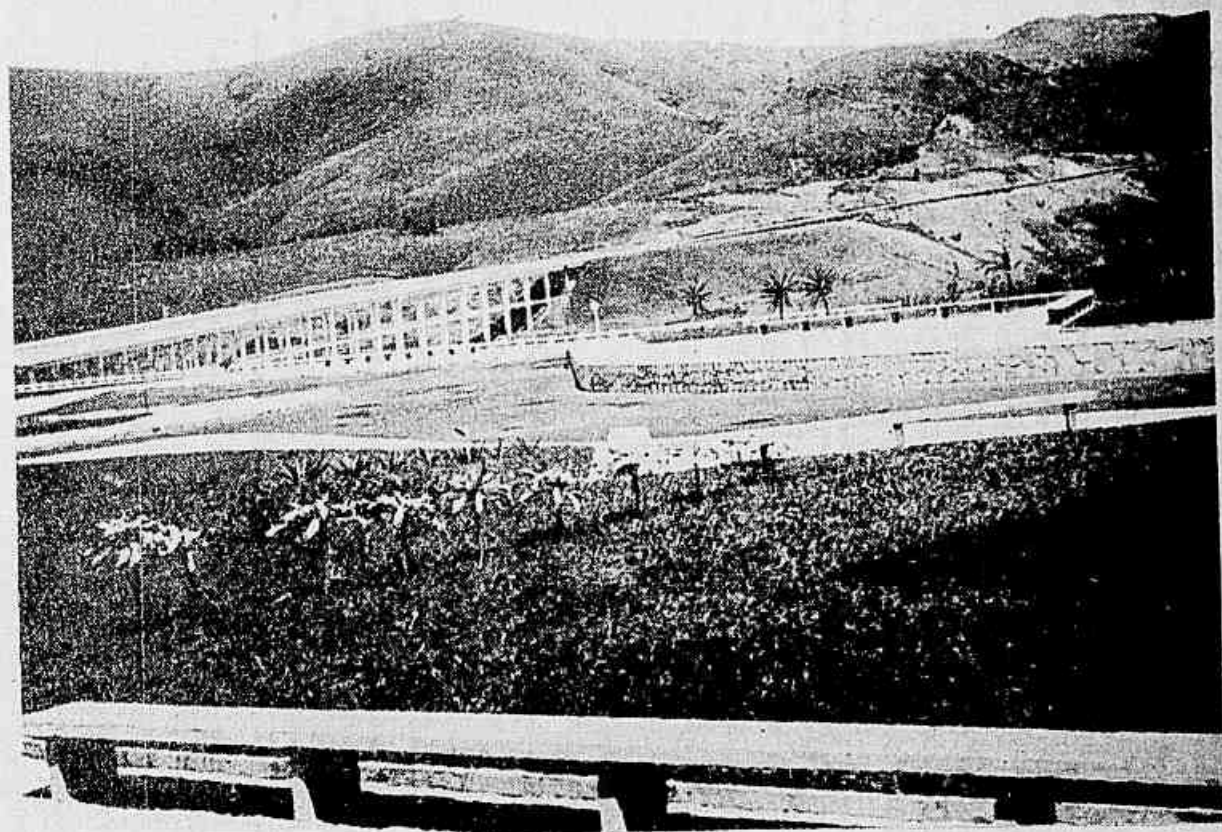


O sultão de Marrocos recebeu em audiência, na semana passada, o conde Franco Dompé, cônsul da República de San Marino, em Milão. O sultão de Marrocos pretende fortalecer o vínculo de amizade entre o mais jovem Estado do mundo com um dos mais antigos.





Em Juiz de Fora, a bela cidade industrial de Minas Gerais, o ônibus da Expresso Brasileiro pára, a fim de que os passageiros almoçem.



Belo aspecto da nova rodovia BR-3, uma das mais modernas e eficientes do Brasil, concluída e inaugurada pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

# RIO — BELO HORIZONTE

UMA SUCESSÃO DE PAISAGENS ADMIRÁVEIS, QUE DISTRAI E EMBELEZA A VISTA

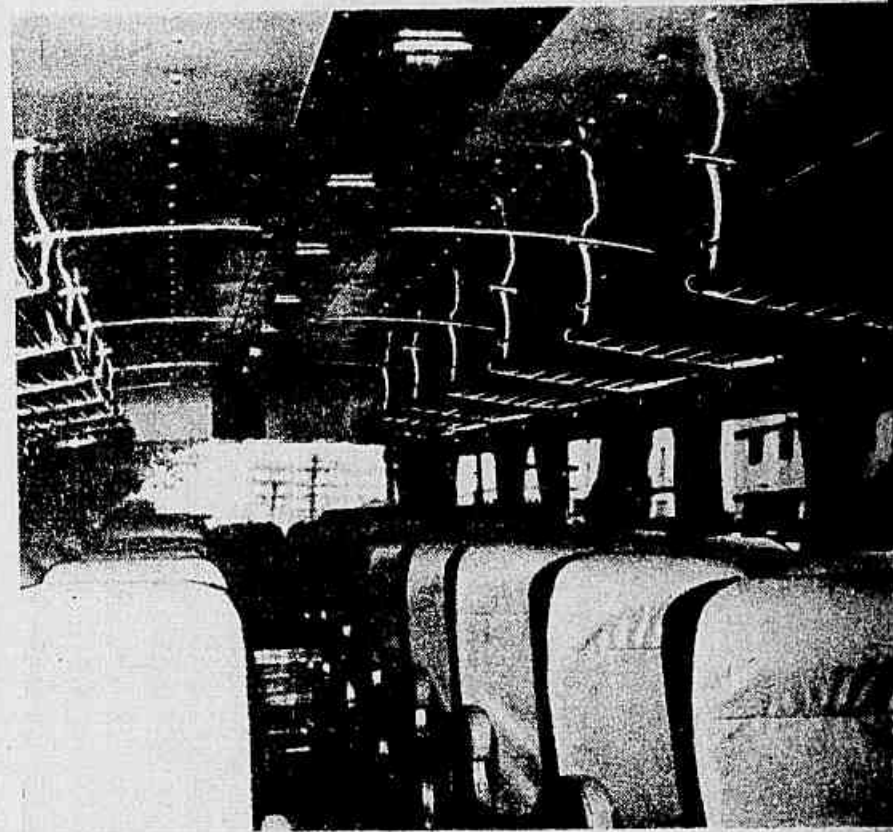
Com a recente inauguração da moderna rodovia BR-3, ligando Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, a Companhia Expresso Brasileiro estabeleceu uma linha entre as duas grandes cidades, nela colocando ônibus tipo 1957, moderníssimos e confortáveis, para o transporte de passageiros e encomendas. Realizando a reportagem fotográfica que estampamos nestas páginas queremos pôr em relêvo as facilidades que proporciona aos passageiros a viagem pelos ônibus da «Expresso Brasileiro», com apreciável economia de tempo e de dinheiro.

As longas horas gastas por um trem de ferro para a realização do grande percurso são reduzidas pelos ônibus para apenas 9, de agradabilíssima viagem, cujo preço da passagem, inferior ao dos trens e dos aviões, é outro fator da preferência que o excelente serviço de coletivos da «Expresso Brasileiro» está merecendo por parte do público. Também a regularidade das viagens possibilita maior tranqüilidade às pessoas que necessitam estar constantemente em contacto com os dois populosos centros brasileiros, pois cerca de 10 veículos partem diariamente da Estação Rodoviária Mariano Pro-

cópio, na Praça Mauá, para Belo Horizonte e vice-versa.

Servidos por profissionais capazes, os motoristas dos ônibus da Companhia Expresso Brasileiro distinguem-se pelo trato afável que dispensam aos passageiros e pela atenção que dedicam ao trabalho. A rodovia, própria a todo e qualquer tipo de veículo contribui para a maior segurança da viagem, que se torna, assim, um maravilhoso passeio, dada a harmonia da paisagem sinuosa dos montes e vales.

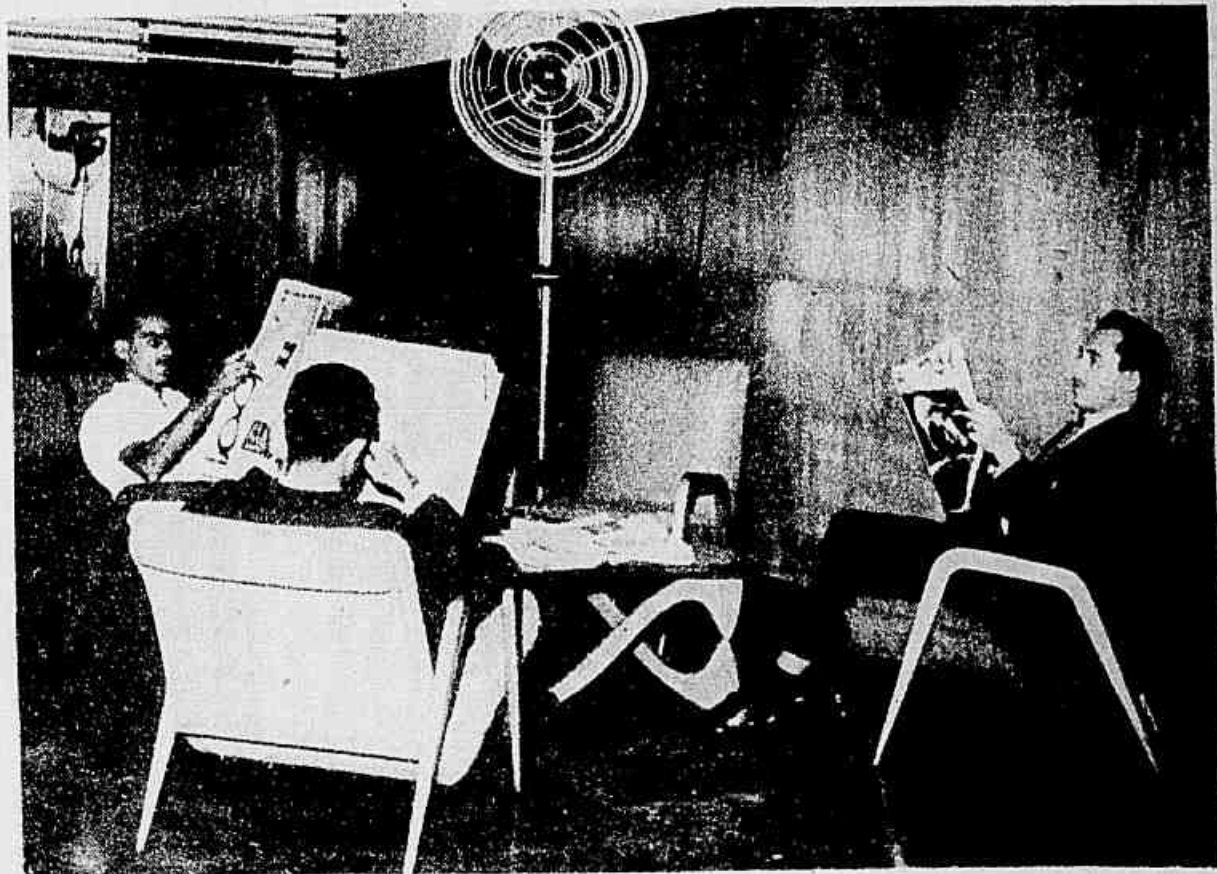
Estradas como a BR-3 são um estímulo ao nosso desenvolvimento econômico, que se completa com a participação de empresas de reconhecida importância como o é a «Expresso Brasileiro». Observando atentamente as fotos que ilustram esta página os leitores poderão ter uma idéia aproximada do que representa em conforto, segurança, rapidez e economia, o magnífico serviço de auto-ônibus que a maior organização brasileira de transportes coletivos está oferecendo ao público através da magnífica estrada de rodagem que liga o Rio a Belo Horizonte, recentemente entregue ao tráfego de veículos pelo Exmo. Sr. Presidente Juscelino Kubitschek.



Oferecendo conforto e segurança aos seus passageiros, viajar num ônibus da Expresso Brasileiro para Belo Horizonte é um maravilhoso passeio.



Aspecto colhido na estação rodoviária Mariano Procópio, antes de um ônibus da Expresso Brasileiro partir com destino a Belo Horizonte.



Na estação rodoviária de Belo Horizonte, os passageiros esperam a hora da saída para o Rio, numa confortável e arejada sala-de-estar.





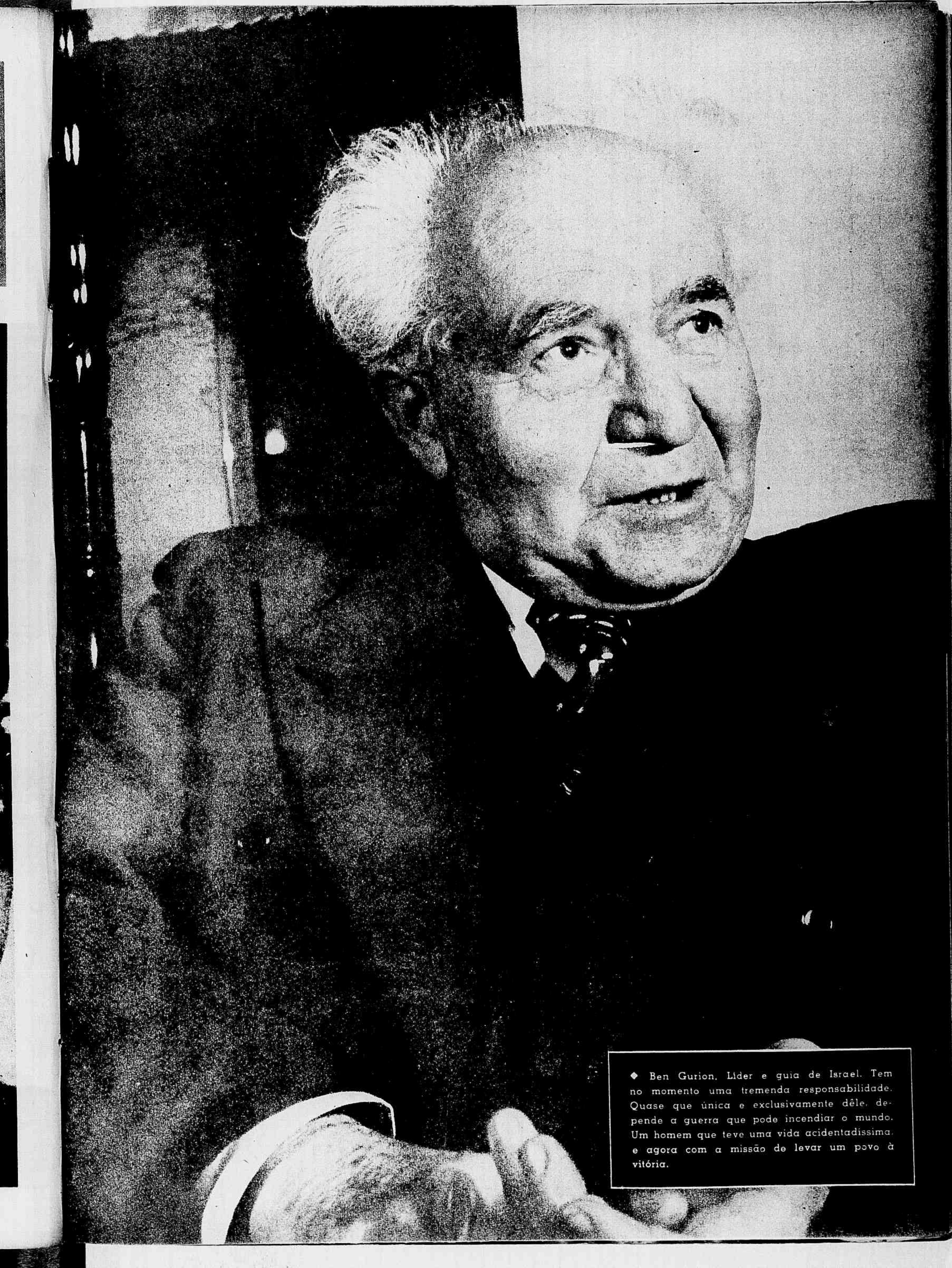
## POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



### YUL BRYNNER DE NOVA ESPÉCIE

◆ Não são duas jovens e sim uma só. A da direita é a mesma da esquerda. É Natalie Daryll, que foi contratada pelo cinema italiano para fazer um filme sobre a vida de Stalin. Ela (no filme) será uma das vítimas do falecido ditador. E antes mesmo de começar a filmagem (talvez para se integrar melhor no papel de vítima) já foi obrigada a raspar os seus belos cabelos. Vejam como ela era, e como ficou.





◆ Ben Gurion, Líder e guia de Israel. Tem no momento uma tremenda responsabilidade. Quase que única e exclusivamente d'ele, depende a guerra que pode incendiar o mundo. Um homem que teve uma vida acidentadíssima, e agora com a missão de levar um povo à vitória.



# NÃO INVEJEM AVA GARDNER



1928

— Ava Gardner tem 5 anos. Está na escola, mas já não gosta. Cabelos encaracolados, lourinha, muito bonitinha. Tem um gênio meio difícil, foge do contato com os colegas e sai correndo para casa. Adora sua mãe, a quem só trata de minha santa. Esse amor, Ava conservaria através dos anos, como uma constante admirável.

## POR ESSE MUNDO DE DEUS



1934

— Colegial de 11 anos, já despontando para a beleza. Tem um sorriso triste, um olhar claro e feições excepcionalmente puras. É muito retraída, esquiva e por força disso quase não tem amigos.



1937

— Tem o primeiro namorado. Os cabelos estão grandes, o brilho dos olhos se acentua, suas formas ganham em sedução. «Àquele tempo», diz Ava, «tinha medo do amor. Era horripelmente tímida e os rapazes não gostavam de mim.»

1938

— Mudou pela primeira vez o penteado. Passou a usar os cabelos para cima. Ganhou em personalidade, mas a timidez se acentuou. «Fui educada muito rigidamente, e guiada principalmente no sentido de evitar as emoções sexuais», diz ela.

1940

— Tem 17 anos. Os estudos não lhe interessam. Não gosta nem de folhear os livros. Já é belíssima, mas a idéia de usar seus atributos físicos como atriz ou como modelo, ainda não lhe passou pela cabeça. Entra pela primeira vez em sociedade.





# ELA É UMA MULHER INFELIZ



1943

— 20 anos. Pensa pela primeira vez em tentar o cinema ou o teatro. Sua beleza chama a atenção onde quer que vá. Entra pela primeira vez no estúdio da Metro, faz um teste e é aprovada. Logo depois é eleita «Miss torta de morango», e sua popularidade começa. Numa «enquete» de um semanário, alguns rapazes dizem que «Ava Gardner é a mulher com quem gostariam de cair num elevador do último andar do Empire State Building». Sua vida muda completamente. Durante alguns meses não faz outra coisa senão ser fotografada.



1947

— Começa seu sucesso real. Sua beleza aumenta, consegue vencer em parte a timidez, mas se queixa do desinteresse dos homens. Mickey Rooney foi o primeiro que levou-a em consideração, que tratou-a como uma mulher de carne e osso, e não um manequim, acumulou-a de atenções, guardou-a com requintes de ternura e de delicadeza. Por isso, Ava Gardner amou-o.



1951

— É uma «estrêla» autêntica e uma mulher completa. Já casou e divorciou. Já virou notícia no mundo todo. Seu temperamento, suas manias, suas características, suas explosões, já foram desvendados pela imprensa ávida de sensacionalismo. As colunas de «gossips» se ocupam dela com uma frequência extraordinária. Ava Gardner ainda tímida, já não se perence mais.

1953

— Faz o que quer e quando quer. Seus filmes são sucessos de bilheteria garantidos e isso é grato ao «coração» dos homens de Hollywood. Seus casos aumentam. Começa a beber sem controle, imoderadamente. Sua beleza incendeia e enlouquece os homens. Prova de tudo, casa e de casa novamente, estimula e destrói homens com um sorriso. Mas sente-se que é cada vez mais infeliz, mais irrealizada.

1957

— Última foto de Ava, últimos rumores. Dizem que vai casar com Walter Chiari. Mas o romance já dura há alguns meses e nada de se decidir. E a própria Ava, desesperada com tanto fracasso matrimonial, diz: «Esta será a última tentativa. Se eu fracassar nesse casamento darei cabo da vida.» Fiquemos por aqui.







O Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro esteve numa tarde brilhante. No grupo estão o presidente do Jockey Club, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, o casal A. J. Peixoto de Castro, o sr. Rubião Júnior, diretor do Jockey Club de São Paulo, o casal Armando Trompowsky, o sr. Alfredo Bernardes.



O elemento feminino deu uma nota de destaque com a sua presença, como mostra êsse flagrante de senhoras e senhorinhas da sociedade.

## ÊXITO SOCIAL E ESPORTIVO DO GRANDE PRÊMIO OUTONO

◆ No primeiro domingo do mês o Hipódromo Brasileiro viveu mais uma das suas grandes tardes. Corria-se o Grande Prêmio Outono, a primeira prova da Tríplice Coroa, aberta aos mais credenciados 3 anos nacionais de nossas pistas. E apesar da chuva incessante, que tornava impraticáveis a «pelouse» e os gramados, o prado famoso apanhou considerável multidão de aficionados, que vibrou com os lances da grande carreira, ganha espetacularmente pelo

magnífico «Ulemá», que em irresistível chegada arrancou do até então invicto «Buru» as galas da vitória. Finda a prova, a diretoria do Jockey Club Brasileiro ofereceu, no Salão das Rosas, uma taça de champagne, acompanhada de finíssimos doces e confeitos, ao criador do vencedor, sr. Peixoto de Castro Jr. e à sua proprietária, sra. Zélia Peixoto de Castro, muito festejados pela conquista do seu valoroso cavalo.



O casal Peixoto de Castro não chegou para os cumprimentos. Na foto o par em companhia de suas filhas e netas e do presidente Mário A. Ribeiro.



Outro grupo no qual estão os diretores do Jockey Club Brasileiro, srs. Álvaro Carijó, Pedro Camargo e Renato Pacheco Filho, e sua família.



**SOCIEDADE**

Por JEFF THOMAS



Conversando: a bela, simpática, inteligente e «preocupada» Maria Aparecida Delamare, e a charmosa, personalíssima e inconfundível Peggy Salles.

# NO COUNTRY: MULHERES BELAS, RAPAZES "BEM" E O ESTADO MAIOR DO SOCIETY CARIOCA





O Príncipe Dom Carlos e a Princesa Denise num «flash» especial para esta coluna. Como este colunista havia noticiado eles «decolaram» de sua longa viagem de núpcias e estão residindo em São Paulo.

Como foi noticiado por esta coluna, os Príncipes Dom Carlos e Denise Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança já regressaram da viagem de núpcias e estão residindo em São Paulo. Quando passaram pelo Rio muita gente tentou comunicar-se com eles, sem sucesso, no entanto.

## Gossips

Somente este colunista descobriu que o jovem casal ficou hospedado no Miramar.

O jovem diplomata Marcos Azambuja escoltava numa recente «soirée», Gilda dos Santos Jacintho, que parece ser no momento seu «date» preferido. Se essa notícia for confirmada, o Azambuja é o primeiro romance da menina Gilda.

As apostas são de dez a um como o casamento da loura Nicole Hime não vai acontecer ainda este ano com o milionário Roberto Seabra. Difícilmente eles poderão surpreender os apostadores.

No Fiesta, o ex-colunista José Mauro numa mesa «a dois», ao fundo, com uma jovem loura de nome Monica Bonato. Pelo jeito eles estavam «in love».

Depois de vários «acaba», «recomeça», «recomeça», «acaba», Roberto Lacerda e Verinha Dolabela finalizaram o tão falado romance de quase um ano. O irrequieto Bob está sem «date», Verinha também. Há quem acredite que eles ainda recomecem. Espero que sim, pois formam um par «suspense» no jovem «high-society».

A grega senhorita Thalia Politis, (a flor das Politis) tem um novo «date». Trata-se de uma figura muito conhecida.

Vera Hime, no «party» do Giglioli, circulava pelos salões, escoltada pelo jovem Lanza D'Ajeta, filho dos embaixadores da Itália. Quando perguntei a Verinha se era seu «date», ela sorridente respondeu: não, meu «date» é outro. E finalizou: vamos ficar noivos breve.

Gilda Maria Chamma, organizando uma me-



A grega Thalia Politis (a Flor das Politis) tem um novo «date».

sa para a «Preview» de Edith Piaf, no próximo dia 26 no Copa.

Fernando Augusto continua saindo (com uma frequência recorde) com Soninha Gadelha. Fala-se em noivado...

Idinha Garavaglia, realmente «suspense» na recente «soirée» de quinta-feira no Sacha's.

## Pequenos Flashes

Foi uma boa promoção da senhora Sara Kubitschek, a «Preview» de «A Casa de Chá do Luar de Agosto», em benefício das Pioneiras Sociais. Conhecidas figuras do «society» e do governo compareceram ao Metro, prestigiando essa iniciativa filantrópica da primeira dama do país. A jovem senhora Lucianita Brean, funcionando atualmente como secretária da senhora Kubitschek, estava numa noite feliz com o sucesso da «Preview».

Na noite de segunda-feira, tive o prazer de conhecer no Sacha's, a inteligente e «suspense» figurinista Gisela Machado que lá estava com



Senhora Sara Kubitschek promoveu a «preview» de «A Casa de Chá do Luar de Agosto» no Metro.

seu espôso, o colunista Carlos Machado e com Fernando Ferreira. Quando os ponteiros se cruzaram (Mid-Night) este colunista começava sua «mudança-de-idade», sendo no momento devidamente brindado pelo casal Machado e por Fernandão Mercê.

Sobre minha «mudança-de-idade» que aconteceu dia 9, quero por esta coluna agradecer as pessoas amigas que telegrafaram (quase 200) e telefonaram. Quero também cumprimentar o meu colega G. de A. cuja «mudança-de-idade» aconteceu no mesmo dia.

Marcada para fim de maio a vinda do famoso figurinista Dior ao Rio, onde acontecerá com uma «soirée-snob» no «Golden-Room» do Copa. O «high-society» feminino já começa a se movimentar com a vinda da maior «vedette» da costura parisiense.

A Sociedade Teatro de Arte continua com suas grandes promoções. Na noite da última quinta-feira apresentou aos seus associados a comédia-musicada de Joaquim Manoel de Macedo, «O Primo da Califórnia».

O conhecido padre Secondi, que já casou muita gente do «high-society» acaba de chegar da Europa.

Pela primeira vez vai ser citado nesta coluna o conhecido humorista e colunista nas horas vagas: Estalialaw Ponte Preta. É só.

Com a abertura da «saíson» a «boite» Fiesta,

está funcionando todas as noites com casa cheia. O órgão de Jorge Henrique tocando muito «suspense». O conhecido «maitre» Costa em atividades.

O número do «Mundo Italiano» que está nas bancas trás uma grande reportagem com a mais «suspense» «leader» do jovem «high-society», Ilde Garavaglia.

Até a próxima.  
O GELOT continua em cima.



Senhora Beck Kablin, faz sucesso com seu novo corte de cabelo. Na foto aparece na recepção do «casamento real» em São Paulo.





O diplomata Carlo Eurico Giglioli o «host» da «soirée-snob» de quinta-feira no Country, sendo cumprimentado pela embaixatriz do jovem «high-society» Ildinha Garavaglia.



As senhoras Deize Quentel e Gilda Sarmanho observam qualquer coisa. A embaixatriz Sarmanho foi uma das mais elegantes no Country. A beleza da senhora Quentel estava muito «suspense».

♦ O Country ficou em festa. Depois do coquetel de Arlete e Décio Moura, este foi o acontecimento mais importante da abertura da «saison». O conhecido diplomata Eurico Giglioli, recebendo para retribuir convites. Como é hábito agora, o coquetel estava marcado para às 19 horas. Mas às 22 ainda chegava gente. Todo o estado maior do «society» carioca presente e em grande forma. Mulheres muito belas, mulheres apenas belas, mulheres querendo passar por belas. Rapazes muito bem, rapazes quase bem e outros querendo forçar limites certos e seguros, e atra-

vessar uma fronteira que não é a sua. Decididamente. A senhora Ivone Lopes dominando incontrastavelmente. A senhora Elizinha Moreira Salles repetindo a «performance» da casa de Arlete e Décio Moura, e sendo novamente a mais bonita da festa. Chamo a atenção de meu colega Mauro Braga: observe atentamente Elizinha Moreira Salles para a lista das mais belas de 1957. O sr. Aluizio Salles (apesar da festa não ser sua), era o mais cumprimentado da noite: compreende-se, pois ele hoje é um dos comandantes do «Jornal do Comércio». A paulis-

ta Beatriz (Beá) Amaral muito bonita e elegante. A elegância masculina mais comentada foi a do Conde (autêntico) Leopoldo Modesto Leal. Entre o «High Society», Ilde Garavaglia era a mais em evidência, a mais simpática, a mais cortejada e a mais uma porção de coisas. Ela é Ilde Garavaglia e chega. Nesse coquetel a «suspense» senhora Leda Galiez organizou um jantar em «petit comité» (num salão ao lado) e dominou-o com a sua presença realmente encantadora.



Senhora Helô Wilensens do «estado maior» do «high-society» carioca conversa com os embaixadores Walter Moreira Salles e Antônio Faria nessa «suspense» «soirée-snob» promovida pelo Giglioli.





CINEMA

Por ELY AZEREDO

O autor da entrevista, saído também do Actor's Studio e hoje já com seu lugar marcado em Hollywood

# ROD STEIGER FALA SOBRE A "ESCOLA" DE ELIA KAZAN

O QUE É O ACTORS' STUDIO DE NEW YORK — «O MÉTODO» RESPONSÁVEL POR JAMES DEAN, MARLON BRANDO, JULIE HARRIS E CARROLL BAKER, EM UM DEPOIMENTO DE ROD STEIGER, O EXCELENTE ATOR DE «SINDICATO DE LADRÕES» E «A GRANDE CHANTAGEM»

**S**OBRE O Método, tem sido escrito tanto absurdo quanto sobre a psicanálise. Nenhum dos dois pode curar... sempre. Assim como não pode haver qualquer garantia de sucesso na vida. A psicanálise pode ajudá-lo a desanuviar a mente, talvez, e a saber mais sobre si mesmo; ajudará a indicar o caminho para a recuperação. O Método não pode curar má interpretação, mas pode melhorá-la. Não pode inventar talento onde não existe nenhum; mas ajuda o ator a analisar seu trabalho e, assim, desenvolver sua personalidade para que ele comece a atuar do interior, e não do exterior de um papel.

♦ **ORIGEM** — O objetivo d'O Método é envolver pessoalmente o ser humano chamado ator. O Actors' Studio de New York, onde O Método é praticado, foi criado em 1947 por Elia Kazan e Cheryl Crawford. Receberam mais tarde a colaboração de Lee Strasberg, que tivera importante participação no Group Theatre da década de trinta. O espectador médio que ouviu falar no Actors' Studio, pensa nele à base de suas duas «estrelas»: Marlon Brando e o falecido James Dean. Sem desconsideração por eles, posso dizer que estão longe de representar os inúmeros atores que desenvolveram sua técnica no Studio — Tom Ewell, Eli Wallach, Eva Marie Saint, Julie Harris, Kim Hunter, Kim Stanley e Karl Malden, entre outros.

Não há nada fundamentalmente novo n'O Método. Sua concepção flui logicamente das idéias do grande Konstantin Stanislavsky. Foi quem

livrou o teatro de inúmeras convenções, quem fez pela primeira vez um estudo detalhado e exaustivo da técnica de interpretação. Compreendeu que muito freqüentemente qualquer intérprete de recursos limitados, se adequadamente organizado, poderia oferecer melhor atuação que alguns artistas mais experientes, porém menos organizados.

Strasberg e Kazan conheciam há muito tempo o método Stanislavsky. Só nos últimos vinte anos o Group Theatre e entidades como o Actors' Studio, através do trabalho de alguns de seus membros no palco e em filmes, introduziram O Método e o fizeram assunto de muita discussão.

O Studio é como um clube. O ator encontra colegas que levam a sério o trabalho. Podemos fazer experiências que são impossíveis quando estamos trabalhando e que não poderíamos fazer quando não estamos trabalhando se não existissem as facilidades que o Studio oferece. Sua maior dádiva: é um lugar onde podemos praticar nosso ofício em atmosfera de mútua compreensão.

♦ **LIBERTAÇÃO** — A interpretação contemporânea é em grande parte baseada em um conjunto de clichês. Está muito longe da experiência humana. O Método procura libertar a personalidade do ator e o ajuda a projetá-la nos papéis que interpreta.

Parecem duas as principais críticas aos resultados d'O Método. (1) Alguns de seus discípulos são iguais em todos os papéis. (2) Suas atuações são cheias de maneirismos.



A  
N

vez um  
eendeu  
dos, se  
alguns

awsky.  
Actors'  
o e em  
cussão.  
vam a  
quando  
estamos  
e. Sua  
atmos-

e parte  
eriência  
o ajuda

(1) Al-  
s atua-



Marlon Brando, o outro estrela do cinema  
'Actors'. Mas tanto ele quanto James Dean  
estão longe de representar os intérpretes  
que desenvolveram nos Estados Unidos



Com a libertação da personalidade do ator há o perigo de que ele (ou o estúdio onde trabalha, se está no cinema) goste da personalidade sob o ponto de vista comercial e tenha pouco interesse em seu desenvolvimento como ator. Isso tem acontecido.

Se, por outro lado, o artista desenvolve seus poderes para projetar a gama de caracteres que tem de representar, consegue amoldar sua personalidade a qualquer papel. Vou exemplificar. Eu sou muito mais gordo que o tipo romântico convencional, mas acho que poderia fazer um papel romântico, desde que acreditasse em meu amor pela pequena. Acho que poderia, porque o amor não conhece peso na vida real.

♦ **CONFIDENCIAS** — Por isto, acho essencial para o ator poder escolher seus papéis e aprovar seus **scripts**. O artista só deveria fazer aquilo que o excita ao trabalho. Isso não significa que não possa ter boa **performance** em papel que não o agrada. Para ser sincero, só fiz «Jubal» (no Brasil: «O Despertar da Paixão») porque me colocou em um nível de salário que me permitiria ser mais exigente quanto aos papéis futuros. Mas o ator só pode oferecer o melhor de seu talento quando acredita na personagem.

Isto se aplica tanto a cenas em separado, quanto ao desenvolvimento geral de uma personagem. Eu tive que fazer uma cena em um restaurante, discutindo como se deveria matar outro homem. Não estava saindo certo. Então percebi que, naturalmente, ninguémalaria sobre tal assunto em voz alta em um restaurante, sem risco de ser ouvido. Comecei a achar repulsiva a comida e o cheiro da mesma junto com o assunto do crime; de tal maneira que me senti doente. Abaixei minha voz e (concentrado no cheiro e no gosto da comida) o personagem pareceu mais culpado, desconfortável, fraco.

Quanto à outra crítica — os maneirismos. Toda personalidade tem maneirismos. O artista não os abandonará enquanto não mergulhar sua personalidade na da personagem que vive. Dificuldades técnicas no desenvolvimento do ator são muitas vezes a causa de maneirismos.

♦ **VIVER O PAPEL** — O ator é instrumento muito delicado, se trabalha como deve. Tem de apresentar sua **performance** exatamente enquanto a «camera» **roda**. Não pode reescrever, como o escritor, ou recomençar uma nova tela, como o pintor. Ele precisa e deve atuar para «o momento»; e construir sua **performance** de momento a momento.

Para muitos atores tornou-se uma convenção pensar a todo momento nas próximas linhas e ações. É exatamente o contrário da liberdade que **O Método** tenta desenvolver. Viva o papel que está interpretando. Crie confiança suficiente para nunca premeditar o diálogo ou ensaiar mentalmente as ações antes que elas aconteçam — antes que você as **faça**, em vez de representá-las!

Muitas vezes a melhor cena é a que não foi ensaiada. Já vi um diretor criar hostilidade entre os artistas — dizer a um católico devoto como sua fé foi desrespeitada pelo outro; lembrar a um judeu os horrores da Gestapo, e assim por diante. Então, em cena, o ator apresenta ódio real, lágrimas reais. O indivíduo foi pessoalmente envolvido — é o que **O Método** ensina. Alguns momentos de meditação, de lembranças do próprio passado, evocam o **mood** necessário ao papel.

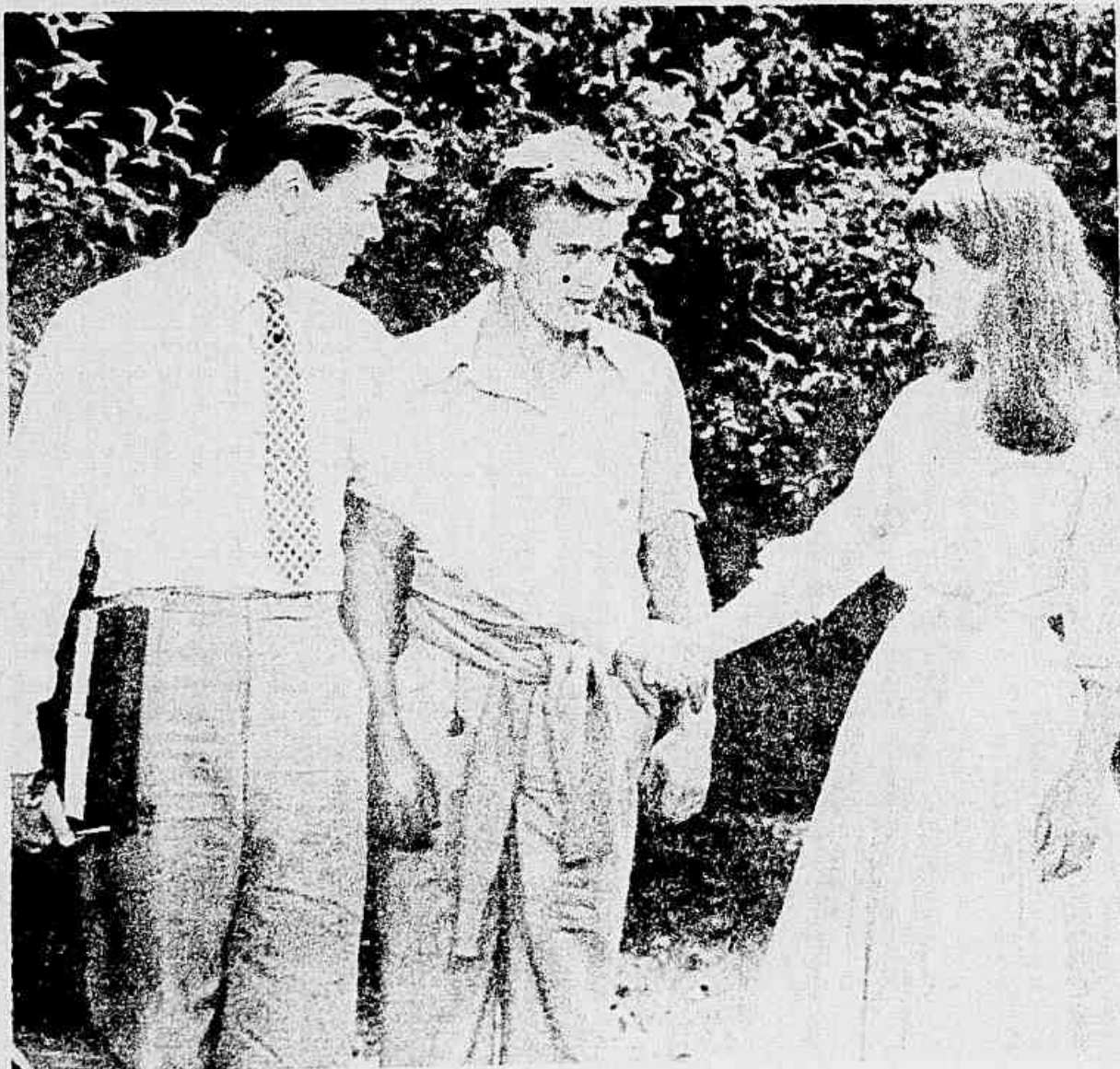
♦ **SOLUÇÕES INDIVIDUAIS** — Cada ator deve-se adaptar a **O Método** à sua maneira, segundo sua inteligência, talento e personalidade. Discutindo em conjunto encontramos certas maneiras de enfrentar uma cena, mas cada um descobre **sua maneira**.

A dificuldade em escrever sobre **O Método**: os resultados podem ser óbvios para o público, mas os caminhos pelos quais foram alcançados são tão elusivos e extremamente pessoais quanto os de um grande musicista cujo bom (ou mau) trabalho tem a mesma acolhida por parte da platéia.

Muito **nonsense** intelectual já foi escrito (e dito) sobre **O Método**. Para ser franco, detesto o pseudo-intelectualismo. Quando escrevem sobre tonalidades freudianas em meu trabalho, não sei a que se referem, francamente. Como sou um ser humano, essas tonalidades devem existir. Mas não dou importância.

Inteligência é outra coisa. Creio que **O Método** está ajudando os atores a desenvolver um prisma inteligente em seu trabalho. Ensina-os a utilizar suas próprias experiências para interpretar situações comparáveis criadas pelos escritores.

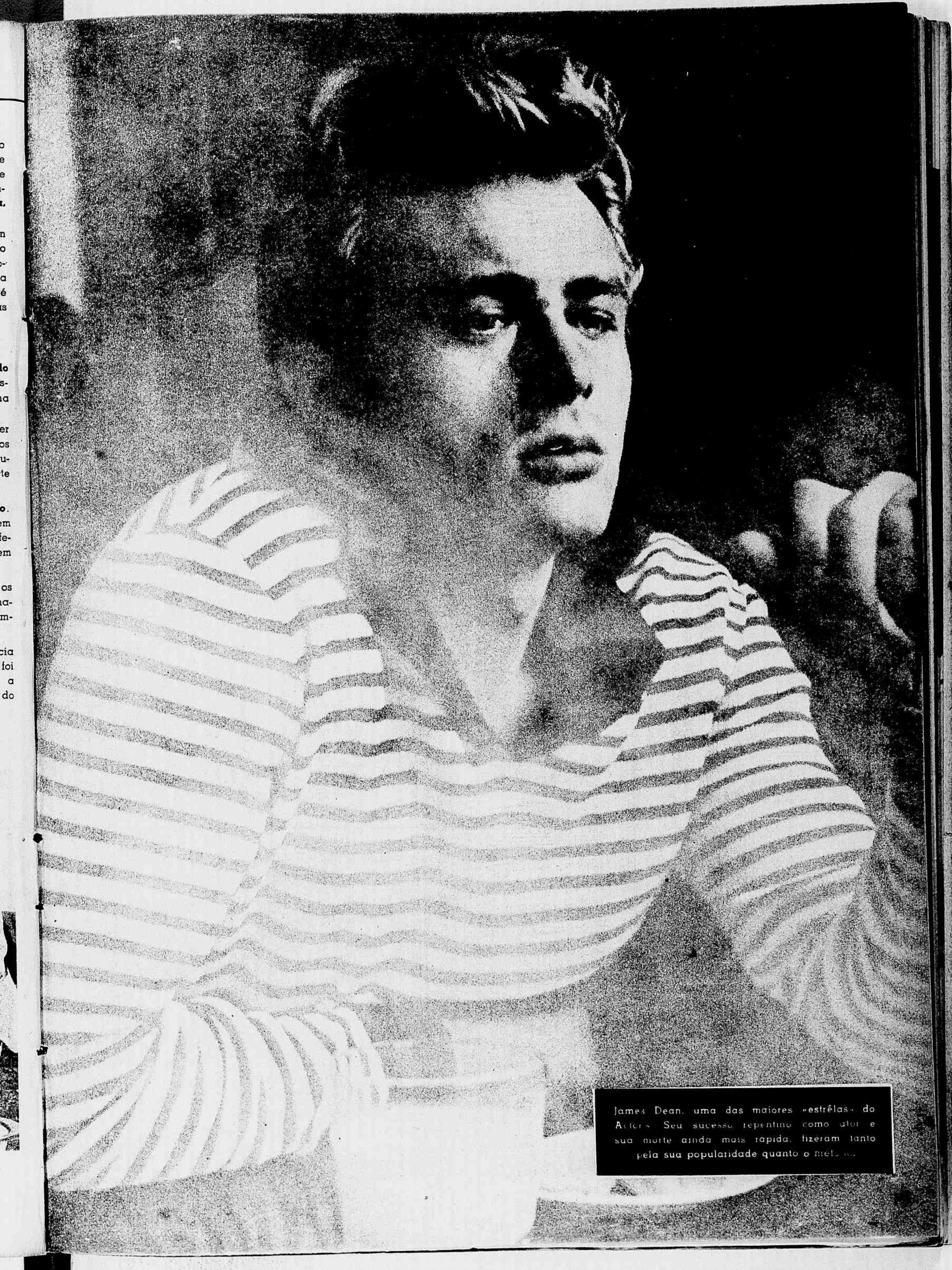
Isto significa que o ator esteja começando a exercer maior influência do que o diretor ou o escritor no produto final? Bem, Shakespeare foi um ator-teatrologo. (...) Se o diretor não acredita no ator como a personagem, esta jamais será aceita pelo espectador. O drama vive do ator e de sua habilidade em refletir a vida.



JULIE HARRIS, QUE FOI A NAMORADA DE JAMES DEAN EM «VIDAS AMARGAS», E CARROLL BAKER, A SENSÇÃO DE «BABY DOLL». AMBAS SAÍRAM DO ACTORS.

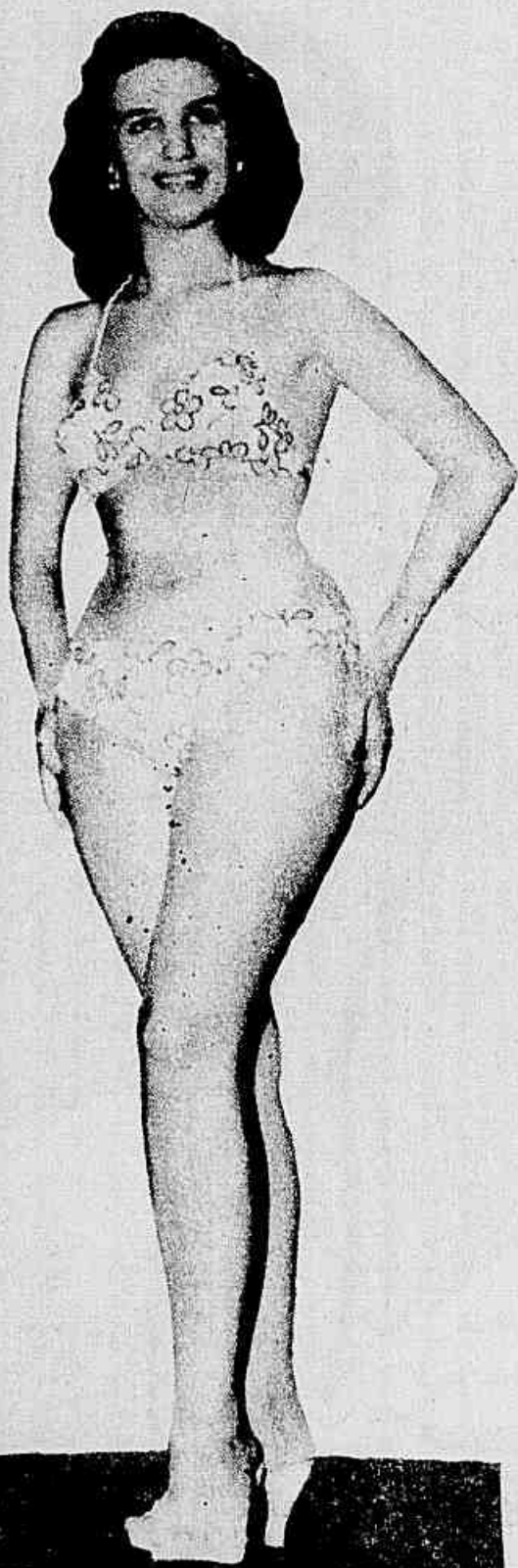


o  
e  
e  
-  
t.  
n  
o  
-  
a  
é  
ts  
  
lo  
s-  
a  
er  
os  
u-  
te  
  
o.  
em  
fe-  
em  
  
os  
ad-  
m-  
  
cia  
foi  
a  
do



James Dean, uma das maiores «estrelas» do  
Actors. Seu sucesso repentino como ator e  
sua morte ainda mais rápida, fizeram tanto  
pela sua popularidade quanto o contrário.





#### A MOÇA DA SEMANA

Vilma Palmer, bela figura dos nossos palcos, atualmente «prestigiando» — segundo Everardo Guilhon — a revista de Nestor de Holanda e Sérgio Porto, no teatrinho Jardel.

A cantora Ângela Maria — como «Brício de Abreu» proclamou aos mundos — recebeu na pia batismal o nome de Abelim. Vai daí que a moça nascida e batizada Ângela Maria, também trouxe uma boa voz e, zelosa de não apresentar-se artisticamente com o seu nome verdadeiro a fim de evitar confusões, adotou, como artístico, o nome legítimo da outra, isto é, Abelim. E agora é que a confusão vai começar.

Recorde absoluto na noite vadia: em menos de um mês de existência, o «Domino» já conseguiu o seu titulozinho protestado. Não pagou o anúncio luminoso.

Com o surto de «órgãos que falam» aparecido nos quatro cantos

#### CRÔNICA

### A PROVA IRREFUTÁVEL

♦ Quando a notícia chegou dizendo que só haveria uma passagem, a tristeza tomou conta do casal e fez mais feio àquele fim de tarde, de ventos não tão suaves. Ele — louco, louco! — antecipara-se. Confiara demais e já havia distribuído notinhas às colunas sociais anunciando a grande viagem. Até coquetel de despedida já havia sido realizado por obra e graça — mais de graça — de um amigo seu, dono de «boite». Que fazer agora? A situação ia ser difícil para ela principalmente, que também já se despedira das boas amigas do joguinho cotidiano de «biriba» (elas diziam que era «bridge», por ser mais «bem», mas era «biriba» mesmo, com «morto» e tudo) e parceiras constantes da mesa do «Sachà's». Ele, porém — louco, louco! — não era de perder o re-laxado assim tão facilmente. Tinha a certeza que ela concordaria em ficar trancada no apartamento durante a sua ausência, sem receber ninguém e sem atender o telefone. Todos, assim, pensariam que ela também teria viajado. Havia, entretanto, Marion, sempre Marion a desconfiar de tudo que ela fazia e a espicaçar — como boa amiga — todas as suas atitudes. Como convencer Marion de que ela também viajara? Simples — pensou. Tomaria o seu casaco de peles emprestado, sob a alegação dos rigores hibernais da Suíça e da falta de tempo para adquirir um próprio. Certo, Marion não se negaria. Pelo menos, pelo prazer de poder depreciá-la

perante as demais amigas. Valiam, porém, os comentários desairosos de que iria ser alvo, pela suprema ventura de fazer inveja a todas elas, quando «voltasse» de terras européias... O casaco de Marion seria o dissipador de dúvidas, a prova irrefutável. Como foi, pois, quando ele voltou — louco, louco! — e ela se libertou do cativeiro de três meses, durante o qual só aparecia para pessoa de sua inteira confiança e de antiguidade garantida, na primeira reunião do joguinho semanal («divertissement», como chamavam) e com a clássica esticada no «Sachà's», ela fez desfilar todas as novidades da Europa, que as amigas ouviam de olhos cubigiosos. Marion, porém, estava em cócegas para interromper o sucesso de sua amiga viajante. E, quando o fez, perguntando pelo casaco emprestado só para diminuí-la, recebeu a resposta desconcertante:

— Ah! querida, o seu casaco eu perdi na Suíça...

♦ Até hoje o sr. Schneider, conceituado negociante a prestações — compra e vende tudo — destes que só tocam a campainha do apartamento nos momentos mais inoportunos, diz não se lembrar de ter realizado transação mais vantajosa que quando comprou um casaco de peles de certa madame em Copacabana, cujo desprendimento por objeto tão valioso o impressionou vivamente.

— Baratíssimo, senhorrr...

### Consumação mínima

do mundo, a «boite» Arpège já tem o seu, manipulado pelo panamenho Cristóvam Muñoz, muito bom por sinal.

O mau gosto das revistas da Praça Tiradentes começa pelo título e acaba na feitura das coristas

• Depois da temporada de Edite Piaf, o Copacabana Palace apresentará um «show», ainda não se sabe por quem produzido. Ainda bem que a poeira vai ser sacudida.

A moda das feijoadas sabatinas está pegando. O Drink entrou no páreo, concorrendo com a Fiesta, ambos com boa frequência.

Reaberto o Clube do Cinema. Nem assim o serviço do Restaurante Roial, onde está funcionando a agremiação de Orêncio Tinoco, melhorou.

O «Club 36», sob nova orientação, pretende apresentar grandes

cartazes nacionais, instrumentistas de preferência, em curtas temporadas.

A obra musical de Ari Barroso vai ser homenageada com o próximo da «Night and Day» (uma ideia antiga de Fernando Lobo), escrito

por Mário Meira Guimarães que, nesta edição, responde ao «pão, pão, queijo, queijo».

Estranhos festivais estão acontecendo numa poética e decantada ilha guanabarina, protagonizados por três conhecidas vedetas e para um público muito privilegiado. Aliás, privilegiadíssimo...

Brocoió para todos vós!



ÂNGELA MARIA  
«Née» Abelim



ABELIM  
«Née» Ângela Maria



## ELAS SÃO A GRAÇA DA NOITE VADIA



VITÓRIA TÓRRES  
«TV-Para Crer», no Jardim



NORMA TAMAR  
«Rio... etc. e tal», na  
«Night and Day»



DALILA LIMA  
«Entrou de Garoto», no  
Recreio



TEREZINHA TAPAIOS  
«Rumo à Brasília», no  
João Caetano

### A ARARA TOPOU

... a «puxada» do «cronista» Zé Carlos chamando-a de sua colega. A bichinha notável, como sabeis, era até agora uma simples vedeta, milagrosamente salva do incêndio da «Night and Day» pelo heroísmo do Zé. Só porque fez um merecido elogio ao sr. Djalma Monte, empregador do Zé, vem o Zé e chama a bichinha de cronista. A Arara ficou muito satisfeita com o reconhecimento dos seus méritos jornalísticos pelo Zé, mas os elogios foram endereçados mesmo ao sr. Djalma Monte, que é o dono da casa onde o Zé trabalha. O Zé fica por conta quando se elogia alguém que não seja ele. Que bobagem é essa, ó Zé?



### A ARARA CHUTOU

... A Arara pensava que o Restaurante Roial tivesse desaparecido — aliás já fora de tempo — para que, no seu lugar, surgisse o Clube do Cinema. Foi justamente o contrário. O Clube do Cinema veio ressurgir o «Roial», com todo o seu péssimo serviço e um «strogonoff» desafiador do «alka-seltzer» — existe — apenas — uma, uma feliz criação de Emilinha Borba, como sabeis. A Arara lamenta que a «agremiação» da gente do cinema — ela ainda será «estrêla» do Lulu de Barros — tenha recomeçado tão mal, pois.



MÁRIO MEIRA GUIMARÃES — revistógrafo  
— responde PÃO, PÃO, QUEIJO, QUEIJO

«EU ESCREVIA O TEXTO, MAS COMO ESCREVO À MÁQUINA, ZILCO RIBEIRO PENSOU QUE EU FOSSE DATILÓGRAFO»

Pão — De quando data a sua «invenção» pelo Zilco Ribeiro?

QUEIJO — Minha estréia no teatro de revista aconteceu com a revista «Tout va très bien». Mas não foi uma «invenção», como disse o sr. co-autor Zilco Ribeiro; foi uma estréia. Enfim, essa pequena confusão não tem importância. Ele está sempre «inventando» coisas, principalmente a meu respeito...

Pão — E se o Zilco mandasse, você rasparia a cabeça à la Yul Brynner?

QUEIJO — Em primeiro lugar, o sr. co-autor Z.R. nunca me «mandou» fazer coisa nenhuma; pedia. Em segundo, sei lá!... Amanhã, o sr. co-autor Z.R. é capaz de descobrir que tem parceria na minha cabeleira e virá me provar que, legalmente, pode proibir que eu use a metade dos meus cabelos...

Pão — Quais os motivos do «rififi» entre você e o Zilco?

QUEIJO — Não houve «rififi» mas, sim, um «entendimento perfeito». Ele me provou que poderia negar a sua autorização (e negou) para a representação de um «nosso» quadro na revista de minha autoria «Ê Fogo na Bica». Dêsse modo, o acôrdo perfeito foi o seguinte: ele interdito um quadro, eu interdi dei todas as revistas que assinamos juntos.

Pão — Afinal, quem escrevia as revistas, você ou o Zilco?

QUEIJO — Bem, eu escrevia o texto, mas como escrevo à máquina, ele pensou que eu fôsse datilógrafo, o que não deixa de ser um raciocínio.

Pão — Existe algum acôrdo para que todo empresário seja co-autor?

QUEIJO — Não, mas existem os co-autores. Uns o são de fato; outros por auto-sugestão...

Pão — Qual o parceiro ideal para as suas produções?

QUEIJO — Creio que, a quatro mãos, com Haroldo Barbosa, seríamos uma boa dupla.

Pão — Antes de ser «inventado», que fazia você?

QUEIJO — Eu era produtor radiofônico, de modo que quando o sr. co-autor Z.R. afirmou que me «inventou», eu me senti muito pólvara...

Pão — É verdade que, no rádio, você é teatral e, no teatro, é radiofônico?

QUEIJO — Os críticos especializados assim disseram. Resolvi essa dúvida hamletiana escrevendo para os dois e me dando muito bem, obrigado, como disse o Estanislau.



Pão — Que história é essa de «mártires do rádio», publicada em recente reportagem?

QUEIJO — «Mártires do Rádio» são os que sofrem para fazer humorismo, super-produzindo para alimentar a fôrma hertziana. Em rádio, para se ganhar mais, tem-se que escrever mais. Somos uns «mártires mercenários», o que rouba a auréola de santidade...

Pão — Sobre que tema será baseado o «show» que você escreverá para a «Night and Day»?

QUEIJO — O título é «Mister Samba» e será uma biografia musicada de Ari Barroso.

Pão — E será um «ôvo noturno», como informou Heron Domingues?

QUEIJO — Ao ser revelado o tema, seria um «ôvo de Colombo» pôsto dentro da noite. Como não se pensou nisso antes, se tanto devemos à música de Ari?

Pão — Você também é adepto da teoria de que o público da Praça Tiradentes não prescinde da obscenidade?

QUEIJO — De modo nenhum. Sou contra a prostituição do riso.

Pão — Existe uma fórmula infalível para o sucesso de uma revista teatral ou um «show» de «boite»?

QUEIJO — Como está cientificamente provado, é mais fácil chegar-se à fórmula da destruição do mundo (que já foi encontrada) do que a do sucesso desse gênero de espetáculos. O público tem mais segredos que os átomos, prótons e isótopos.

Pão — Se convidado, você aceitaria ser parceiro do «Ninguém me Ama»?

QUEIJO — Eu não estranharia se recebesse um telegrama do sr. Flávio Cavalcanti para ir à tevê provar a minha co-autoria.

Pão — Finalizando: você tem tido problemas com o Serviço de Censura?

QUEIJO — Um quadro foi cortado da minha revista «S. Excia., a Vedettes», depois de dois meses em cena. Mas isso me atualiza dentro do meio teatral, pois quem é que não tem problemas com a censura do sr. Hildon Rocha?



## FECHADO PARA BALANÇO

### Amigo Leitor

Esta é a última página, de uma série de 130 em torno de tão poucas idéias, que durante precisamente 2 anos, 6 meses e 2 semanas — como sabe o Assíduo Leitor — venho publicando na sua Revista. E esteja certo de que outras tantas lhe serviria com igual prazer, não fôra para tão grande amor tão curto o humor. (Fechando um olho não pareço Camões?) Ora muito bem: eu me despeço de você e você afinal tira férias de mim. Se por dever de ofício não me entrego às lágrimas, entrego-me ao ba-lanço, que para um humorista é igualmente confrangedor. Aqui estão, pois, algumas piadas já ridas, que com ligeiras remarcações ponho de novo na vitrina. Para você ver como os tempos não mudam... O que muda são os preços. E assim, me voy.

### "A VIDA DIFÍCIL"



— Ele gosta de se exibir.

Isso era em 54. Favor ler com os preços de 57.

### de "NA FILA DO CINEMA"

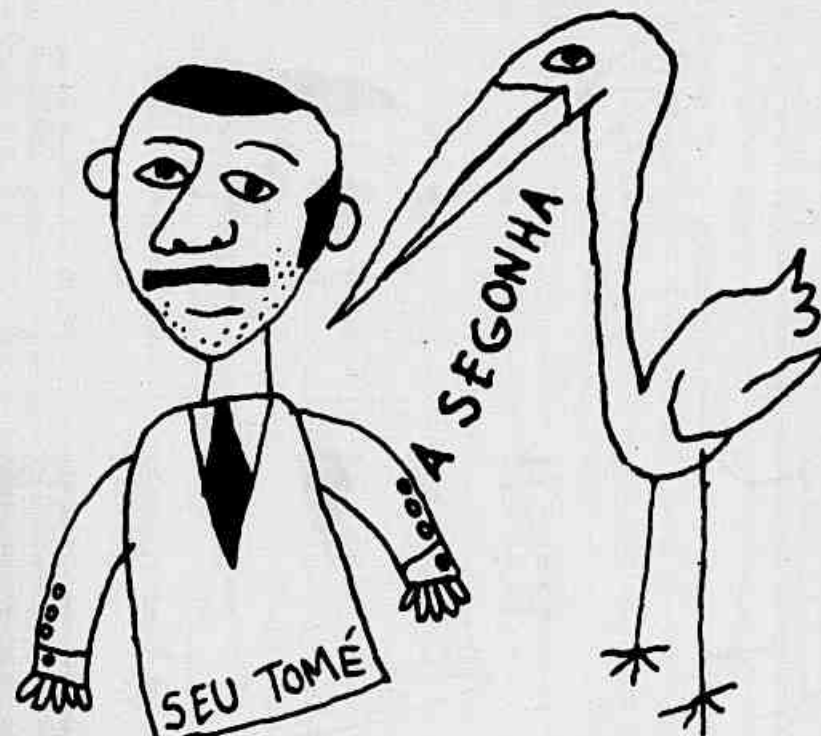
— Formidável! Com a nova lei não se fica mais em pé no cinema!

— Mas em compensação se fica mais tempo em pé na fila.



O BONECO QUE ESQUE- CI: — Se não quer entrar em fila, vá ver filme nacional.

### de "CADERNO DE GAROTO"



Agora já sei porque Mamãe que está esperando a segonha se mudou pro hospital. Seu Tomé da portaria não quer bicho no edifício.

Isso foi naquele tempo. Agora o garoto já conhece essa história de hospital. Seu Tomé da portaria não sabia que ia cair o edifício.



de "SUGESTÕES PARA O CARNAVAL DE 55"

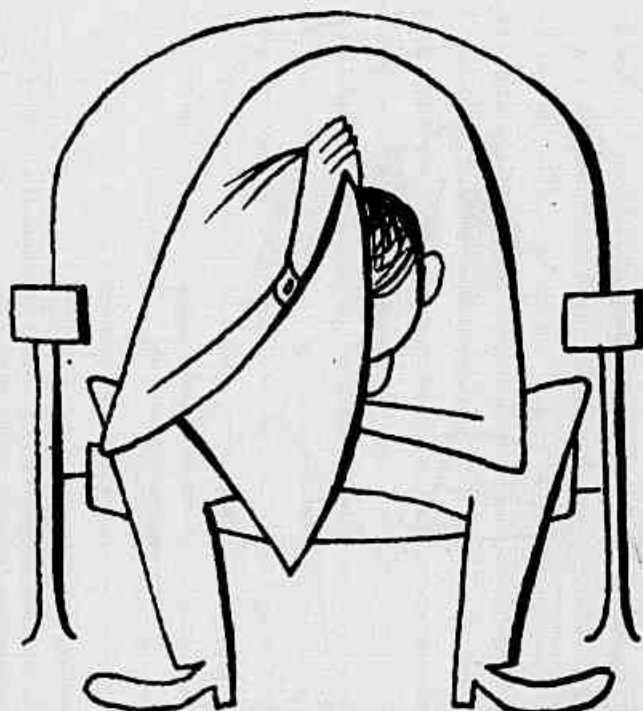


INFLAÇÃO

Especial para senhoritas exuberantes, que dêem de fato ideia de inflação, esta fantasia, confeccionada em cêdulazinhas de 1 cruzeiro, apesar da vasta extensão territorial a cobrir, resulta bem baratinha, dada a desvalorização do nosso papel-moeda.

Antes que seja tarde: para o Carnaval de 58 trate de ir colecionando desde já alguns níqueis para a colecção de brincos, pulseiras e colares a serem acrescentados a esta fantasia, enquanto não desaparecem de todo nossas moedinhas divisionárias.

de "CROQUIS DOS ESPECTADORES"



CIGARRO

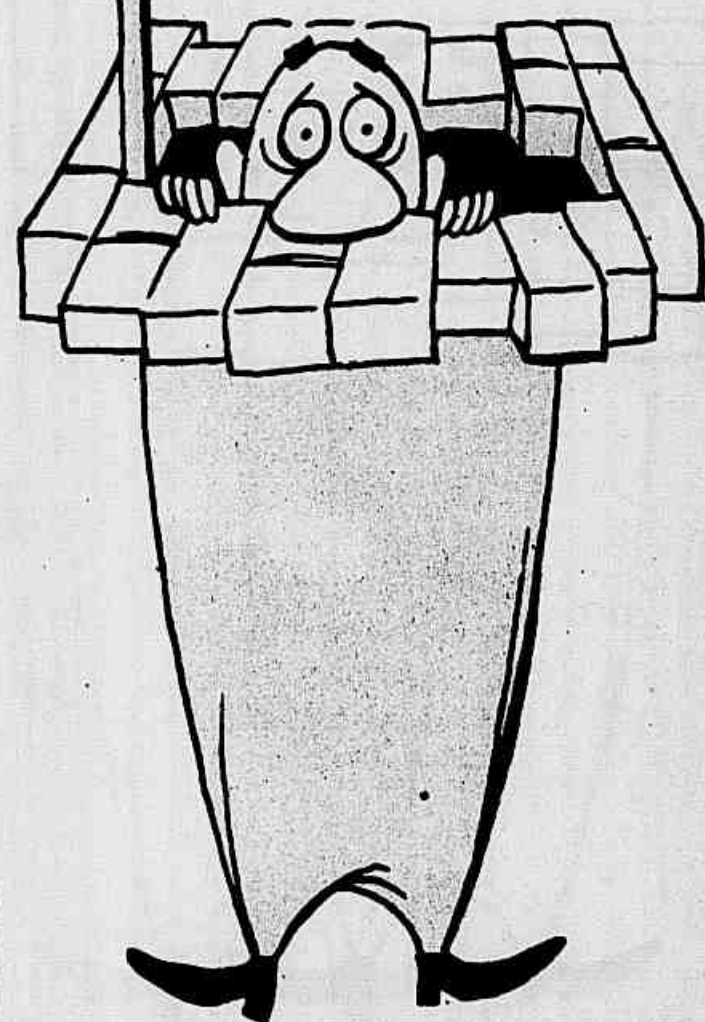
Isso era em 55. Abaixo, o «croquis» corrigido para 57.



CIGARRO

de "AS 10 (FANTASIAS) MAIS (SEM GRAÇA)"

CUIDADO COM O BURACO!



PDF

Onde se lê: «Cuidado com o buraco!» leia-se: «Cuidado com o buraco: PDF, na moeda».

de "ANO NOVO — VIDA NOVA?"

MOMENTOS ANTES da última hora de 1955



Esse negócio de viver nomeando não resolve. Vou me fixar num só, agora no Ano Novo.

MOMENTOS DEPOIS da primeira hora de 1956



Alô! É Inácio, digo: Jorge? Oh, desculpe! É você, Maurício? (Será que nunca acerto o telefone do Reginaldo?)

E aqui chegamos, senhoras, à conclusão de que nenhuma coisa mudou, foram só os nomes das coisas.





HI

TE  
todos  
de n  
no M  
mos,  
e eu  
garan  
sr. N  
ram  
valde  
Antô  
tura  
sabe  
tou,  
aces  
cont

O  
pinta  
cuid  
conv

A  
lícia  
para  
onde  
até  
india

Q  
Vão  
Alo  
vers

C  
invi  
suas  
sr.  
fess

A  
de

◆  
que  
cas  
adv  
exp  
mos  
fase  
Poi  
mes  
lev



# HELIO FERNANDES apresenta

## FATOS E RUMORES

TENHO RECEBIDO muitos apelos e pedidos para contar com todos os detalhes, a organização do Ministério Nereu Ramos, a 11 de novembro. Dêse acontecimento, no Gabinete do general Lott, no Ministério da Guerra, participaram apenas 6 pessoas: Nereu Ramos, Lott, Mascarenhas de Moraes, Flores da Cunha, Armando Falcão e eu. Quando achar oportuno divulgarei também, as razões que obrigaram (o termo é esse mesmo) o sr. Juscelino Kubitschek a aceitar o sr. Nereu Ramos como seu Ministro da Justiça. Dessas razões só tive conhecimento direto as seguintes pessoas: Juscelino, Nereu, Osvaldo Penido, Horácio Lafer, Tancredo Neves, eu, e naturalmente Antônio Balbino. Mesmo o sr. Amaral Peixoto, baluarte da candidatura Juscelino e coordenador de quase todo o Ministério, só veio a saber da escolha quando o sr. Juscelino estava na Itália. Não acreditou, passou-lhe um telegrama, e quando recebeu a resposta, teve um acesso de raiva que durou até a posse do Ministério. Oportunamente contarei detalhadamente os dois fatos.

O SR. CHATEAUBRIAND não quer ver o sr. Ibrahim Sued nem pintado. Quando é convidado para um jantar ou coquetel, tem o cuidado de perguntar se o colunista de «O Globo» também está convidado. Quando a resposta é afirmativa, ele não comparece.

A MELHOR COISA que aconteceu ultimamente no setor da polícia do Distrito Federal, foi a nomeação do sr. Hermes Machado para o Distrito de Copacabana. Enérgico, sério, competente, sabendo onde termina a função da polícia e onde começa a da Justiça (e até quando deve fundir as duas), o sr. Hermes Machado era uma indicação natural para o posto. Parabéns ao Chefe de Polícia.

QUASE FECHADAS as negociações para a filmagem da peça de Vão Gôgo, «Do Tamanho de um Defunto». O estúdio seria o de Aloísio Leite Garcia. E o diretor Armando Couto. O mesmo da versão teatral.

O SR. AFONSO ARINOS fazendo a distinção entre **imunidade** e **inviolabilidade**, apelou para o sr. Vieira de Melo: «relembre, não as suas aulas de professor, mas as provas de aluno.» Acontece que o sr. Vieira de Melo não pôde atender ao apelo, pois nunca foi professor e suas provas de aluno sempre foram muito ruins.

ACERTADÍSSIMA A ESCOLHA do «Jornal do Comércio» no setor de crítica literária. Eduardo Portela, apesar de muito moço é um

dos maiores críticos brasileiros. Já no setor político, a nova direção do jornal cometeu um equívoco lamentável, entregando a chefia a Pedro Gomes. Despedido de quase todos os jornais e revistas onde tem trabalhado, por ser «carreirista» e «furta côr», o jornalista baiano ainda vai dar dor de cabeça aos responsáveis pelo velho jornal.

ADOLFO CLAUDIO GRAÇA COUTO não ficou bem impressionado com Maurício Litman, nem com a sua organização. Litman, que age no setor Punta Del Leste, está interessado em explorar o turismo brasileiro.

O BRIGADEIRO EPAMINONDAS (Ministro de Vargas por 6 dias e um de seus coveiros), quer ser Presidente do Clube Naval. Tem conversado muito com Nereu e com outras autoridades. Mas si tiver 50 votos terá muito.

O SR. SOUZA COSTA (que acaba de falecer) foi 11 anos Ministro da Fazenda de um regime discricionário, e morreu pobre. Nos últimos anos de sua vida, doente e quase sem recursos, foi muito ajudado por verdadeiros amigos. Quando seu mandato no Conselho de Economia (em março de 1955), estava prestes a terminar, o sr. Horácio Lafer foi ao Presidente Café Filho pedir a recondução do ex-Ministro, antigo companheiro de ambos na Comissão de Finanças da Câmara. «Não posso reconduzir um homem doente, que não vai exercer o mandato», disse o sr. Café Filho. Espantado, o sr. Lafer retrucou: «mas é um homem que prestou enormes serviços ao país, e que está quase na miséria.» O sr. Café Filho continuou irredutível e para o lugar do sr. Souza Costa foi nomeado um político.

AMARAL NETO e Carlos Lacerda conversaram demoradamente no sábado, dia 13. O encontro se deu na casa de Carlos Lacerda, e sabe-se que o líder udenista, pelo menos no momento acha que o «Maquis» deve moderar sua linguagem, mesmo que não mude de rumo. A propósito: o sr. Amaral Neto disputa uma vaga na chapa de deputado da UDN.

JEAN POUCHARD (cronista social do «Diário Carioca») viajou para Paris. Essa é sua primeira viagem ao exterior, e dizem que seu grande sonho. Quando voltar, Jean Pouchard pretende abandonar o colunismo diário, e se dedicar à livraria e à editôra de seu pai, Zélio Valverde.

O SR. IVO D'AQUINO confessou a amigos íntimos que a coisa mais absurda que fez em toda a sua vida, foi a denúncia contra o deputado Carlos Lacerda. «Do ponto de vista jurídico», disse ele, «a questão é claríssima e o líder da UDN não é passível de nenhuma punição». Mas a questão foi colocada em termos políticos, e quando um jurista age politicamente o resultado é quase sempre absurdo.

O PRÓXIMO NÚMERO da revista «Maquis», trará pesado ataque à Associação Comercial e ao sr. Rui Gomes de Almeida. O sr. Amaral Neto, diretor de «Maquis», é um profundo conhecedor dos bastidores da Associação Comercial, cujos meandros freqüentou quando colunista econômico da «Tribuna», e secretário do sr. Vicente Galiez.

HUMBERTO ALENCAR, antigo e eficiente jornalista, está chefiando a Divisão de Documentação do IAPC. Excelente escolha.

♦ **Lutero Vargas tem agido com surpreendente lucidez na chamada questão Carlos Lacerda. Tem se batido até com violência contra a cassação do mandato do líder udenista. E nas reuniões do PTB tem advertido a muitos colegas mais exaltados e menos avisados. Costuma expor seu raciocínio da seguinte maneira: «No Distrito, sempre perdemos para Carlos Lacerda. E sempre que ele se encaminha para uma fase de menos brilho, somos nós que nos encarregamos de socorrê-lo. Pois não se iludam: processá-lo ou cassar-lhe o mandato significa o mesmo que dar-lhe munição. Usando uma dessas duas fórmulas vamos levá-lo à Prefeitura ou ao Catete. O melhor é deixá-lo como está.»**





TÔRRES DE MADEIRA E RAPAZES DE MACACÃO SIMBOLIZAVAM O TRABALHO DA PETROBRÁS. «DEFENDER A PETROBRÁS É UM DEVER

# TROTE NACIONALISTA: BOSSA NOVA DOS CALOUROS DE DIREITO

REVISTA DA SEMANA — 56

PATRI

E  
indús  
de No  
tradi  
apres  
do no  
Ter  
elefan  
nhão  
tado





PATRIÓTICO. FRISAM OS ESTUDANTES. «A VASSOURA DE JÂNIO VIROU BROCHA» ASSEGURA A BRUXA E OS SEUS BRUXINHOS.

**E**XIBINDO um canhão antiaéreo, inteiramente feito no Brasil, bem como mais de meia centena de veículos motorizados, produto da indústria nacional, os alunos da Faculdade Nacional de Direito realizaram o seu tradicional trote aos calouros de 1957, apresentando como motivo a exaltação do nacionalismo.

Tendo como "abre-alas" um autêntico elefante que, encarapitado em um caminhão municipal, era valentemente montado por um calouro fantasiado de Tar-

zan, o grande cortejo de mais de um quilômetro de extensão atravessou as ruas da cidade, interrompendo o trânsito e trazendo para a beira das calçadas a população que apreciava a "bossa nova" dos universitários de Direito: o trote motorizado — cansa menos e tem maior repercussão.

◇

Precedia o elefante, alugado a um circo, um esquadrão de cavaleiros, que incluía uma dezena de rapazes representando vários países com os seus trajes

típicos. Logo atrás, uma banda de clarins, tocava alto e anunciava o carro chefe dos estudantes.

Uma alegoria que exaltava o trabalho da Petrobrás com os seus poços pioneiros representados por torres de madeira, e com rapazes vestidos de macacão, completando o ambiente de trabalho dos campos de produção petrolífera. Uma grande legenda em letras negras envolvia o carro alegórico — "Defender a Petrobrás é um dever democrático".

Em seguida, 15 "jeeps" de fabricação



## Trote Nacionalista

nacional (setenta por cento), levando cartazes e alegorias, formavam o grosso do desfile. Rapazes e moças completavam a reduzida lotação de cada um, não faltando estudantes pelas capotas.

O avião de transporte do Presidente Juscelino Kubitschek — o "Vinscount" — e a marcha para Brasília, foram alvos da verve dos estudantes.

Quem não foi poupado foi o deputado Ari Pitombo. Os estudantes fizeram um cartaz no qual davam o seu telefone de casa para que fôsse consultado a propósito dos cadilaques. A legenda "para o povo bondes mais caros, para os deputados carros mais baratos", foi a mais aplaudida.

Também o acôrdo firmado pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos, para a instalação na Ilha de Fernando de Noronha, de um pôsto de contrôle de Teleguiados, não escapou à crítica dos estudantes. Um carro alegórico, tendo no meio um painel em forma de rocha, mostrando um "saloon" e um letreiro "Fernando Noronha's Island" caricaturava o fato.

O principal alvo da irreverência dos universitários da FND foi o desembargador Guilherme Estelita, que conseguiu ser nomeado para a cátedra de Direito Processual sem concurso. Um carro funerário da Santa Casa da Misericórdia, emprestado, carregava um caixão preto, tendo no seu interior um jovem que tam-

Os edificios balançam e já aparecem os feridos. Um estudante todo enfaixado e uma «maquette» de um prédio criticam os últimos desabamentos ocorridos no Rio de Janeiro.



Uma esquadrilha de «Moskitos», inteiramente fabricada no Brasil, desfila em plena Avenida Rio Branco, no meio do trote dos estudantes. Exaltando a indústria nacional os acadêmicos ganharam palmas do povo



sta

vando  
grosso  
tavam  
ão fal-

idente  
nt" —  
vos da

outado  
m um  
ne de  
opósi-  
para o  
depu-  
r mais

gover-  
s, para  
de No-  
e Tele-  
os es-  
do no  
a, mos-  
"Fer-  
rava o

ia dos  
barga-  
seguir  
Direito  
ro fu-  
córdia,  
prêto,  
e tam-

com os  
e uma  
últimos  
Janeiro.

# FERNANDO NORONHA'S ISLAND

## SALOON

FERNANDO NORONHA'S ISLAND — Assim ba-  
tizaram os estudantes a Ilha de Fernando No-  
ronha, depois da chegada dos americanos para  
cuidar dos teleguiados. Um «saloon» à moda  
texana será erigido para diversão de todos, pre-  
dizem os Acadêmicos de Direito no seu trote.



## Trote Nacionalista



ACATEDRA  
DE  
ESTELITA

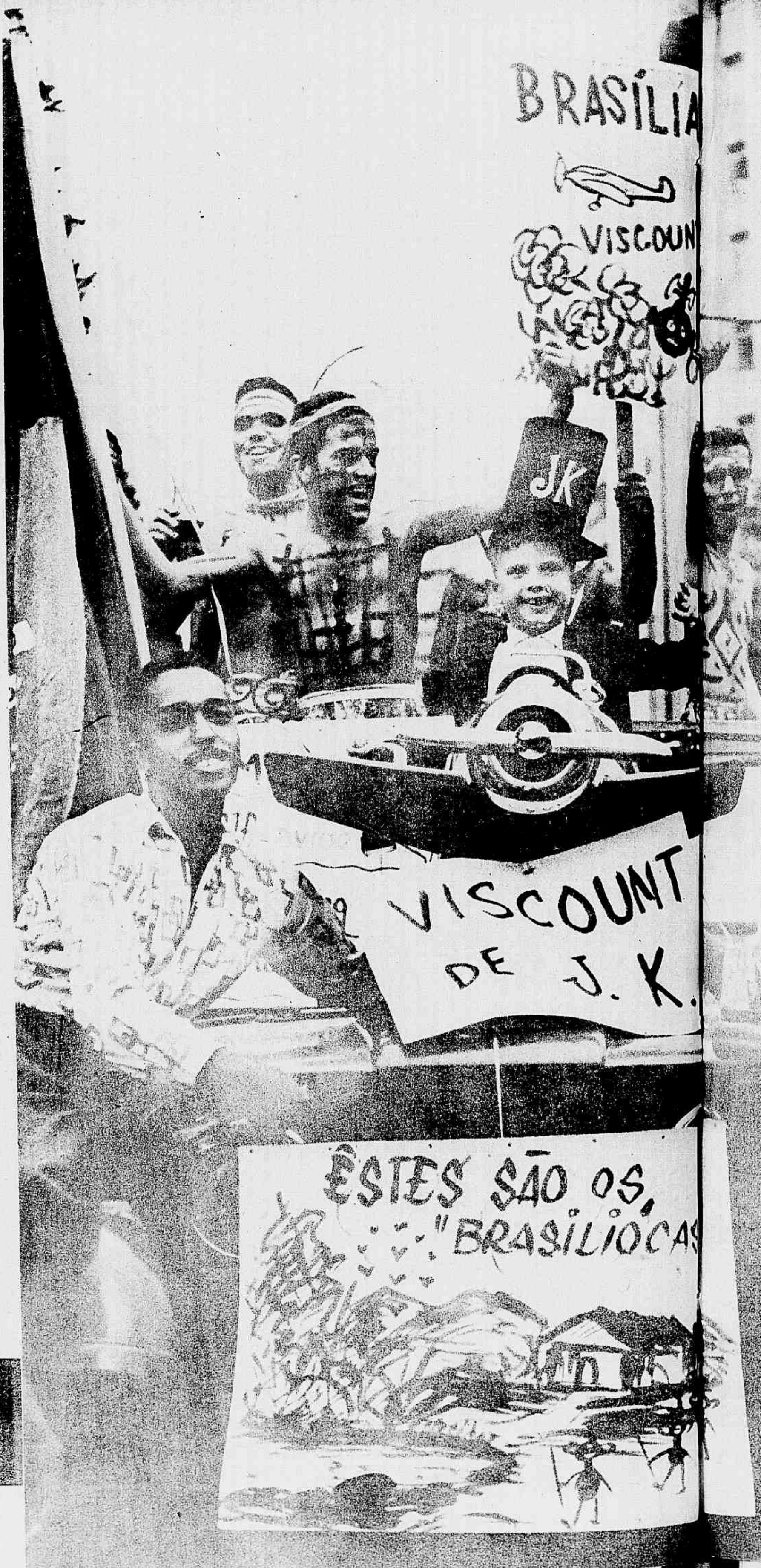
O entêro simbólico do professor Guilherme Estelita foi o ponto alto do desfile. Um carro funerário e um caixão de verdade manifestaram a repulsa dos estudantes pelo «janeleiro».

bém de preto, representava o "enterrado". Como epitáfio a frase: "A cátedra do Estelita".

◇  
**Viva a Indústria** — Encerrava o cortejo, um desfile de automóveis DKV, caminhões da Fábrica Nacional de Motores, um motor inteiramente nacional, montado sobre um chassi de caminhão, um caminhão basculante, ônibus e lotações cujas carrocerias foram produzidas pela indústria nativa. E, por fim, motocicletas (moskitos) construídas em São Paulo, bicicletas a motor e também os pequenos automóveis de três lugares, Romi Izeta.

◇  
**O Exército emprestou o canhão** — O ponto alto do desfile foi um canhão anti-aéreo, emprestado pelo general Odílio Denys aos estudantes, construído pela indústria nacional bélica. Demonstraram os acadêmicos de Direito que, em todos os setores da indústria nacional, se está fazendo alguma coisa em prol dos interesses do Brasil. Já construímos alguma coisa e muito mais se poderá fazer, se de alguma forma, o povo, unido, contribuir. Isto foi o que os estudantes quiseram dizer ao fazer desfilar o seu trote ufanista e 100 por cento nacionalista.

**BRASÍLIA** — Um avião de brinquedo e um garotinho vestido de fraque e cartola, representavam a crítica ao novo avião a jato presidencial (Viscount) e ao viajante, sr. Juscelino Kubitschek. Num cartaz apareciam índios e aviões.







57-8921 — Este é o telefone do deputado Ari Pitombo e que pode ser procurado para tratar de cadilaques, assim diziam os estudantes. Em baixo, o canhão que o general Odílio Denys emprestou para mostrar que a indústria bélica também progride. Resultado: o Exército não foi criticado.







## O DELÍRIO DA VELOCIDADE VITIMOU FRANÇOISE SAGAN

● Como James Dean, Françoise Sagan tinha o delírio da velocidade. Desde que passou a ser sucesso e "menina coqueluche", a romancista não abandonava seus carros de esporte, que gostava de dirigir a grande velocidade. E um deles vitimou-a. A França e o mundo ainda não se refizeram do choque. Na foto, Sagan, dias antes do desastre, termina seu último livro, "Les Paupières Mortes". Por coincidência, embaixo de seu corpo ensanguentado, foram encontrados os manuscritos do romance, que ela iria levar ao seu editor. Mesmo que salve a vida (o que os médicos acham difícil), ela não salvará o romance. Pelo menos terá que refazê-lo, pois muitas páginas se perderam. Esperemos que viva, para salvar a vida e o romance. Seriam duas perdas grandes demais.



**A FIGURA  
EM FOCO**



**JURACY MAGALHÃES**

É como diz o ditado:  
"A coisa vai ou arrebenta  
Com o Juracy, a U.D.N.,  
Criou cabelo na venta!"

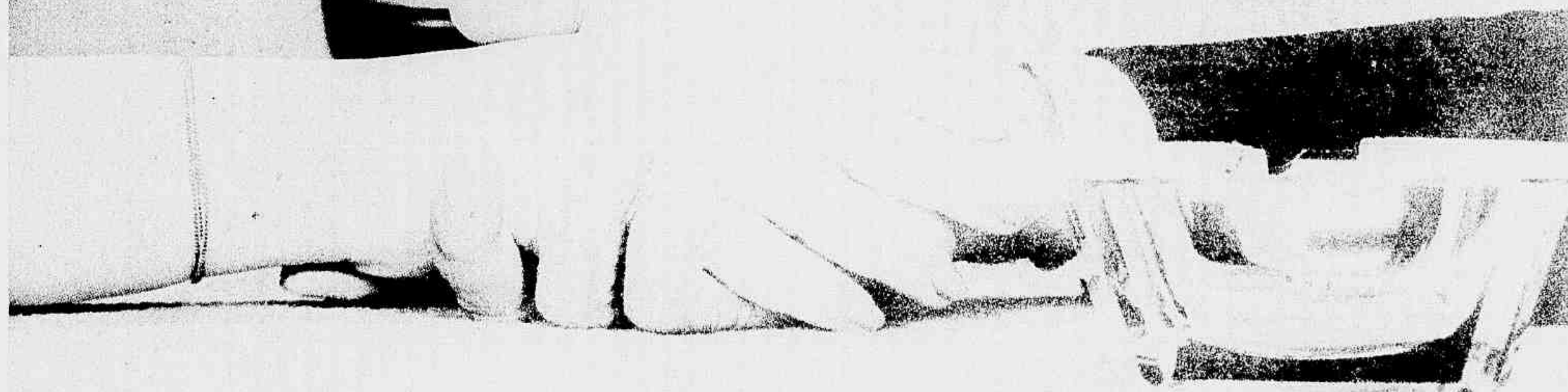
**MEU  
DEZ**

ssou a  
sporte,  
mundo  
a seu  
üenta-  
Mesmo  
lo me-  
salvar





*ela... ele... e*



*cigarros*

# hollywood

*uma tradição de bom-gôsto*

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

